



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS - CAHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

CLÁUDIO MÁRCIO REBOUÇAS DA SILVA

**ENTRE O SINO DO BONFIM E O CHOCALHO DO CÃO: Fé,
Folia e Consumo nas Lavagens da Festa do Senhor do Bonfim
de Muritiba-BA**

CACHOEIRA-BA
2016

CLÁUDIO MÁRCIO REBOUÇAS DA SILVA

**ENTRE O SINO DO BONFIM E O CHOCALHO DO CÃO: Fé,
Folia e Consumo nas Lavagens da Festa do Senhor do Bonfim
de Muritiba-BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador Prof. Dr. Wilson Rogério Penteado Júnior

CACHOEIRA-BA
2016

Ficha Catalográfica: Biblioteca Universitária de Cachoeira - CAHL/UFRB

Silva, Cláudio Márcio Rebouças da

S586e Entre o sino do Bonfim e o chocalho do cão: fé, folia e consumo nas lavagens da festa do Senhor do Bonfim de Muritiba – BA. / Cláudio Márcio Rebouças da Silva. – Cachoeira, 2016.

136 f.: il.; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Wilson Rogério Penteado Júnior.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes, Humanidades e Letras, 2016.

1. Bonfim, Senhor do, Festa do. 2. Festa religiosa – Muritiba (BA). 3. Sociologia urbana. 4. Muritiba (BA) – Usos e costumes religiosos. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes, Humanidades e Letras. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: cultura, desigualdade e desenvolvimento. II. Título.

CDD: 726(813)

CLÁUDIO MÁRCIO REBOUÇAS DA SILVA

**ENTRE O SINO DO BONFIM E O CHOCALHO DO CÃO: Fé,
Folia e Consumo nas Lavagens da Festa do Bonfim
de Muritiba-BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA:

Professora Dr^a. Maria Salete Souza Nery (UFRB)

Professor Dr. Edson Silva de Farias (UnB)

Professor Dr. Wilson Rogério Penteado Júnior (UFRB)- Orientador

Aprovado em 13\07\16

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa a minha esposa Jussi. Você foi a maior responsável em provocar em mim outro ser. Muito Obrigado! Sabe de uma coisa? Após dez anos de casados penso que essa foi uma das melhores escolhas da minha vida. Sou teu devoto-folião, você é minha festa!

A pequena Clarice Vitória (in memorian), pois, a seu modo, me ensinou que a vida é uma festa!

Ao professor Paulo José (in memorian), símbolo de dedicação e amor às manifestações culturais da cidade serrana do Recôncavo da Bahia.

AGRADECIMENTOS

A festa popular de caráter massivo é um fenômeno complexo e multifacetado. Não se pode negar que nela a vida pode ser reinventada-celebrada a partir de experiências lúdicas mercantilizadas com dimensões miméticas tanto no processo de rememorar práticas culturais pelos grupos que a compõem, quanto seu aspecto corpóreo que envolve necessariamente rituais de sociabilidades, uma vez que, laços são construídos, fortalecidos e, não menos, desfeitos.

Todavia, uma das facetas da festa é a gratidão, ou seja, pode ser por uma graça alcançada, pela oportunidade de rever familiares e amigos, pelo fato de conhecer novas pessoas ou cidade e, até mesmo, poder postar nas redes sociais mais “uma festa”. Assim sendo, para além dos votos e súplicas, a gratidão demonstra leveza no coração de devotos-foliões e sinalizam um processo de alteridade, uma vez que, seja numa dimensão mística sobrenatural e ou humana, tais indivíduos sociais são relacionais, logo, ser grato implica em ato de humildade e de interdependência.

Dessa forma, sinalizo aqui nomes, grupos e instituições que proporcionaram o desenvolvimento da pesquisa. Logo, ao Deus (Pai-Mãe) de bondade e ternura no olhar que percorreu ao meu lado as ruas da cidade entre o sino do Bonfim e o chocalho do "cão", muito obrigado! Minha gratidão ao Deus que sabe festejar, que sabe dançar. Ao Deus que ama o chão do Recôncavo da Bahia em sua diversidade de cores, sons, sabores, credos e, ao som do pandeiro abre um sorriso e convida-me a fé-festa.

Semelhantemente, sou extremamente grato a minha família. Cada um(a) a seu modo acreditou e apoiou minha trajetória. No aconchego familiar encontrei orações, palavras de apoio e livros. Grato aos meus pais (Icléa e Deda) que com muito carinho e dedicação festejam este momento de minha jornada. Sim, sei que suas mãos e colo estão disponíveis para mim... Mainha e Painho, muito obrigado, amo vocês!

Grato a meu irmão (Neto) e minhas irmãs (Josy, Taty e Paty). Vocês são exemplos para mim! Assim como um folião aguarda a lavagem a fim de acessarem momentos de celebração da vida, aguardo vocês na janela, nas esquinas e praças da cidade. Vocês são a minha festa! Como não celebrar tendo vocês, meus cunhados (Romilton, Wagner, Júnior) e cunhadas (Dai e Vanessa) por perto? Vocês

e a festa tem algo em comum, são explosão de vida! Arthur, Rai, Guga, Clarice (in memoriam), Gui, Daniel e Davi confirmam isso, não? Cada criança dessas faz o caminhar do tio uma festa!

Ora, falando em tio, obrigado Josete, Icleide, Iclelia, Laise, Claudionor e José Wilson e ainda ao meu avô José. Tudo de bom para vocês, pois, também possibilitam este momento mágico que me encontro. Valeu! Também sou extremamente grato a minha sogra que vem sendo outra mãe na minha jornada (Valdelice), sogro (Zelito) e concunhado (Reinaldo) quanto acolhimento e solidariedade. Valeu!

Bem, sou também reverendo da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil de Muritiba, logo, grato a essa família. Tenho consciência que muitas orações foram feitas por mim e fui fortalecido em dias difíceis... Obrigado! Vamos continuar construindo diálogos entre a bíblia e outros saberes, entre esses, o sociológico, evidentemente!

Como não fui bolsista no PPGCS, a ajuda na aquisição de livros por meus familiares, pelos de Jussi e também de eclesianos da comunidade, foi de extrema relevância para desenvolver minha pesquisa. Com intensidade sou agradecido!

Como não ser grato ao governo público federal administrado pelo Partido dos Trabalhadores (PT) tanto no mandato do presidente Luis Inácio Lula da Silva e da presidenta Dilma Rousseff? Aqui na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia pude fazer graduação e mestrado em Ciências Sociais. Essa experiência em minha jornada foi relevante, imagina na vida de estudantes negros e negras, da zona rural, filhos de pedreiros, costureiras, lavadeiras? Aqui no território do Recôncavo entendemos que mesmo a “cana sendo moída-esmagada, ela produz doçura”. Vida longa a UFRB.

Também agradeço pelos colaboradores da minha pesquisa, isto é, os “agentes especializados da cultura”, os “guardiões da cultura popular”, os foliões e o poder público municipal, uma vez que, possibilitaram essa reflexão como mais uma narrativa em processo do que é esquecido- lembrado.

Grato a amiga e professora Dr^a Maria Salete de Souza Nery. Você despertou em mim a necessidade de exercer um olhar sociológico para o mundo ao meu redor. Sou grato pelo apoio em palavras e textos. Você é uma profissional e intelectual exemplar! Uma referência na minha vida. Obrigado pelo acolhimento e por acreditar em meu potencial.

Grato ao meu orientador o professor Dr. Wilson Rogério Penteado Júnior. Antropólogo que faz com que eu coloque um pé na sociologia e outro na antropologia. Intelectual responsável que se tornou um modelo em minha caminhada. Muito obrigado por tudo, parceiro!

Grato ao professor Dr. Edson Silva de Farias. Para mim, símbolo de compromisso com o saber sociológico. Obrigado pela generosidade de participar deste momento da minha vida.

A cada estudante do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRB (PPGCS). Aos professores, servidores e terceirizados, muito obrigado. Como não agradecer ao grupo de pesquisa Corpo, Socialização e Expressões Culturais (ECCOS-UFRB)? A cada integrante, valeu!

Por último, mas, não menos importante, minha gratidão aos integrantes do Artigo 157\ tomando o conhecimento de assalto. Valeu, Paulo Roberto, Valdir Alves, Matheus Barros, Ezequias Amorim, Marcus Bernardes, June Alfred, Janaina Palma e, somando a esses, o parceiro historiador João Paulo. Reafirmo que foi bom ter encontrado vocês no caminho.

Toda estrutura é um arranjo entre muitos arranjos, reais ou possíveis. Portanto, é, ao mesmo tempo, menos do que é, podendo ser substituída por uma infinidade de outras estruturas, e bem mais do que é, pois carrega dentro de si esta mesma infinidade. Na festa, o homem nasce para si mesmo. A identidade é recuperada (para logo ser outra vez perdida) na efervescência da comunhão. Tendo chegado até este tempo através de tantas tristezas e de tantos trabalhos, somos dominados pela alegria de por um momento sermos o que somos, ainda que tudo vá se acabar na quarta-feira. E esboçamos os passos da dança que, enquanto dura, detém o tempo e anula a morte. (Léa Freitas Perez).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
INTRODUÇÃO: ESPETADO PELO TRIDENTE DO CÃO	17
1. ATOS ANUNCIADORES: A FESTA JÁ COMEÇOU	41
1.1. HOJE TÊM LAVAGEM: CONSUMO DE FOLIA NA FESTA DO SENHOR DO BONFIM DE MURITIBA-BA.	50
1.2 A LAVAGEM COMO SÍNTESE DA FESTA.....	67
1.3 TÔ TE ESPERANDO NA JANELA: MANIFESTAÇÃO E TRADIÇÃO POPULAR.....	84
2. COMUNIDADE (FESTIVA) IMAGINADA E AS MEDIAÇÕES DOS DIFERENTES AGENTES	94
2.1 FESTA DO BONFIM EM MURITIBA: EXPRESSÕES CULTURAIS EM DISPUTAS	114
2.2 FOLIÕES NA ESTRADA: HOJE TEM FESTA EM MURITIBA	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS: FIM DE FESTA	135
REFERÊNCIAS	141

RESUMO

Frequentemente o território do Recôncavo da Bahia no que tange a sua dimensão “festiva” é caracterizado por seu sincretismo nas festas de largo, onde, a fé e a folia geram um ethos peculiar no modo de experimentar o cotidiano, isso porque a festa popular de caráter massivo é um fenômeno social polifônico e multifacetado. Dessa forma, a presente dissertação centra-se na compreensão da triangulação fé-folia-consumo na rede-festiva do Senhor do Bonfim de Muritiba-Ba. Parto portanto do sociólogo Norbert Elias assumindo assim uma perspectiva sócio-antropológica figuracional da festa e, através do trabalho de campo e de entrevistas semiestruturadas, construí uma narrativa etnográfica fazendo conexões entre os “agentes especializados da cultura”, os “guardiões da cultura popular”, os foliões, o “poder público” e não menos os demais muritibanos que participam indiretamente da festa sob o olhar nas janelas e portas de suas casas, isto é, percebi tensões, mediações e cumplicidades entre os grupos que compõem a festa. Deste modo, diante das múltiplas expressões culturais como: bandeira, pregão, baianas, músicos, lavagens (com e sem abadás), “cães” (são homens e mulheres que pintam os seus corpos com óleo queimado, alguns possuem animais peçonhentos, chifres, tridentes e quase sempre eram relacionados a representações diabólicas), caretas, muquiranas, carreata, procissão, etc., encontrei devotos-foliões que acionam sons, cores, sabores, memórias, emoções e experiências de vida. Afirmando então que as lavagens representam um espaço demasiadamente complexo numa mistura de máscaras, de fantasias, de rixas, de estigmas, de resistências, de prestígios, de disputas, de interesses, de idades, de classes, e até mesmo de credos, formando uma síntese da festa, logo, é evidente que entre o sino do Bonfim e o chocalho do “cão” os indivíduos se fazem presentes em rituais de passagens, em ocasiões religiosas, enfim, nas diversas situações de euforia-encantamento nas ruas da cidade em que os devotos-foliões criam e recriam práticas culturais através de ambivalências entre processos de mudança-permanência, assim como, de uma liberdade-controlada.

Palavras-Chave: Festa, Lavagem, Fé, Folia, Consumo

ABSTRACT

The territory denominated Recôncavo da Bahia in the aspect of its "festive" dimension is often characterized by its syncretism in street festivals, where faith and revelry generate a peculiar ethic to experience the everyday mode, this because the popular party's massive character is being a polyphonic and multifaceted social phenomenon. Thus, this dissertation focuses on the understanding of triangulation faith-revelry-consumption in the festive-net of Senhor do Bonfim of Muritiba-Ba. Therefore I've started from the sociologist Norbert Elias thus assuming a figurational socio-anthropological perspective of the party and, through fieldwork and semi-structured interviews, I have built an ethnographic narrative making connections between "specialized agents of culture", the "guardians of popular culture" the revellers, the "government" and not least the rest of the local community of Muritiba participating indirectly from the point of view of their windows and doors in their houses, ie I have noticed tensions, negotiations and complicities between the groups that make up the party. Thus, given the multiple cultural expressions such as: flag, "pregão", "baianas", musicians, washes (with and without "abadás"), "cães" (men and women who paint their bodies with burnt oil, some having poisonous animals, horns, tridents and almost always related to diabolic representations), "caretas", "muquiranas", motorcade, procession etc. I have found devotees-revellers that trigger sounds, colors, flavors, memories, emotions and life experiences. I assert then that washes represent an overly complex space in a mixture of masks, costumes, brawls, stigmata, resistance, prestige, disputes of interests, ages, classes and even creeds, forming a syntheesis of the party, then it is clear that between the Bonfim's bell and cão's rattle, the individuals become present in rites of passage, in religious situations, and finally, in the various situations of euphoria-enchantment in the streets of town where devotees-revellers create and recreate cultural practices through ambivalences between change-permanece processes, as well as a controlled-freedom.

Keywords: Party, Washing, Faith, Revelry, Consumption

APRESENTAÇÃO

As recordações não são nunca límpidas, cristalinas, elas repousam no fundo de uma tela recoberta por camadas superpostas de tinta. Diz-se que o pentimento de um quadro é o vestígio de uma composição anterior, as mudanças feitas pelo pintor, seu arrependimento, encobrem os passos do desenho original. A trilha de seu passado somente é revelada através de uma cuidadosa recuperação arqueológica. Revelar o pentimento da memória é uma tarefa delicada, é preciso cuidadosamente raspar a superfície visível de sua expressão, as marcas que encontramos, ocultas à primeira vista, testemunham uma intenção apagada pelo tempo. (ORTIZ, 2010, p.7)

Construir uma dissertação é um desafio cheio de (des)encantos, sobretudo para o pesquisador que busca escrever linhas de diferença, que fujam dos padrões estabelecidos pela “legítima investigação acadêmica”, das regras pulverizadas entre metodologia, dados e teoria e que por fim, almeja inserir-se no processo da pesquisa, adentrando em cada rua e viela, dobrando esquinas, percebendo rastros de emoções e sentindo os corpos que tocam a vida e demarcam tempos e espaços. Sinalizo desde já que o modelo acadêmico é mais uma forma de interpretar o mundo, isto é, os saberes são diversos e estão em espaços de disputas. Todavia, acreditando nos critérios de cientificidade, desenvolvi a minha pesquisa etnográfica na qual para melhor entendimento do leitor, parto de um olhar de minha trajetória de vida, até chegar ao tema proposto a ser estudado.

Tenho 33 anos de idade, nasci em Muritiba (cidade serrana do Recôncavo da Bahia) onde meus pais tinham uma padaria (não há mais o comércio, contudo, ainda são vivos). A nossa socialização (minha e dos meus irmãos, 2 homens e 3 mulheres) foi marcada fortemente por instituições como: família, escola e religião. Evidente que essas categorias são construtos sócio-históricos e não necessariamente instituições fixas e homogêneas, mas minha educação deu-se pela referência familiar heteronormativa, tive acesso aos estudos da educação básica em escolas particulares entre as cidades de Muritiba, Cachoeira e Cruz das Almas e por fim e não menos importante, experimentei o pertencimento religioso cristão protestante, onde desde muito cedo, no dia de domingo, ia para a igreja exercitar e inculcar valores de fé, de fraternidade e de justiça social.

Trago a memória que já entre dezesseis e dezessete anos por diversas razões (subjetivas e sociais) percebi uma vocação para o ministério pastoral. Assim,

acabando o ensino médio, fui estudar em Feira de Santana no Seminário Teológico Batista do Nordeste (STBNe) durante 4 anos (de 2002 até 2005), o que me garantiu o título de Bacharel em Teologia. Nesse momento, é válido destacar que por mais que muitos não percebam e ou queiram homogeneizar, o protestantismo é plural e, por eu defender uma teologia da libertação com diálogo ecumênico, ou seja, uma teologia a partir do nordeste brasileiro e suas diversidades culturais que implicam necessariamente em releituras da Bíblia com demandas de grupos étnicos identitários como: negro, feminista, indígena, gay, etc, logo, fui eliminado da igreja a qual me viu crescer e me enviou para o seminário, a saber: Primeira Igreja Batista de Muritiba. Bem, hoje sou reverendo da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (IPU) de Muritiba, onde ainda que algumas dessas temáticas sejam tensionadas na caminhada, é possível mesas de diálogo.

Ah, já iria cometer um erro gravíssimo. Preciso sinalizar que por ser um jovem gordo, carreguei problemas com a minha autoestima me sentindo feio e burro durante muito tempo. Sim, entre os meus irmãos, eu era o que não gostava de estudar. O seminário teológico exacerbou ainda mais neste processo, pois, por se tratar de uma instituição particular e que não possuía um processo seletivo para a admissão (era indicação de uma igreja local), a percepção de incapacidade me era bastante comum.

Entretanto, carregava um desejo profundo de ser universitário. Pensei em fazer alguma faculdade particular, entretanto minha esposa (Jussi), um tanto que arbitrária naquele momento disse: - Você só fará se for uma pública! A primeira impressão parece uma “esposa mandona” e ou “sem querer gastar dinheiro com mensalidades”. Pura ilusão! Ela sabia muito bem que entrar numa instituição superior pública iria provocar outro ser em mim. Ela estava certa! Após algumas tentativas, fui aprovado no curso de Ciências Sociais da UFRB.

No centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB, livros, professores e parceiros de estudo faziam com que o meu olhar para a vida e para mim mesmo não fosse o mesmo jamais. Nesse caso experimentei as águas do rio que tanto Heráclito abordou e por alguns momentos a proposta de Max Weber mal compreendida por mim no que diz respeito ao desencantamento do mundo através da racionalidade, me deixou como religioso extremamente “sem chão”. Dito de outro modo: na balança razão fantasia, o grau da razão estava bastante superior e, isso para um

líder religioso era um tanto que “perigoso”. Aquele homem então que mergulhou nas correntezas das ciências sociais não era mais o mesmo...

Outrossim, na leitura do próprio Weber, o mundo não é na sua totalidade desencantado. Daí, após crises e mil inquietações na cabeça, choros no silêncio da noite e uma herança dicotômica coercitiva entre esse ou aquele caminho, percebi que tanto um campo do conhecimento quanto o outro, isto é, científico ou religioso são “apenas” sistemas de crenças que proporcionam uma visão de mundo. Não apenas a religião pode ser ópio! Ambas podem emancipar e ou escravizar sujeitos sociais e históricos. Parafrazeando e utilizando no contexto para além da religião, Rubem Alves (2003) sinaliza: depende de quem manipula tais símbolos.

Diante disso, uma nova socialização foi se dando na minha jornada em busca de ambivalências. Não mais isso ou aquilo, e sim, as múltiplas dimensões passaram a ser pertinentes na minha trajetória. Evidentemente, há conflitos! Desnaturalizar é processual! Caminhar entre a razão e a fantasia é uma tarefa demasiadamente difícil. Ao mesmo tempo, esses campos de conhecimento não são fixos, mas, produzem através de narrativas e símbolos imagens de uma visão de mundo socialmente construído na história. Daí, com um pé na universidade e outro na religião vou vivendo os dias no chão do Recôncavo da Bahia. Assim, foi neste mesmo chão percorrido e (re)visitado, que encontrei e me apaixonei pelo problema de pesquisa que ora risco e rabisco nestas linhas repletas de figurações. Meu eu cidadão, minha posição de pastor e por fim minha reflexão de cientista social me revelou no percurso uma festa multifacetada, composta de vivências sagradas e profanas com missas, visitas pastorais, procissão, e também, caretas, “cães”, muquiranas, lavagens com charangas, palco, pregão, etc. Assim, busquei extrair nos corpos narrativas e ou textos onde uma história é contada. Mas, que história é essa? De fato, por se tratar de um fenômeno social demasiadamente complexo e polifônico, busco compreender na minha pesquisa como a triangulação fé-folia-consumo aparecem na festa do Bonfim de Muritiba.

Evidente que minha análise não abarca toda realidade deste fenômeno. Aliás, nenhuma teoria tem essa capacidade. O que pretendi foi olhar de forma criteriosa, múltipla e sistematizada a fim de elaborar mais uma narrativa dentre tantas possíveis sobre o tema investigado. Isto é, em hipótese alguma, pretendo chegar à história “verdadeira” da festa, pois não é este o papel do cientista social. Meu dever é interpretar cientificamente tal fenômeno e exercer uma vigilância epistemológica

para que a identidade de muritiba e religioso não sejam construtos absolutos que se lancem sobre o problema com seus clichês e ou preconceitos me fazendo possuir um objeto previamente definido e explicado, assim como um puzzle. Logo, foi necessário um olhar amplo e treinado ao percorrer as ruas da cidade, ou seja, foi indispensável alienar-me, como aponta Norbert Elias, para melhor compreensão do objeto.

Diante disso, a partir de uma abordagem sócio-antropológica, construí uma etnografia da festa. O desafio foi muito grande! Contudo, se o texto se propõe ser mais uma narrativa, onde estaria sua relevância? Primeiro é válido definir que narrar é também refletir, envolver sentidos, propor significados e acima de tudo penetrar no que até então não era visível e conhecido. Em segundo lugar, penso que sua importância se dá também pela escassez de pesquisa sobre a referida festa e, não menos, pela crença que nenhum tema se esgota. Isso é, trata-se de um conjunto de interesses em disputa que legitimará ou não a pesquisa. Do meu lugar de pesquisador (ora na casa, ora na rua e, não menos na janela) busquei problematizar dimensões de fé-folia-consumo que encontrei no percurso entre o “sino do Bonfim” e o “chocalho do cão”.

INTRODUÇÃO: ESPETADO PELO TRIDENTE DO CÃO!



FIGURA 1¹. O TRIDENTE DO “CÃO”.

O caminho descrito neste início de conversa consiste em relatar um processo de fuga. Estava à procura de um novo problema a ser investigado, não isolado da Festa do Senhor do Bonfim, mas inserido no centro dela, não isento, imparcial, mas subjetivo e transitório, voltado para o consumo e, em especial, para a mercantilização das lavagens. Parti então atrás do trio deixando o “cão” no passado². Acreditava que podia fugir dele como o diabo foge da cruz e achei que atrás do trio só não vai quem já morreu! Ledo engano, pois o trio desapareceu parcialmente da festa e me senti como que desterritorializado em minhas próprias convicções. Parei na rua e tão logo recebi três espetadas nas costas. Era o “cão” com seu tridente, que carregava em cada lança a tríade motivacional do meu estudo. Fé, folia e consumo estavam encarnados naquele corpo preto, pintado de óleo queimado. Tão logo percebi que o diabo não foge da cruz, mas esconde-se, por vezes, atrás dela. Decerto segui minha trajetória com o “cão”, seu chocalho e agora com seu tridente. Ora, através do estudo sobre “o cão” (um dos integrantes das

¹ Todas as imagens utilizadas pertencem ao período de 2014-2016.

² Meu Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais na UFRB teve como título, **O “DIABO” NO MEIO DA RUA: A configuração dos cães na Festa Do Senhor do Bonfim/ Muritiba-BA.**

lavagens) percebi que nas lavagens o jogo da mudança-permanência revela-se e esconde-se entre os diferentes interesses e múltiplos sujeitos sociais que nela participam. Mais do que isso, nas lavagens fé, folia e consumo são elementos que estão em constante conflito, negociação, diálogo e cumplicidade, na medida em que foliões, devotos, políticos, comerciantes, “agentes especializados da cultura”, barraqueiros, ambulantes, espectadores, turistas travam seus interesses e movimentam a identidade da festa. O desafio então se debruça na análise crítica e no desvendamento do que está por trás das palavras (discursos-práticas) e entre as palavras. Assim, segundo Léa Freitas Perez:

... as manifestações festivas marcam os tempos fortes, os momentos culminantes, as alternâncias de ritmos e de intensidade da vida individual e coletiva, periodicidade das passagens, articulando tradição e modernidade, passado e presente, lançando perspectivas de porvir, mostrando-nos que a vida pode ser uma efervescente experiência de gozo e de dissipação (PEREZ, 2012, p. 13).

A figuração-festa envolve muitas redes de pertencimento, muitos fios que se tocam e, mesmo em conflito, se completam formando uma totalidade complexa composta de dimensões entre o singular e o plural, o permanecer e o mudar, a espontaneidade e a intervenção organizativa, a fé e a folia, a diversão e o trabalho. Deste modo, em meio à diversidade-especificidade de tons, cores e sons que nela há, os indivíduos sociais que dela participam a experimentam de forma distinta. De fato, estudar a festa não deve ser uma tentativa de reduzi-la e ou limitá-la a uma explicação de finalidade universal, mas sim uma busca de compreendê-la multifacetada, no tocante aos âmbitos econômicos, políticos, culturais, religiosos, estéticos exprimindo antes de tudo, uma visão de mundo, por isso mesmo uma colcha de retalhos, que reflete a estrutura social mediante as múltiplas mediações conflituosas e de cumplicidade entre os agentes envolvidos. “o que deve ser ressaltado é a maneira como a festa e o jogo, o sagrado e o profano, tão aparentemente separados, são, na verdade, continuamente misturados um ao outro, de tal maneira que, por serem opostos, não se possa pensar um lado sem o outro.” (BRANDÃO, 2010, p.23). Todavia, para além de uma visão maniqueísta do ato de festejar, deve-se percebê-lo no ambiente multifacetado, polissêmico e ambivalente, não separando sujeitos nem tampouco demarcando fronteiras.

Nesse sentido, a Festa do Senhor do Bonfim em Muritiba é apresentada nesta pesquisa como uma mistura de credos, de corpos, de saberes, de ritmos, de

interesses, como uma reencenação religiosa, em que o Senhor do Bonfim recebe sua devoção e suas missas mediante características católicas e do candomblé, como uma reafirmação de identidades nas formações de grupos (caretas, “cães”, muquiranas, baianas, músicos, etc), como um instrumento político cujo objetivo de cada prefeito e vereadores é promover-se e difundir uma ideia de trabalho e compromisso com a cidade, e ainda a festa apresentada como evento, com ações planejadas na tentativa de alcançar resultados, ou seja, uma estrutura comercialmente organizada como produto de mercado, gerando lucro (donos de empresas) e ou renda (ambulantes, barraqueiros e etc).

Ora, a partir dessas características, escolhi, pois, o campo da mediação, talvez mais voltado para a negação dos binarismos, e assim busco refletir como o tripé fé-folia-consumo estrutura-se na rede-festiva e como no jogo da mudança-permanência as manifestações culturais populares vão se reorganizando, modificando e assumindo características de espaço de diversão e entretenimento, cuja preocupação centra-se também nos visitantes, no que tais sujeitos verão, comerão, comprarão, vivenciarão e ao mesmo tempo na luta constante de não esquecer as origens e os símbolos “tradicionais³”. Assim desejei compreender, em uma perspectiva figuracional, as lavagens (com e sem abadás), entendidas então como o eixo norteador, o elemento de mediação na rede-festiva do Senhor do Bonfim, nas quais as tensões, as contradições e as superações nas relações sociais são percebidas no processo da pesquisa, desde a venda dos abadás, a formação de grupos fantasiados, as escolhas das fantasias, os vídeos-propaganda produzidos pela Prefeitura, os panfletos com a ordem e os dias de cada lavagem difundidos nas redes sociais até o posicionamento dos seus integrantes ao assumir as ruas de Muritiba.

Todavia, dentro dessas lavagens existe um agente que, ao seguir seus passos, me provocou reflexões relevantes para a compreensão das mudanças-permanências na festa: os “cães”. Com efeito, esses homens e algumas mulheres que saem às ruas exibindo seus corpos pintados de preto (utilizam óleo queimado), fazendo “diabruras”, fechando o trânsito e, acima de tudo, antes de iniciar o trajeto ajoelhando-se na porta da Igreja do Bonfim e pedindo permissão ao santo da festa

³ A ideia do conceito de tradição ao longo da pesquisa foi escolhida mediante as falas dos sujeitos colaboradores, os quais sendo foliões e ou cidadãos defendiam uma certa originalidade e um sentimento de pertencimento e valorização cultural das expressões envolvidas e desenvolvidas na Festa do Bonfim.

para invadirem a cidade, são exemplos de que na rede-festiva sujeitos e determinantes circunstanciais interatuam e se modificam mutuamente. Por isso, pensar em um “cão” (símbolo do mal) rezando ou em um indivíduo pintar seu corpo de óleo queimado em pleno verão, nos dias atuais em que mediante a revolução científica existem tintas mais variadas para a pintura do corpo, estão para além de uma prática social incoerente, mas munida de símbolos e significados que vividos e experimentados compõem o emaranhado festivo. Escolhi o “cão” então, mesmo existindo outros grupos dentro das lavagens, porque sua aparição e permanência na festa são marcadas pelo preconceito, pela perseguição, mas também pela criatividade e negociação dos seus integrantes, assumindo uma identidade diferenciada das práticas culturais e populares do Recôncavo da Bahia. Desta maneira,

Definir uma identidade é traçar um território e nele deitar as raízes do que se está buscando. Nesse sentido, as identidades, sejam elas religiosas, sejam nacionais, partilham um traço comum, a necessidade de se diferenciar do Outro. Para fundar as propriedades do único, do singular, é necessária a dimensão da alteridade. (ORTIZ, 2010, p.103-104)

Entretanto, o “cão” que sujava ruas, edificações e pessoas com seu óleo queimado passa a cumprir as regras de “civildade”, reinventando seu espaço na rede-festiva. Assim, ao entender esse jogo de mudar para permanecer com o “cão”, percebi que assim como eles participaram de mutações, a festa como um todo também foi se adaptando. As metamorfoses ocorreram entres as caretas, as muquiranas, as lavagens, o parque, o palco, as baianas, as charangas e o pregão. Os indivíduos em festa e mergulhados na fé, na folia e no consumo das lavagens da festa do Bonfim de Muritiba-BA, vivem seus rituais, que segundo Geertz (2012) ao analisar a briga de galos em Bali, consistem em expressões de falas, meios pelos quais as pessoas vivem, na celebração coletiva da cultura, o aprendizado de seu próprio modo de ser. Ou seja, fazem parte de um Ethos de um grupo social (ritos e festas dizem alguma coisa sobre algo). Semelhantemente com Brandão, festas são “situações de trocas entre pessoas através de símbolos e sentidos, que a vida sabe, a fé relembra, a cultura escreve e a festa canta, dança e diz a quem venha ver e ouvir” (BRANDÃO, 2010, p.28).

Para tanto, o ponto de partida dessa investigação científica baseou-se em um novo levantamento de dados. Isso porque, diante do meu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *O “Diabo” no meio da rua: A configuração dos cães na Festa Do Senhor do Bonfim/ Muritiba-BA*, consegui avançar na compreensão da Festa do Senhor do Bonfim para além de um movimento binário de fé e folia, mas, diante de um olhar voltado para os significados e as representações dos “cães” mediante uma perspectiva figuracional eliasiana, não explorei a comercialização da cultura como marcador importante no jogo das mediações. Em meio a esse cariz, realizei uma análise de livros, artigos, teses, dissertações, e outros meios de informação em periódicos (revistas, boletins,) e em sites da internet, que discutissem cultura e festa popular sob a égide da religiosidade, da diversão e do consumo.

O diário de campo também foi utilizado enquanto um instrumento que auxilia bastante o profissional nesse processo da observação participante, pois as anotações livres do pesquisador devem apontar um olhar interessado-treinado. Ou seja, observar é estar atento, é saber para onde se olha. Bem, Roberto Cardoso em sua obra *O trabalho do antropólogo* (2006) mostra a importância do treinamento do olhar antropológico, na medida em que, para ele, olhar, ouvir e escrever é de extrema importância para o trabalho de campo. Contudo, as ações (dos sujeitos) podem ter significados distintos, pois como afirmou Clifford Geertz, no que diz respeito à piscadela, o que há são interpretações de interpretações.

Bogdan e Biklen (1994) destacam a importância de o investigador comparecer ao *locus* da investigação em tempo significativo, para de fato ser capaz de elucidar as questões da pesquisa. Nesse movimento, a coleta dos dados “em situação” necessita ser complementada por informações obtidas por intermédio do contato direto do investigador com a situação de análise. No tocante à compreensão do contexto, os autores asseveram que os locais devem ser compreendidos no contexto da história das instituições a que pertencem (PESCE, ABREU, 2013, p. 27).

A festa é polifônica, e o exercício aqui é de efetuar mais uma interpretação da mesma a partir de parâmetros científicos, assim como, potencializar cada som encontrado no circuito festivo da cidade. Isto é, não necessariamente a dimensão do volume deste som, mas a busca de distinção, de diálogo e de disputa, e quando possível complementaridade e cumplicidade neste espaço de correlação de forças. Por isso busquei olhar para o fenômeno estudado em sua multiplicidade, pois os indivíduos sociais comportavam-se de forma distinta em busca não só da

espiritualidade, mas do lazer, do entretenimento, da folia, do consumo. Tal discussão foi desenvolvida na primeira parte, **Hoje tem lavagem: consumo de folia na festa do Senhor do Bonfim em Muritiba**.

Semelhantemente no subtópico **A Lavagem com síntese da festa**, realizo um panorama das lavagens (com e sem abadás), seus foliões (mascarados, “cães”, muquiranas, músicos e indivíduos que caem na folia com fantasias variadas, suas roupas confortáveis e ou com abadás, tomando cerveja e se molhando atrás do carro-pipa), dos seguranças (polícia e guarda-municipal) e não menos dos empresários que assumem uma posição de lucro e patrocínio nas festividades. Não é a toa que alguns desses patrocinadores ao concederem abadás e cerveja de graça para os foliões estão apenas iniciando seu processo de campanha política para as próximas eleições. Afirmo então que as lavagens representam um espaço onde todos se encontram, numa mistura de sons (instrumentos musicais, trio, chocalhos dos “cães”) de cores, de máscaras, de fantasias, de interesses, de idades, de classes, e até mesmo de credos, haja vista que candomblé, catolicismo e protestantismo estão ali, na síntese da festa! Protestantes? Mas as igrejas evangélicas não são contra essa devoção? De certa forma sim, mas deixei um subtópico destinado para os muritibanos evangélicos (não só eles), que mesmo não participando diretamente das lavagens estão no aguardo em suas casas para vê-las passar. Por isso, no subtópico **Tô te esperando na janela: manifestação e tradição popular** aborda através de uma ousada brincadeira como as lavagens invocam uma identidade muritibana que está para além dos valores religiosos seguidos. A curiosidade, o sentimento de pertença, o envolvimento com a criatividade de cada fantasia, e não menos a “tradição” e a originalidade dos “cães”, envolvem todos que correm para suas portas e janelas, e sempre com um olhar aguçado e um sorriso nos lábios, quando não um leve movimento do corpo ritmado com as charangas, participam desse evento multifacetado, polissêmico e polifônico.

Tal mistura vem sendo apresentada na segunda parte **Comunidade (festiva) imaginada e as mediações dos diferentes agentes**, em que parto do pressuposto de que a tríade fé-folia-consumo também abrange grupos de agentes com interesses que se tocam: O poder público (através da prefeitura), os “agentes especializados da cultura” (empresas de sonorização, estrutura de palco, banheiros químicos e venda de abadás), os comerciantes (nesse caso entram também os barraqueiros, ambulantes), os “guardiões da cultura popular” (as baianas, os líderes

do samba de roda⁴, os “cães” mais velhos, os líderes de lavagens com e sem camisa...) e os foliões (cidadinos e visitantes). Nesse sentido, a Prefeitura, representando o Estado local, assume um papel de mediador, organizador e promotor da participação dos visitantes e nativos na rede-festiva, através das políticas públicas e estabelecendo como serão realizadas as ações de desenvolvimento, a estrutura de palco, a ornamentação da praça, a limpeza das ruas, o contrato das bandas, das barracas de bebidas e comidas, da licença do parque de diversão, dos músicos para as lavagens, do transporte das baianas visitantes para o cortejo, da segurança, enfim, de todos os agentes sociais envolvidos. Por outro lado, os “agentes especializados da cultura” investem na criação e recriação das tradições para atrair cidadãos e turistas prontos para consumir. No entanto, é válido ressaltar que tais consumidores, segundo Certeau (2014), são sujeitos sociais que vivem na sociedade capitalista, não como passivos diante da atividade de produção, mas que, sobretudo, consomem racionalmente a partir de uma produção racionalizada.

Ora, “não há como não inventar culturas, do mesmo modo que não há como manter as suas patentes intactas: elas aí estão para ser copiadas e modificadas” (ANDERSON, 2008, p.14). Neste sentido, neste subtópico **Festa do Bonfim em Muritiba: expressões culturais em disputa** busco refletir questões como: quais elementos materiais e simbólicos compõem uma rede-festiva, gerando validade numa “agenda cultural”⁵ mercantil? Como pequenas cidades são homogeneizadas por “estruturas festivas modernizantes”⁶, através da negociação da “autenticidade”⁷ local “tradicional”?

Evidentemente que esta prática garante um modo de produção da festa homogeneizada que ultrapassa territórios geográficos e “agendas” comuns para sua realização, pois é percebida, mesmo em pequenas cidades do interior, uma “estrutura” que possibilita ao folião um locus comum ao pertencimento festivo. Daí,

⁴Em Muritiba a maior expressão é o mestre Avelino idealizador do “segura veia”.

⁵ O termo agenda cultural está sendo utilizado neste trabalho como sendo um imaginário legitimado socialmente em relação às cidades reconhecidas também pelas festas de caráter massivo.

⁶ Por “estrutura festiva modernizante”, leia-se processos tecnológicos que mesclam inovação com “tradição”, isto é, no que tange a suas dimensões materiais e simbólicas.

⁷ Por “autêntico” dialogo aqui com Alves (2010b) na medida em que apresento elementos da cultura popular cujo valor social lhes são atribuídos às categorias como *tradição* e *autenticidade*. Desta forma, ocorre um circuito do lazer atrelado a consumo de bens tradicionais. O tradicional (aqui) é percebido como portador de maior legitimidade, pois, estaria mais próximo do “original”, “autêntico” “puro”, “criativo”. Ou seja, alguns grupos que compõem a festa seriam uma espécie de “guardiões da tradição”.

novas “agendas festivas” estão em processo de construção com o intuito de atrair cada vez mais um público em busca do lúdico-estético. Esta última dimensão, por sua vez, está sendo utilizada em diálogo com o sociólogo Edson Farias quando sinaliza: “por lúdico-estético, a princípio, referimos disposições práticas corporais em que o ‘ser’ e o ‘fazer’ sintetizam no ‘brincar’ o apelo do belo enquanto um bem” (FARIAS, 2012c, p.56). Contudo, se a percepção da “estética” é histórica, é também arbitrária e contextual, logo, a escolha de elementos simbólicos e ou cidades-festas que representam um grupo ou um território geográfico-cultural são também construídos socialmente.

Partindo desse pressuposto, busco dialogar e compreender os jogos que legitimam um imaginário festivo no Recôncavo baiano sobre algumas cidades em detrimento de outras, uma vez que cidades como Cachoeira, Maragogipe e Santo Amaro carregam uma “mística” festiva que se naturalizou ao longo dos anos. Entretanto, cabe ao sociólogo, como abaliza Norbert Elias (2002), destruir os mitos através de explicações cada vez mais racionais, em que o grau de fantasia deve ser diminuído. Se assim o é, há explicações sociológicas, históricas, políticas, religiosas, econômicas para compreender o locus que estas cidades representam no imaginário festivo do Recôncavo. Desta forma, busco a partir da triangulação fé, folia e consumo compreender as lavagens e os grupos que compõem a festa do Bonfim de Muritiba, assim como, sua dimensão imagética no que tange a outras cidades e ou manifestações culturais do Recôncavo. Logo, optei por uma etnografia da festa...

Conforme o geógrafo cultural Janio Roque, há no Recôncavo baiano uma força das manifestações culturais afro-brasileiras como o samba de roda e a capoeira, isto é, expressões socioculturais e identitárias, logo:

O Recôncavo baiano corresponde a uma área situada no entorno da Baía de Todos-os-Santos, na qual se introduziram algumas atividades econômicas no período colonial, situado nos arredores de Salvador, que foi a primeira capital do Brasil... A menção ao Recôncavo pode aparecer tanto do ponto de vista do recorte analítico, sendo chamado de região, quanto da ação político-territorial, sob a ótica cultural. Os conceitos de região, território e paisagem devem ser associados e integrados, e não insularizados, e, nesse contexto, a abordagem cultural tem um papel importante. (CASTRO, 2015, p.37)

Assim, na perspectiva cultural, como se exercer uma reflexão compreensiva do Recôncavo contemporâneo?

... opta-se por trabalhar o Recôncavo como uma produção histórica e um espaço social dinâmico, no qual a questão cultural, material e imaterial se destaca de forma expressiva. É o Recôncavo território da cultura popular, espaço social de militância dos movimentos negros, de grupos e manifestações culturais com uma histórica sociocultural de luta pelo direito a existência. É região como espaço vivido e território de afirmação de traços identitários hibridizados. (CASTRO, 2015, p.40)

Por isso, os dias que antecedem o carnaval para os habitantes de Muritiba (cidade serrana do Recôncavo da Bahia), são marcados por muitas expectativas. Sim, é que os seus cidadãos sabem que a festa do Bonfim está chegando e, ainda que de maneira efêmera, o cotidiano é interrompido por uma “explosão de alegria” nas ruas, esquinas, praças, casas, janelas, barracas e templo (Bonfim) da cidade. Desta maneira, rememorando as palavras de um dos maiores carnavalescos e intérpretes da “brasilidade-popular”, Joãozinho Trinta, no Documentário *A Raça síntese* sugere-defende o período do carnaval como uma possibilidade de se exercer “a revolução pela alegria”! Isso porque, em sua abordagem, um povo sofrido e humilhado no viver social, no carnaval, articula-se, reinventa-se na folia. De fato, é possível de “um barracão carnavalesco” sair imagens e práticas que provocam emoções múltiplas na vida dos foliões e telespectadores? Ainda refletindo com Joãozinho Trinta, ele abaliza: Sim! Pois, “esse povo utilizando essa garra e criatividade em outras dimensões da vida é capaz de tudo”!

Desta maneira, em meio a busca de experiências de vida através do lúdico mercantilizado e do uso da fé em sua dimensão corpórea dançante nos diversos circuitos propícios no contexto da festa, me proponho a refletir o subtópico **Foliões na estrada: hoje tem festa em Muritiba**. Com efeito, percorrendo as ruas e frequentando as praças de Muritiba, foi possível ver-perceber que não ocorre uma demanda de turistificação da referida festa em comparação à festa da Boa Morte em Cachoeira e ou o São João de Cruz das Almas, ambas são responsáveis por hotéis e pousadas lotados e por alugueis de residências, cujas famílias aproveitam-se do momento para angariar uma verba extra. Nesse sentido, o que ocorre no contexto de Muritiba? E então, se não há uma notável presença de turistas, quem são mesmo esses foliões na estrada? Com efeito, a Festa do Senhor do Bonfim de Muritiba não alcança um número enfático de foliões de fora da cidade, mas existem novos

públicos consumidores do entretenimento, alcançados pelas redes sociais. Não são muitos, porém esses foliões na estrada sejam talvez mais uma chave para compreender o tipo de reconhecimento que a Festa do Bonfim possui na busca de ultrapassar seus limites territoriais.

Ora, o poder público tem investido na “imagem da festa”. Daí, de modo algum se pode negar que para atrair foliões de outras cidades as estratégias têm sido o palco, as lavagens com abadás e o trio juntamente com um discurso voltado para um sistema amplo de segurança onde o folião pode “jogar-se na festa” e experimentar uma liberdade, embora controlada. Portanto a Festa do Senhor do Bonfim de Muritiba vem entrando na disputa por uma massa festiva, a qual mediante a propaganda midiática e o incremento do consumo, o governo público local busca desenvolver a espetacularização da festa, seduzindo cada vez mais foliões de outras cidades. Além do mais falar de foliões na estrada é pensar também nos vários ex-cidadinos que por estudarem-trabalharem em outras cidades, aproveitam o período da festa (principalmente os finais de semana) tanto para celebrar a vida nas possibilidades distintas oferecidas na rede-festiva, como, rever familiares e amigos nas lavagens e nas festas de palco.

Sabe-se também que o apelo turístico para além do consumo de prazer acarreta também um novo olhar para a rede-festiva, atraindo pesquisadores e curiosos ansiosos para compreender os sentidos e significados religiosos-profanos da festa e vendedores ambulantes das cidades vizinhas que ao notar um crescimento da “população festiva” também caem na estrada com seus carrinhos de pipoca, cachorro-quente, churros, bebidas e ou até mesmo brinquedos e adereços de fantasias. Ainda é válido destacar que os taxistas também são acionados para cair na estrada, em especial nas madrugadas. Nesse caso os foliões na estrada implicam em mais indivíduos na estrada, os quais com interesses distintos vão compondo essa rede de interdependência, além de estimular novos investidores em hotéis e pousadas, haja vista que Muritiba é um município carente nessa área. Assim, é imprescindível reafirmar que o valor de uma festa e sua popularidade não dizem respeito a uma suposta essência da mesma, mas dependem de mediações e estratégias, sem que haja um único caminho para a visibilidade. Por isso, em meio a tensões e harmonizações, agentes ligados à festa de Muritiba vêm se movimentando num sentido possível de criação da rede-festiva com a intenção de torná-la mais conhecida e desejada por muritibanos e não-muritibanos.

Ora, reconheço que a festa popular de caráter massivo pode ser interpretada a partir de múltiplas perspectivas, neste caso específico, a presente pesquisa objetiva compreender criticamente a triangulação fé, folia e consumo na rede-festiva do Bonfim de Muritiba, assim como suas tensões e combinações dos “agentes especializados da cultura”, dos “guardiões da cultura popular” e do poder público local, o que envolve necessariamente: processos de mudanças-permanências das expressões culturais, os modos de festejar dos grupos sociais que compõem a festa e, não menos, sua dimensão imagética no que tange a um Recôncavo festivus.

Desta maneira, lembro-me no instante que aqui escrevo o quanto eu acreditava (adolescência) que atrás das “lavagens” só existiam “vagabundos”. Pensamento este que envolvia uma moral cristã protestante (caracterizada também pela negação de prazeres carnavais e com forte ênfase no trabalho), logo, dizia: “capinar um quintal ninguém quer!” “Lavar uma trouxa de roupa nem pensar”. Porém, a despeito desses possíveis casos, o tempo passou e adquiri novos óculos para compreender o viver social. Na realidade, é por experimentarem uma “vida dura” que a festa pode ser (também) uma válvula de escape. É válido destacar que quando me refiro a novo óculos, além da idade ressalto uma nova experiência com livros e pessoas nos cursos de Teologia e Ciências Sociais, além de um outro circuito religioso e familiar, os quais me proporcionaram novas visões de mundo. Desta maneira, a festa do Bonfim de Muritiba tão negada em outro contexto existencial, agora parece despertar meu olhar e corpo para este fenômeno social multifacetado e polifônico.

De fato, o exercício teórico-metodológico é construir uma etnografia da festa. Como isso será feito? O que é uma etnografia? Com o diário de campo em mãos, um gravador, expectativas, medos e inúmeros imprevistos fui a campo pesquisar, isto é, fui percorrer as ruas da cidade e ou o circuito da festa e, desde já, sinalizo que a festa foi observada a partir de três lugares tensionados com aspectos diferentes e complementares simultaneamente, a saber: a rua, a casa e a janela. Procurei então, a partir da observação deste fenômeno social, construir uma etnografia que ajude o leitor a compreender os movimentos que os diferentes agentes sociais realizam na rede-festiva. Com efeito, “é primordial que o investigador não se restrinja aos resultados observados, mas, ao contrário, esteja atento às questões estritamente relacionadas ao processo de pesquisa” (PESCE, ABREU, 2013, p. 27).

Durante muito tempo, a legitimação do trabalho de campo ocorreu pelo fato da experiência vivida pelo pesquisador. Defendia-se que se “eu estava lá”, isso sem dúvida já era o suficiente para alcançar certo grau de cientificidade, uma vez que superava-se a experiência do “pesquisador de gabinete”. No entanto, para o antropólogo Clifford Geertz, “se você quer compreender o que é a ciência, você deve olhar em primeiro lugar, não para as suas teorias ou as suas descobertas, e certamente não para o que seus apologistas dizem sobre ela; você deve ver o que os praticantes da ciência fazem” (GEERTZ, 2012, p.4). Então, o que fazem os diversos grupos que compõem a festa do Bonfim de Muritiba?

Neste sentido, o fazer etnográfico é marcado por inúmeras fases e ou etapas complementares, com o objetivo de proporcionar ao leitor uma visão do campo. Isso porque o leitor não foi a campo, o etnógrafo sim. Daí, neste jogo que Roberto Cardoso (2006) aponta do antropólogo “estando lá” no campo e “estando aqui” no escritório, é que o texto torna-se consolidado. Entretanto, de tudo que foi anotado no diário de campo, como ocorre o critério do que será relevante ou não para o construto textual?

Esta escrita inclui, no mínimo, uma tradução da experiência para a forma textual. O processo é complicado pela ação de múltiplas subjetividades e estrangimentos políticos que estão acima do controle do escritor. Em resposta a essas forças, a escrita etnográfica encena uma estratégia específica de autoridade. (CLIFFORD, 1998, p.21)

Escrever é criar imagens e, evidentemente, esses símbolos são disputados. Daí é válido destacar que a pesquisa centra-se no cunho qualitativo. Na verdade, a pesquisa qualitativa é a norteadora, visto que o eixo da análise está na investigação-compreensão da festa, e no discurso-prática dos diferentes agentes envolvidos, via suas ações e relações sociais, mediante a pesquisa de observação participante, escrita em diários de campo e através de entrevistas semiestruturadas.

Tais entrevistas combinam perguntas abertas e fechadas, em que o (a) interlocutor (a) da pesquisa tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto e eu como pesquisador dirijo, no momento em que achar oportuno, a discussão para o assunto de interesse, fazendo perguntas adicionais, para elucidar ou aprofundar o que havia sido abordado em algum momento, ou até mesmo ajudando a recompor o contexto da entrevista. Na realidade, este tipo de entrevista na investigação garante o desvelar das questões subjetivas, ou seja, a percepção dos aspectos afetivos e

valorativos dos informantes sobre os significados pessoais que possuem diante da festa e os embates simbólico-econômicos. Somando-se ainda às respostas espontâneas dos (as) entrevistados (as) e a maior liberdade concedida a eles (as), podendo fazer surgir questões inesperadas que não se encontravam na problemática nem nas hipóteses, valorizando assim a história dos fatos, seus significados na vida social dos sujeitos, falando a partir do lugar da experiência, na compreensão da lógica dos grupos pesquisados.

Por tudo isso, na pesquisa qualitativa faz-se então a obtenção de dados descritivos através do meu contato direto e interativo com a situação objeto de estudo, na medida em que procuro entender as múltiplas determinantes que influenciam na questão analisada segundo a perspectiva dos indivíduos da situação observada. Vale destacar que fiz 35 entrevistas, sendo que 3 foram com líderes religiosos, 2 com representantes das Filarmônicas (5 de Março e Lira Popular Muritibana), 6 músicos, 3 com indivíduos voltados para a Segurança (PoliciaI Militar, PoliciaI Civil e Guarda Municipal), 2 com representantes do Poder Público (Secretária da Cultura e sua assessora), 3 empresários (Bloco Amor de Verão, JR Atacado e Varejo e IDF Sonorização), 3 líderes de Lavagens, 3 barraqueiros de largo, 4 vendedores ambulantes, e 6 entre os “cães” estabelecidos (homens e mulheres que pintam seus corpos de óleo queimado) e os “cães” outsiders (homens, pois ainda não há mulheres, que pintam seus corpos com cores e desenhos variados).

Com efeito, desenvolvo minha pesquisa pensando também nesta documentação direta, viva, baseada na história oral, na retomada da memória individual-coletiva valorizando a ideia de que as palavras ditas e gravadas não são elementos isolados, mas vêm acompanhadas de gestos, lágrimas, risos, silêncios, pausas, interjeições, e enfim diversas expressões corporais que também falam muito ao pesquisador. Pois, “mesmo não sendo possível dissociar a eletrônica dos contatos diretos para a produção da história oral, sabe-se que nada substitui a percepção do entrevistado no ambiente da gravação”. (MEIHY, HOLANDA, 2007, p. 22) Na verdade, segundo Meihy e Holanda, a História oral representa acima de tudo um instrumento de resistência em favor dos desfavorecidos, rompendo com a história dos vencedores, escrita sempre pela elite dominante, possibilitando espaço e acesso a voz de demandas marginalizadas e silenciadas historicamente. Assim, a História oral não serve exclusivamente para preencher as lacunas deixadas por

documentos oficiais, mas, reflete representações individuais e coletivas que retratam os silêncios intencionais produzidos pela censura e ou políticas governamentais. Logo, é válido lembrar que a história oral é vital para expor novas versões de um mesmo fato, oferecendo diferentes olhares e múltiplos significados. Na verdade, por meio da História oral, movimentos de minorias discriminadas, como mulheres, índios, homossexuais, negros, pobres, desempregados, pessoas com necessidades especiais, migrantes, imigrantes e exilados, encontram espaço para expor suas experiências, suas manifestações culturais e seus valores, podendo ser vistos, ouvidos, respeitados e valorizados.

... os projetos que se valem de entrevistas cumprem sempre um papel social. Seja para instruir teses, dissertações, compor acervos ou funcionar como alerta temático, os textos estabelecidos, em primeiro lugar, devem ser devolvidos aos protagonistas geradores e, conforme o caso, à comunidade que os provocou. (MEIHY e HOLANDA, 2007, p.17)

Simultaneamente ocorreu a observação participante, visto que estive presente na Festa do Senhor do Bonfim em Muritiba 2013, 2014, 2015 e 2016, acompanhando os “cães” desde o processo de pintar os corpos até a saída pelas ruas, as missas, as lavagens (com e sem abadás), os demais sujeitos da festa (muquiranas, caretas, outros fantasiados) procissão, as Filarmônicas, fotografando, filmando, entrevistando e anotando no diário de campo. Isso possibilitou a interação com os (as) sujeitos (as) da pesquisa e com suas atividades e acima de tudo facilitou a elaboração de registros das situações vividas, percebendo comportamentos e sentimentos múltiplos sobre os agentes envolvidos. Utilizei ainda para ampliar o olhar analítico vários vídeos disponíveis nas redes sociais, isto é, tanto a Prefeitura municipal quanto alguns foliões que tentam, de algum modo, potencializar e ou divulgar essas expressões culturais identitárias no e para além do território do Recôncavo.

Confesso que busquei selecionar os espaços onde acreditava serem capazes de oferecer mais novidades no que tange ao grande número de informações que já havia coletado. Isso porque durante a semana da festa, muitos eventos acontecem ao mesmo tempo e cabe ao pesquisador focalizar suas indagações e organizar o tempo para abarcar um número maior de detalhes. Logo, deve existir uma atenção muito grande do pesquisador em tudo que está sendo narrado pelos (as) informantes... narrado em sua multiplicidade, para além de uma oralidade. Diante

disso, eu como pesquisador fiquei atento às pistas, aos rastros que podem e precisam ser interpretados para uma maior compreensão do fenômeno estudado. Busquei os indícios, a riqueza dos detalhes e passei a relacioná-los. Pois, como bem aponta Chalhoub: “O método de Zadig é assim mesmo: só analisando diferentes vestígios, e procurando relacioná-los entre si, é que se pode eventualmente chegar a formar uma imagem una e coerente da cachorrinha fujona” (CHALHOUB, 2011, p.26). E ainda, deve-se buscar um método interpretativo que dê efetiva atenção aos detalhes, visto que eles, “aparentemente marginais e irrelevantes são formas essenciais de acesso a uma determinada realidade; são tais detalhes que podem dar a chave para redes de significados sociais e psicológicos mais profundos, inacessíveis por outros métodos” (CHALHOUB, 2011, p.17).

Ora, o fazer etnográfico como insistentemente tenho dito é processual, por isso mesmo, para além de uma visão em que a entrevista ocupa o mais alto posto da pesquisa, a transcrição não é menos importante. Isto porque, o primeiro passo na análise de narrativas é a conversão dos dados através das transcrições das entrevistas gravadas. Assim, pensando com Geertz no que diz respeito ao fazer etnográfico, busca-se analisar interpretativamente o humano enigmático com uma descrição densa em detrimento de uma superficial. Ou seja, para este autor, o importante não é ser um nativo no trabalho de campo, e sim, para além de falar, deve-se conversar com os nativos. Além do mais é válido refletir que “... os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão” (GEERTZ, 2012, p.11).

Sendo assim,

Descrever significa assumir a ideia de que os dados são recolhidos em forma de palavras ou imagens e não de números. Isso porque há dados, como transcrição de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais, que não são passíveis de serem reduzidos a símbolos numéricos. Esses dados devem ser analisados em toda a sua complexidade e inteireza, considerando-se o modo como foram registrados ou transcritos. O relatório de uma pesquisa qualitativa pode chegar a assumir um caráter “anotódico”, quando a descrição e a narração das situações são permeadas pela visão de mundo do pesquisador e dos observados... a coleta dos dados descritivos deve ser feita de forma minuciosa e o pesquisador deve se mostrar sensível aos detalhes que observou, pois todos eles são importantes para uma compreensão mais esclarecedora do objeto (PESCE, ABREU, 2013, p. 27).

É importante ressaltar ainda que, segundo Geertz (2012) a etnografia é uma descrição densa e os etnógrafos são os que fazem essa descrição, como separar piscadelas de tiques nervosos? Como fazer a distinção? Se a etnografia é de segunda e terceira mão, onde está a legitimidade? Ou seja, quem diz o que “realmente” ocorre? O pesquisador? O nativo? Ora, para além de uma descrição, é necessário interpretá-la criticamente. Pois, pensando suas ações como polifônicas e dialógicas com possibilidade de em cada encenação reativar a memória, cabe a reflexão: o que está sendo rememorado, por exemplo, quando os “cães”, os mascarados, os músicos, as muquiranas, as baianas ocupam as ruas? E quais imagens são vistas pelos nativos aos observarem as lavagens pela janela? E o que significam as lavagens com e sem abadás para os múltiplos atores sociais? Se for assim, não se trata de buscar uma imagem “verdadeira” e negar a “falsa”, mas refletir sobre essas representações sociais que compõem a festa.

Por fim, as fotografias das lavagens foram também utilizadas para perceber a postura de homens e de mulheres perante a necessidade de demarcar espaço e marcar presença na festa, no tocante a cada papel social que assumem. As fotografias são fontes importantes na minha pesquisa. Até porque ao falar de pesquisa, fala-se, sobretudo de olhar. Através dos registros visuais pode-se descobrir relações sociais e papéis sociais, visto que as pessoas se fazem fotografar e fotografam porque a fotografia realiza a imagem que o grupo faz de si mesmo, assim o que é registrado não corresponde aos indivíduos isoladamente, mas aos papéis sociais que cada um desempenha.

Nesse caminho, levei inicialmente algumas indagações e outras tantas me surgiram no constante embate entre a teoria e a prática, logo, o que há na festa do Bonfim de Muritiba? Ora, as festas populares continuam desafiando pesquisadores das diversas áreas do saber acadêmico, sobretudo de humanas, os quais apontam um total interesse em analisar-interpretar este momento extraordinário da vida cotidiana, apresentando-se, por vezes, como elemento criativo que envolve dimensões de poder, do conflito, da fé, do consumo e da descontração.

Com efeito, é preciso sinalizar que “as festas são um objeto construído, e não um objeto dado” (MENEZES, 2012, p.65). O meu desafio como pesquisador então se debruça na análise crítica e no desvendamento do que está por trás das palavras (discursos-práticas) e entre as palavras. Partindo desse pressuposto pergunto então: o que é a festa? E quem pode defini-la? Para que serve? Em nome de que razões

funciona? Há nela um estatuto próprio? Assim, utilizando-me do cientista social Carlos Brandão (2010), para além de um mero relato da festa, o mais interessante é saber o que a festa diz e ou quer dizer, em outras palavras, o seu teor simbólico.

Segundo Émile Durkheim (1996), a festa promove superação da distância entre os indivíduos; gera produção de um estado de “efervescência coletiva” e produz transgressões das normas coletivas. No entanto, cabe ressaltar que ao mesmo tempo restaura o valor da sociedade normativa e, assim, contribui para a coesão social e, pois, manutenção da própria sociedade.

[...] a própria ideia de “cerimônia religiosa”, de alguma importância, desperta naturalmente a “ideia de festa”. Inversamente, toda “festa”... apresenta determinadas “características de cerimônia religiosa”, pois, em todos os casos, tem como efeito aproximar indivíduos, colocar em movimento as massas, e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes até de delírio, que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. O homem é transportado para fora de si mesmo, distraído de suas ocupações e de suas obrigações ordinárias. Assim, de ambas as partes, observam-se as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que restaurem o nível vital, etc. Observou-se muitas vezes que as festas populares levam a excessos, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito, o mesmo se dá com as cerimônias religiosas que determinam uma necessidade de violar as regras normalmente mais respeitadas (DURKHEIM, 1996, p.417-418).

Desta maneira, o que seria esta efervescência coletiva? Segundo Ferretti,

...seriam cantos, danças, músicas, excessos, violação das regras, que Durkheim menciona explicitamente, e também os encontros, as conversas, comidas e bebidas, além dos trabalhos relacionados com a preparação e a organização das festas, que costumam ficar nos bastidores e não aparecem (FERRETI, 2012, p.20).

Assim sendo, pensando com Rita Amaral, o estudo da festa exige definições apriorísticas. Na verdade, devem-se observar questões como: qual é a intenção do evento? É uma comemoração? Uma celebração? Cumprimento de um rito sagrado? Logo, “temos que conhecer a história da festa, seu contexto sociocultural, político e econômico local e global, etc.” (AMARAL, 2012, p.70).

Ora, mesmo identificando a “centralidade” de uma festa, sabe-se também da complexidade em que a mesma se encontra, ou seja, para além da abordagem realizada por Roberto DaMatta (1997), em que a festa seria caracterizada por dimensões cívicas ou carnavalescas dicotomicamente, há contextos de

ambivalências que expressam outra realidade. Daí, como fazer a distinção entre uma especificidade e outra? Como perceber essas fronteiras? Se a festa popular é um fenômeno social dinâmico, como dar conta das mudanças? Quais os limites de uma etnografia? Isso porque “etnografar festas é um trabalho complexo que não principia – nem se esgota – na descrição da festa em si” (AMARAL, 2012, p.69), e ainda, refletindo o papel do pesquisador com Renata Menezes, quando diz: “... tomar uma festa como tema é sempre produzir uma operação de construção de um objeto” (MENEZES, 2012, p. 65).

O antropólogo Jean Duvignaud, diferentemente da concepção de Durkheim, aponta que:

A estrutura ou a cultura compõem um conjunto cuja a força repousa apenas sobre o consenso, que é a qualquer momento repudiado. Quando dizemos que a festa é uma forma de “transgressão” das normas estabelecidas, referimo-nos ao mecanismo que, com efeito, abala estas normas e, muitas vezes, desagrega-as (DUVIGNAUD, 1983, p.223).

Ainda refletindo na ótica da subversão, o teólogo Harvey Cox (1974) defende que na Idade Média a festa fazia parte da vida social, mediante as dimensões do *homo festivus* e do *homo phantasia*. No entanto, com o procedimento de racionalidade do ocidente, advindo da emancipação científica, tais dimensões foram sofrendo modificações, de tal modo, que são evocadas as figuras do pensador e do operário, sob a égide da produção econômica. Ora, para Cox, “a festividade e a fantasia não são apenas valores em si, mas absolutamente vitais para a existência humana” (COX, 1974, p.14). Daí há na festa uma espécie de “válvula de escape” do cotidiano burocratizado, pois, na festa dos foliões que ocorria na Idade Média, os padres e os mais ordeiros “cidadãos” se mascaravam (fantasiavam), a fim de satirizar as leis da Igreja. Desta forma, na festa dos foliões “não havia costume nem convenção social que não se expusesse ao ridículo, e até as personalidades mais credenciadas da região não conseguiam subtrair-se a sátira” (COX, 1974, p.11). Desta forma, este autor abaliza que:

...uma cultura podia zombar, periodicamente, de suas mais sagradas práticas políticas e religiosas. Sentia-se em condições de imaginar, ao menos de vez em quando, um tipo de mundo bem diferente – mundo este em que o último era o primeiro, valores tradicionais se invertiam, os palhaços se tornavam reis e os coroinhas, prelados (COX, 1974, p.12).

E ainda

...a festividade é, pois, um período de tempo reservado para a expressão plena do sentimento... sendo a festividade uma coisa que se faz por sua própria causa, propicia-nos breves férias das tarefas diárias, e uma alternância sem a qual seria insuportável a vida (COX, 1974, p. 28-29).

De fato, “toda festa, como expressão coletiva que é, exige um projeto organizativo mínimo” (AMARAL, 2012, p. 75). Mas, para além da visão homogênea da festa, assumo-a enquanto espaço ambivalente, entre o reforço e a subversão social. Na realidade, objetivei cultivar um comportamento permanente de vigilância e de prudência perante aos maniqueísmos, aos preconceitos, às ambiguidades que moldam e, deturpam o olhar etnográfico, fazendo das contradições um peculiar e importante instrumento de compreensão da realidade social e não um entrave como a visão positivista na ciência ainda apregoa.

Entretanto, há um jogo de poder e interesse entre o que é lembrado e esquecido, não? Pensando com Ortiz, “a busca pela reminiscência autêntica, à margem da corrosão temporal, é uma quimera, toda recordação contém uma relativa arbitrariedade no seu rearranjo, o presente é um fator dinâmico, intrínseco ao processo mnemônico” (ORTIZ, 2010, p. 12). Assim, quem constrói o “roteiro” do que deve ser celebrado-esquecido na festa? O que muda-permanece no emaranhado festivo? Bem, para Amaral, a festa “à brasileira” é mediação; comunicação intersubjetiva de conteúdos culturais, sociais, políticos e econômicos. Ou seja, “a festa é, ainda, mediação entre anseios individuais e coletivos, mito e história, fantasia e realidade, o passado e futuro, entre ‘nós’ e os ‘outros’, revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana” (AMARAL, 2012, p. 74). Desta maneira, a festa de largo de caráter massivo apresenta também aspectos de carnavalização, ou seja, segundo Roberto DaMatta (1997) a carnavalização revela uma ideia de crítica social através dos papéis sociais experimentados e “invertidos” na festa, até porque, para este autor, através do ritual carnavalesco, percebe-se a centralidade cultural e os valores de uma sociedade.

A discussão de Max Weber sobre o desenvolvimento da modernidade pressupõe uma ênfase na racionalidade e no desencantamento do mundo, ou seja, o mundo encantado religioso-mágico vai perdendo força em detrimento de uma perspectiva cada vez mais especializada que fragmenta o mundo em esferas da vida. Partindo desse pressuposto, seja na dimensão de “alta cultura” (artes e

academia) ou na “contracultura” (boemias, vagabundos), a esfera cultural por apresentar uma relativa autonomia de desenvolvimento perante as demais esferas da vida, vem proporcionando a produção via “indústrias culturais” de um mercado amplo de consumo.

O resultado é que os criadores passam cada vez mais a ter que adequar suas criações à lógica mercantil. Não se trata aqui de defender a visão do artista como criador autônomo aviltado pelo mercado ou como artista genial, rebelde e incompreendido. A criação artística é um ato social, e isso significa que o artista cria de acordo com a posição específica que ocupa no campo da cultura. Assim, a questão não é ser contra ou a favor do mercado. A industrialização e a mercantilização da cultura nas sociedades contemporâneas são dados incontestáveis com os quais o criador tem que lidar... (BARBALHO, 2005, p. 42).

Na realidade, vivencia-se hoje na festa, homogeneização de padrões culturais gerados pelo capitalismo no comer, vestir, dançar... Por outro lado, o corpo que é símbolo múltiplo de significações na festa, resiste, reinventa-se, age em dimensões performáticas com denúncias sociais de estruturas desiguais no cotidiano, porém, vez por outra, rende-se e torna-se corpo dócil em busca de aceitação social, prestígio, respeito, poder. Foi o que o professor Miguel Almir de Araújo (2013) discutiu em seu artigo sobre as tradições culturais dos sertões.

Os processos de globalização, em suas múltiplas feições, tendem a instituir hegemonias homogeneizadoras como modelos que pretendem reduzir as diferenças, a diversidade das culturas aos estatutos de suas fôrmas empadronadas, de suas lógicas uniformizantes. Esses modelos pretendem funcionalizar o controle político, a mercadejação econômica e a domesticação cultural. A redução da multiplicidade, da diversidade das tradições culturais, a clichês uniformizados se instala através de processos sofisticados de dilapidação e de emplastamento das diferenças. Os padrões universalizados de consumo estabelecem normas unidimensionalizantes que garantem a eficácia de seu funcionamento. Esses modelos tencionam reduzir o dinamismo orgânico e estésico das tradições culturais, com a pregnância de sua vitalidade, à ordem mecânica e anestésica de seus aparatos que pasteurizam e homogeneizam. (ARAÚJO, 2013, p.3)

Em contrapartida, compreendendo que as tradições culturais precisam da renovação para permanecerem vivas, são os jogos de dialogar, ceder e resistir que determinam o renascimento das festas populares, dos seus rituais, de seus cantos e suas rezas, porque “nos rasgos de suas contradições rebentam formas alterativas e alternativas de manifestação das vozes dissoantes que afirmam as feições da

heterogeneidade” (ARAÚJO, 2013, p.6). Partindo desse pressuposto, a análise social da festa no presente trabalho não sugere uma compreensão unilateral, tampouco indica uma única voz ou um único tom. Isso porque os cientistas sociais que procuraram analisá-la sinalizam demandas específicas que acontecem nesses lugares e sob a pluralidade de símbolos e significados que se apresentam e se escondem no jogo dialético do “brincar” social.

Na realidade, a festa foi e é estudada através de um comprometimento teórico-metodológico que permite vê-la enquanto rituais religiosos; rito de passagem; obrigação; dominação; emancipação; divertimento; espetáculo; performance; entre outras possibilidades. Ora, há diferentes interesses de perceber-analisar a festa, entretanto, é preciso assinalar que o seu locus é de poder-disputa, visto que nela não só se encontra uma forma de representação do mundo e do cotidiano, mas revela possibilidades de emancipação e ou dominação do humano simultaneamente. Bem, por mais que este fenômeno ocorra entre as múltiplas sociedades, sua manifestação é distinta. Isto é, também é multifenomenal.

A Festa do Bonfim de Muritiba demarca então essa multiplicidade de tons, cores, interesses e sensações. Mas, a sua ligação com a religião (catolicismo e de matriz africana) é um aspecto chave para entender o espaço que a mesma ocupa nas determinações econômicas, políticas e simbólicas da comunidade, sobretudo das camadas populares. Até porque, “além do sincretismo, as festas católicas possuem elementos carnavalescos” (COUTO, 2010, p. 169).

Assim, utilizando Ferretti, penso que “geralmente, as festas populares são realizadas como forma de pagamento de promessas a santos ou outras entidades, constatando a relação íntima e os limites ambíguos entre devoção e brincadeira, entre sagrado e profano” (FERRETI, 2012, p.25). De fato, a festa de largo é locus de ambivalências, de sincretismos, negando assim qualquer lógica de oposição entre sagrado e profano, obrigação e brincadeira, ordem e subversão. Dito isso, é preciso apresentar ao leitor a festa do Bonfim de Muritiba-BA, logo, segue meu olhar treinado, (des)naturalizado pelo circuito festivo. O que procuro? Compreender através de uma abordagem eliasiana às conexões entre fé-folia-consumo nas redes de interdependência e interpenetrações no emaranhado festivo, assim como, refletir sua posição imagética em relação ao território do Recôncavo.

Mas “quem não é recôncavo e nem pode ser reconvexo?” Esse é um fragmento de uma canção composta por Caetano Veloso e interpretada por sua irmã

Maria Bethânia (artistas baianos do Recôncavo). Semelhante a complexidade musical, este território marca uma memória de um momento de hegemonia produtiva colonial na sua produção de açúcar, fumo, etc, e, ainda, muitas lutas por emancipação política no Brasil ocorreram neste chão, logo, tornou-se ao longo dos anos, território de identidades, ou seja, de modos de vida diferentes, principalmente das religiões afro-brasileiras. Assim sendo, a culinária, a religiosidade, a capoeira, o artesanato, o samba de roda, o reggae, dentre outros, apontam a diversidade das expressões culturais deste “pedaço do Brasil”. Em meio a essa multiplicidade de cores e sons, o sino do Bonfim e o chocalho do “cão” se revelam na cidade serrana do Recôncavo baiano, a saber, Muritiba, situada a 120 km da capital do Estado, uma manifestação de caráter massivo cheia de fé-foia-consumo.

Mas como esses conceitos serão utilizados? Bem, a reflexão sobre a fé nesta pesquisa aborda um ethos que envolve prece, esperança, gratidão, votos. Isto é, a fé que exulta, celebra para além da escassez de elementos materiais. Dito de outro modo: a experiência da fé aqui envolve um misto de “andar com fé e ir de pé”. Segundo Gilberto Gil, um dos intérpretes da música popular brasileira:

Andá com fé eu vou. Que a fé não costuma faia. Que a fé tá na mulher. A fé tá na cobra coral. Oh! Oh! Num pedaço de pão. A fé tá na maré. Na lâmina de um punhal. Oh! Oh! Na luz, na escuridão. Andá com fé eu vou. Que a fé não costuma faia. Andá com fé eu vou. Que a fé não costuma faia. Andá com fé eu vou. Que a fé não costuma faia. Oh Minina! Andá com fé eu vou. Que a fé não costuma faia. A fé tá na manhã. A fé tá no anoitecer. Oh! Oh! No calor do verão... A fé tá viva e sã. A fé também tá prá morrer. Oh! Oh! Triste na solidão... Andá com fé eu vou. Que a fé não costuma faia. Oh Minina! Andá com fé eu vou. Que a fé não costuma faiá... Andá com fé eu vou. Que a fé não costuma faia. Andá com fé eu vou. Que a fé não costuma faiá... Certo ou errado até a fé vai onde quer que eu vá. Oh! Oh! A pé ou de avião... Mesmo a quem não tem fé. A fé costuma acompanhar. Oh! Oh! Pelo sim, pelo não... Andá com fé eu vou. Que a fé não costuma faia. Andá com fé eu vou. Que a fé não costuma faiá...⁸

Ora, “a fé é a garantia dos bens que se esperam, a prova das realidades que não vêm” (BÍBLIA, Hebreus, 11:1), “porque a figueira não dará fruto, e não haverá frutos nas vinhas. Decepcionará o produto da oliveira, e os campos não darão de comer, as ovelhas desaparecerão do aprisco e não haverá gado nos estábulos. Eu, porém, me alegrarei em Ihaweh, exultarei no Deus de minha salvação!” (BÍBLIA,

⁸ Artista: Gilberto Gil; Álbum: Um Banda Um; Data de lançamento: 1982.

Habacuque 3: 17-18). Desta maneira, a fé torna-se um óculos para se ver e enxergar o mundo e, no contexto festivo do Recôncavo da Bahia, a fé provoca corpos em dança pelas ruas e templo da cidade, ou seja, fé-folia se conectam proporcionando práticas sociais ambivalentes. Com efeito, a folia é uma espécie de efervescência onde os sujeitos sociais para além de uma experiência atreladas a identidade de foliões, participam como devotos festeiros entre as dimensões corpóreas de liberdade-controlada da rede-festiva. Junto a esses aspectos é possível reverberar que o consumo não se limita a bens materiais ou imateriais, uma vez que memórias, sensações e experiências são acionadas numa festa de caráter massivo a fim de que se “colecione emoções” e, por vezes, paga-se caro para fugir de uma rotina burocratizada em que o tom de entretenimento disfarça processos de uma “industrialização do simbólico”.

Lembro-me nesse instante que de segunda a sábado na rádio comunitária (aquela que tem caixinhas de som espelhadas em alguns postes da cidade), às 12h é tocado o hino ao Sr. do Bonfim, gerando um processo de inculcação e fortalecimento identitário (ao menos), em grande parte da cidade. Desta maneira, até esta prática pode ser problematizada, uma vez que, o padroeiro da cidade é São Pedro, logo, porque tanta força do Bonfim neste pedaço de chão? Ora, Léa Perez aponta que “não existe cidade sem santo padroeiro, cuja festa constitui o cume de sua vida coletiva” (PEREZ, 2011, p.21). O geógrafo cultural Janio Roque aponta:

... uma festa em homenagem à padroeira de uma pequena cidade jamais acontecerá da mesma forma que outra para a padroeira de mesmo nome noutra localidade, situada em um distinto contexto regional e cultural. A santa que alimenta o fluxo devocional e as práticas litúrgicas pode ter o mesmo nome, mas os sujeitos sociais e os seus contextos socioculturais e as peculiaridades dos diferentes lugares farão com que cada festa apresente uma dinâmica particular. (CASTRO, 2015, p.43)

Segundo Kathryn Woodward (2009), é importante lembrar de dimensões que envolvem o conceito de identidade, isto é, seu aspecto relacional, o lócus da diferença e dos símbolos. Assim sendo, a identidade é construída em disputas e, por vezes, para se estabelecer, os sujeitos envolvidos utilizam-se da estratégia de reivindicações históricas ligadas e ou legitimadas a uma suposta “tradição”. “As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da

diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social” (WOORWARD, 2009, p.39).

Eu então fui caminhando nas ruas de Muritiba. Observei a luta por demarcação da diferença, senti o cheiro das mediações entre governo local, “agentes especializados da cultura”⁹, “guardiões da cultura popular”¹⁰ e integrantes das lavagens, brinquei com os foliões, sorri com os mascarados, os cães e as muquiranas, fiquei ansioso à espera do portal da festa, conversei com barraqueiros e trabalhadores do parque de diversão, aplaudi as charangas e me encantei com a beleza das baianas. Mas acima de tudo percebi que a Festa do Bonfim de Muritiba traduz-se em alegria e é o momento em que a folia dá sentido à labuta cotidiana e o sentimento de pertencimento transpõe a exclusão social, na medida em que nesses dias de celebração ocorre uma partilha de sentimentos, de sensações múltiplas que implicam em renovação anual de forças e emoções.

⁹ Entendo como “agentes especializados da cultura” os empresários e ou grupos que possuem os bens materiais utilizados para a organização e o desenvolvimento das festas (estrutura de som, caminhão para transportar, palco, iluminação, banheiros químicos, gerador de energia, etc) assim como alguns líderes de lavagens com abadás.

¹⁰ Por “guardiões da cultura popular” leia-se indivíduos que na comunidade carregam a legitimidade e liderança do fazer e proteger as manifestações culturais de uma determinada comunidade. No caso de Muritiba temos o mestre Avelino, criador do “segura veia”, a professora Maridalva, líderes de lavagens, caretas, cães e muquiranas mais velhos.

1. ATOS ANUNCIADORES: A FESTA JÁ COMEÇOU...

Foi na noite do dia 01-01-2016, em Muritiba (cidade serrana do Recôncavo Baiano), que aconteceu um ritual conhecido dos seus cidadãos com características miméticas anunciando a chegada não só de um novo ano, mas, da Festa do Bonfim. Sim, trata-se da Bandeira anunciadora (símbolo de fé-festa) sendo carregada em cortejo pela comissão religiosa e por representantes políticos pelas ruas da cidade.

No que tange ao tema da Bandeira, optei em estabelecer um diálogo com os escritos de Anfilóbio de Castro e do poeta Evandro Mota, buscando conexões entre o passado (livro de Anfilóbio de Castro, fotos) e o presente (fotos, vídeos, observação participante, entrevistas), isto é, entre o que muda-permanece nesta rede-festiva.

No ano de 1941, segundo Anfilóbio de Castro,

... o fincamento da bandeira, início das festas, realizava-se com luzida passeata, animada de música, fogos e grande multidão à noite de primeiro de janeiro. O prestígio da bandeira, conduzida pela comissão encarregada das festas à frente, parte da Rua Caminho de Cachoeira, depois da entrada e hoje Dannemann, para o largo da igreja do Bonfim, onde muitas girândolas de foguetes incendiam os ares estrepitosamente, subindo então ao palanque a filarmônica, fazendo-se ouvir em belas partituras. (CASTRO, 1941, p. 48)

O poeta muritibano Evandro Mota de Andrade abordou no ano de 1992 este tema assim:

Tudo começa em janeiro; Logo no dia premero; Cu'aintega da bandera; Indo buscá, de pé; Home, minino e muié; Do caminho de Cachuera! Filarmônica tocando; E os povo acompanhamo; Os membros da Comissão; No finá do evento, todos tem conhecimento; De toda a programação! (BRITO, 2012, p. 298).

De fato, ao percorrer as ruas da cidade pude vivenciar o que foi abordado tanto por Anfilóbio, quanto pelo poeta Evandro. Sim, o dia primeiro de janeiro em Muritiba-Ba é marcado pela BANDEIRA sendo carregada pelas ruas da cidade, atividade que envolve (sobretudo) representantes políticos e religiosos. Há uma presença marcante de músicos e filarmônicas, muitos foguetes e carro de som. Essa prática é comum há décadas. Logo após algumas ruas percorridas com a BANDEIRA da festa do Senhor do Bonfim, dirigem-se para Praça da Igreja com o intuito de comunicar a programação do ano.

A Bandeira é, no modo de dizer, um ato simbólico onde dali são demarcadas as datas de todo período festivo. Ali nós temos o Pregão

que é o bando anunciador da festa. Tem a lavagem. Tem a festa aqueles dias todos e tem a procissão que é o encerramento...é nessa Bandeira do dia primeiro de janeiro [vai na frente do cortejo]...tem as duas filarmônicas...tem duas comissões [a religiosa e a da festa na rua], a Bandeira ao som de muitos fogos é fincada no mastro para que as pessoas tomem conhecimento dos dias que vão acontecer as atividades... essa é a finalidade da Bandeira: chamar a comunidade para a rua e praça (Fala de uma guardiã da cultura popular).



FIGURA 2. Fincamento da Bandeira. Arquivo Prefeitura Municipal de Muritiba



FIGURA 3. Pregão anunciador 1. Arquivo Prefeitura Municipal de Muritiba



FIGURA 4. Pregão anunciador 2. Arquivo Municipal de Muritiba

Segui então a multidão ao som das filarmônicas da cidade (5 de Março e Lira Popular) e de muitos fogos que são queimados em todo percurso gerando encantamento e, de algum modo, despertando as pessoas para esquinas, praças, portas e janelas de suas casas. O trajeto feito foi da casa da professora Maridalva (integrante da religião de matriz africana), no caminho de Cachoeira até a Praça do Bonfim.

Ora, quando cheguei à porta da Igreja repleta de pessoas, um integrante da comissão religiosa subiu numa escada para fincar a Bandeira em um monumento específico para tal finalidade, ou seja, ali as datas foram divulgadas oficialmente para o festejo anual. Desta forma, no dia 10-01-16 será o Pregão anunciador; no dia

24-01-16 lavagem das escadarias da Igreja do Bonfim; no dia 31-01-16 a Festa e no dia 01-02-16 a Procissão.

Próximo ao monumento existia um carro de som disponibilizando um microfone e, então, um locutor chama para o pronunciamento um integrante da comissão religiosa e o prefeito municipal. O primeiro fala da alegria e da importância em celebrar e renovar a fé no Senhor do Bonfim. Já o segundo, continua o discurso do seu antecessor e amplia ao sinalizar que se trata de uma festa religiosa de caráter popular. Salientou o momento de crise econômica a nível nacional e que de algum modo interfere nos municípios. Entretanto, isso não poderia impedir a realização de um momento importante de celebração da fé e da cultura popular em nossa cidade, isso porque a festa é maior que qualquer grupo político e econômico. Assim sendo, abordou ainda a importância dos novenários, assim como o palco, as lavagens e os blocos particulares como elementos que compõem os festejos ao Bonfim.

Acabando este momento de pronunciamentos, uma filarmônica toca de frente para outra no meio da rua e, diante do templo do Bonfim, como uma espécie de saudação e respeito recíproco, os líderes das referidas instituições se confraternizam e os músicos saem tocando em direção às suas sedes. Em meio a muitos risos e a vida sendo celebrada, o “povo” vai deixando a porta do templo e a praça, pois já sabem que a festa do Bonfim está chegando...

Todavia, é necessário lembrar que carregar a Bandeira e ou participar deste contexto envolve interesses diversos, isto é, prestígio, visibilidade, disputas e, não menos, alegria-expectativa, pois a festa se aproxima. Logo, a fé no Senhor do Bonfim se renova, o evangelho é anunciado no templo e no cotidiano através de visitas pastorais. Entretanto, ainda que essa seja uma dimensão demasiadamente significativa da festa, não é a única, uma vez que, fé, folia, lazer, consumo e múltiplas representações identitárias compõem esta rede-festiva.

Neste sentido, um dado novo: a programação revelada no monumento específico da Praça do Bonfim se multiplica rapidamente através das redes sociais, isto é, ocorre uma espécie de ativação das forças da memória num misto de saudade de experiências vividas e expectativas multissensoriais que estão por vir. Isso significa também que a experiência da fé em muitos casos confunde-se com a do corpo. O desejo de celebração da vida passa pelo reencontro com pessoas, com o “transcendente”, mas também consigo mesmo. Isso porque as “tradições culturais

emergem das dimensões mais fundas de cada ser e animam a coexistência entre corpo e o espírito” (ARAÚJO, 2013, p.15). Dito de outra forma, muitas memórias são acionadas e talvez pelas marcas do tempo no rosto de alguns, esse corpo já não participa como gostaria da rede-festiva, todavia, esses rostos ainda são capazes de sorrir ao perceber que seus filhos (as) e netos (as) se entregam à festa num jogo complementar-tensionado de mudança-permanência.

De fato, uma festa é fabricada a partir de muitas imagens em disputas. Evidente que estas imagens geram pertencimentos, emoções, memórias, narrativas, prazeres, estigmas, prestígios... O poder público local através de algumas secretarias articuladas tenta promover um momento lúdico atrelado a uma sensação de segurança, isto é, há assim um ambiente propício ao consumo da folia. Ou seja, realizar uma “boa festa” é gastar muito (recursos próprios e busca de parcerias-patrocinadores), mas é também projetar-se na cidade e ou região como um bom gestor. Daí: “é evidente como a cultura é abordada pelos gestores municipais, como eventos e megashows, ou pior, como forma de angariar votos” (SANTOS; SERPA, 2015, p.86). Sim, mesmo que uma parte da sociedade muritibana chame tal prática de uma política de “pão e circo”, que o investimento público feito na festa poderia ser direcionado para melhoria da saúde e educação municipal, ao som das lavagens, do chocalho dos “cães”, do colorido das caretas e ou fantasiados, assim como, diante da banda no palco os sujeitos acionam a identidade de folião e entregam-se à festa.

Com efeito, a festa vai chegando e ou acontecendo através de práticas-momentos que a compõem, assim sendo, chega o dia do Pregão anunciador.

Anfilóbio descreve:

O pregão, composto de mascarados a cavalo e de rasgada charanga de trombones e clarins, quinze dias antes da festa maior, percorre as ruas. Anunciando a Lavagem do templo e o Bando de mascarados a cavalo. (CASTRO, 1941, p. 48-49).

E o que diz o poeta Evandro sobre o pregão?

Cum mais o meno de um mês
É chegada ora e veis
Do Pregão tradicioná;
As prancha se faz presente,
As rua enche de gente,
Bicicreta e animá!(BRITO, 2012, p. 298)

Atualmente o dia do Pregão é bastante divulgado nos carros de som gerando uma expectativa nos cidadãos para poder participar de maneira diversa deste “desfile pelas ruas da cidade”. Ora, no trabalho de campo pude perceber que a saída de cavalos, jumentos, pranchas, bicicletas é da Praça do Bonfim e, imediatamente, as esquinas, praças, portas e janelas das casas ficam cheias com espectadores-zombadores que apontam ora para desconhecidos ora para familiares rindo de e com eles. Sim, cavaleiros de outras cidades do Recôncavo baiano participam do pregão em Muritiba, neste complexo de cores, símbolos e significados, ocorrem também algumas premiações no final do percurso, num palanque montado em frente à prefeitura. Assim sendo, há um brincar marcado por disputas na entrega de troféus para: as pranchas, cavaleiros, amazonas, mirins, cavaleiro mais idoso, grupo mais organizado, jumento e bicicleta mais enfeitado (a).

Entre as mudanças ocorridas na festa do Bonfim de Muritiba, percebe-se o deslocamento dos cavalos e burros, ou melhor, diferente do contexto abordado por Anfilóbio, agora não mais mascarados e músicos das filarmônicas estão montados, mas grupos de cavalgadas da cidade e região enfeitam-se e participam em busca de lazer-beleza através de expressões e práticas culturais revelados no pregão. Sim, bandeiras como do estado da Bahia, do Brasil e a de Muritiba, caminhões enfeitados (pranchas), bicicletas, cavalos e burros e, não menos, prestígio-brincadeira num jogo de fantasias-concorrências.

Com efeito, premiações, brados, risos, bebidas... A seu modo, o pregão é uma festa. Cavalos como símbolos fálicos e de poder econômico, na medida em que sujeitos sociais buscam apresentar seus melhores animais, repletos de adereços caros, alguns marchando e assim desfilam por toda a cidade como que estivessem expondo sua própria masculinidade. Jumentos com tom de brincadeira-resistência ao paradigma de beleza-raça e adereços que compõem os cavalos. No percurso feito percebi que homens e mulheres participam deste momento festivo, logo, saltou aos olhos a presença marcante de jovens socialmente brancos e de classe média nos jumentos, isto é, dimensões do “popular” são acessadas provocando risos nas ruas da cidade. Evidentemente, além dessas dimensões que compõem o Pregão, um aspecto significativo é a programação da festa que é distribuída ultimamente em um trenzinho composto pela comissão religiosa e por representantes políticos municipais.

Segundo a SECULT de Muritiba, entre o mês de outubro e novembro, os organizadores das pranchas (caminhões enfeitados com músicos e pessoas dançando) mandam suas listas para que tudo seja providenciado para o ano seguinte. Bem, ao andar pelas ruas da cidade e tendo o mínimo de contato com alguns organizadores, ficou perceptível ver dimensões de tensões e muitos improvisos nesta relação. No entanto, em hipótese alguma, diminui a beleza, o encanto e a força do pregão, uma vez que, seja nos caminhões, nas bicicletas e ou nos animais, há ali uma extensão de si, isto é, dos grupos que compõem este lugar na festa, logo, tanto o pregão quanto a festa em si, são uma extensão e adaptação da vida. “São rituais de re-atualização e de re-encantação da vida, da relação de cada um consigo mesmo, com os outros e com o mundo” (ARAÚJO, 2013, p.15). Sem dúvida o pregão movimenta a cidade enchendo esquinas e praças de pessoas, assim como visitantes de outras cidades do Recôncavo. É importante salientar que o pregão modifica algumas práticas comuns de grupos religiosos que suspendem suas atividades no período noturno devido ao grande movimento nas ruas da cidade e ou grupos que excedem nas bebidas alcoólicas.

Porém, tendo em vista que o pregão acontece pela tarde, alguns grupos vão se articulando para divulgar suas empresas e ou proporcionar lazer-folia para os cidadãos e visitantes. Desta maneira, pelo terceiro ano consecutivo ocorreu pela manhã a lavagem da Hidro¹¹. Lavagem com camisa, cordas, músicos, trezinho, seguranças, carro pipa... Compete destacar que há patrocinadores do comércio local, entretanto, o basilar deles é a prefeitura municipal.

Com efeito, ao caminhar por ruas da cidade precisava está bem atento. O pesquisador necessita de curiosidade, uma vez que, desnaturalizar-problematizar é a sua incumbência! Daí, segundo Peter Berger: “o sociólogo é o homem que tem de ouvir mexericos, menos a contragosto, o homem que sente tentação de olhar através dos buracos de fechadura, ler correspondência alheia, abrir armários fechados” (BERGER, 2010, p.28).

As ruas, a feira popular, as lanchonetes, as padarias, os salões são então uma espécie de laboratórios. Esses e outros espaços revelam desejos, anseios e reclamações no que tange aos festejos da cidade. Dialogando com a sugestão de Berger, sigo investigando rastros. Esses dias ouvi (numa praça) um grupo de

¹¹ Há uma empresa que oferece aula de Hidroginástica em Muritiba, logo, seus responsáveis se organizaram criando uma lavagem. Bem, sobre a estrutura da lavagem e suas múltiplas formas será abordado mais adiante.

adolescentes falando sobre a festa quando uma garota em voz alta disse: “ eu quero é a lavagem!”. O grupo caiu em risos. Ora, uma leitura superficial deste acontecimento indicaria que essa adolescente não quer nada com os novenários e as atrações no palco (pode até ser), todavia, como cidadão e pesquisador deste fenômeno tão complexo que é a festa do Bonfim (onde a lavagem também compõe esta rede), essa frase revela uma expectativa, uma vez que, entre a Bandeira e o Pregão, atos anunciadores da festa, há um anseio imprimido no rosto de muitos foliões aguardando por um estilo peculiar de se festejar, ou seja, de participar das lavagens.

Em meio a marchinhas de carnaval, fantasias, foliões tomando as ruas da cidade, a vida é exaltada! Rixas são feitas e ou acertadas! Corpos caracterizados de formas diferenciadas entregam-se à folia. É como se a vida, mesmo que por um instante, fosse “carnavalizada”. Por falar em carnaval, este ano o tema da festa do Bonfim de Muritiba foi: “O carnaval começa aqui!”. Houve também uma ênfase na fantasia, isto é, uma provocação aos muritibanos e visitantes: “Você já escolheu a sua fantasia?”.

Carnaval e fantasia são de algum jeito expressões da mesma moeda. Entretanto, como aparecem tais elementos nos festejos de Muritiba? Ora, não se trata do padrão carnavalesco carioca do “sambódromo” e nem dos processos de “camarotização” que envolvem trios, cordas, abadás e camarotes em Salvador. Na festa do Bonfim de Muritiba há uma especificidade de misturas de práticas-sentidos, logo, ao peregrinar pelas ruas da cidade compreendi então que a festa é cheia de ambivalências entre sagrado-profano, certo-errado, Deus-diabo, feio-bonito, caos-ordem, liberdade-controle...

Como pesquisador fiquei entre a casa-rua-janela¹², logo, no templo, e na ida ao mesmo, foi perceptível a força e a leveza dos momentos litúrgicos que envolviam (também) mãos enrugadas com o terço, joelhos por vezes dobrados e muita fé no padroeiro da festa. De fato, em meio à leitura do texto sagrado e de cânticos, havia uma renovação da fé. No entanto, novas mãos, isto é, sem rugas também compõem as práticas ligadas ao templo o que me fez enxergar, durante minha andada pelas avenidas da cidade na praça do comércio, um varal estendido onde camisas do

¹² Lugar da ambivalência, pois, a janela torna-se uma síntese entre a casa e a rua.

“Louva Cristo Folia¹³” eram vendidas. Ora, essa prática é bastante comum aos muritibanos, pois o Clube dos Trinta todos os anos vende suas camisas no coreto da praça. Entretanto estamos falando nesse momento de um grupo jovem da igreja católica que se articula pelo segundo ano na mesma manhã da Lavagem das Baianas para expressar com seus corpos a força da fé-festa, utilizando o auxílio de um carro de som e de músicos, enchendo as ruas da cidade de dança-alegria e expressões de gratidão. Mas algo me intrigou: no mesmo dia das lavagens das baianas em horários próximos! Ora, o que isso representa? Possibilidades (polifonias) que há na festa? Disputa simbólica de fiéis e ou religião? De fato presenciei jovens e velhos pulando, sorrindo, levantando um lenço branco. A ênfase era: nosso intuito é promover a paz, logo, os fiéis deveriam louvar ao Senhor.

Semelhantemente os corpos fantasiados possuem um caráter polifônico e dialógico ocupando ruas da cidade, pois, eles são políticos, religiosos, artísticos simultaneamente. A “carnavalização” da vida ocorre em tom de brincadeira e, em muitos casos, tais fantasias expressam um misto de protesto-riso. Na festa do Bonfim de Muritiba muitas transições estão sendo feitas, isto é, o ato de fé-folia é reinventado todos os anos. Cabe observar que entre essas metamorfoses, ficam evidentes processos de profissionalização de empresas ligadas ao entretenimento gerando e fortalecendo na cidade-região o “consumo da folia”.

Em meio a esse cariz “carnavalesco” o antropólogo brasileiro aborda: “Por que acreditar num momento pleno de liberdade e criação, como ocorre no carnaval, quando esse momento é, de fato, uma mentira, uma ilusão e um ardil de três noites?” (DAMATTA, 1997, p. 34). Apesar da ênfase dicotômica deste observador, no carnaval ocorrem processos que envolvem uma relativa autonomia onde a criatividade, a fantasia e a liberdade dialogam proporcionando nos foliões prazeres efêmeros, todavia, não menos significativos para aqueles que experimentam. Desta maneira, a festa do Bonfim de Muritiba possui motivações religiosas-populares, em que dimensões de fé-folia-consumo ocorrem simultaneamente em redes de interdependência e interpenetrações.

Dito isso, o construto textual propõe-se em apresentar a festa e suas redes de conexões, cumplicidades e disputas. Daí encerrado esse ciclo que vai da Bandeira

¹³ A primeira edição foi em 2014 e 2016 marca uma continuidade deste evento organizado pelo grupo jovem Semeadores da Paz da paróquia de Muritiba com patrocínio (carro de som, camisas, etc.), de comerciantes locais e da prefeitura. Ora, o intuito é a participação de fiéis católicos pelas ruas da cidade com muita música-alegria para reverenciar o Sr. do Bonfim.

ao Pregão, continuei na rua em busca de pistas. O que encontrei? Uma efervescência “mística festiva”, isto é, um “imagético festivo” que em poucos dias seria revelado, articulado, potencializado em expressões culturais por grupos de foliões. Isso porque, conforme a antropóloga Léa Perez, “não há festa estritamente individual. Toda festa implica em comunhão de sentidos” (PEREZ, 2011, p.14).

1.1 HOJE TEM LAVAGEM: CONSUMO DE FOLIA NAS LAVAGENS DO SENHOR DO BONFIM DE MURITIBA-BA.

Vai começar. Uma das maiores festas populares da Bahia. Festa do Bonfim 2014 em Muritiba. Você vai curtir e dançar com o ritmo contagiante de Saulo. O pagodão do Psirico. E ainda: Jau Peri. Viola de doze. Edson Gomes. É o Tcham. Negra Cor. E muitas outras atrações de Muritiba e região. Você vai percorrer as ruas da cidade com as lavagens. Vai ter a alegria dos Cães. Os tradicionais mascarados. E muita, muita música e gente bonita. Muritiba está de braços abertos para receber você que vem de todo canto da Bahia e do Brasil. A tradicional festa do Bonfim começa no dia 14 de fevereiro, sexta feira e vai até o dia 24, terça feira, quando acontece o encerramento com a procissão. Festa do Bonfim 2014 em Muritiba. Vai ser bom demais. Organização: Secretaria Municipal de Cultura, Lazer e Desportos. Realização: Prefeitura de Muritiba. Cuidando de nossa gente¹⁴

Frequentemente a mídia e a opinião pública apresentam as festas populares de santos como grande motor do turismo. Nesse sentido, o trecho acima retrata como a Prefeitura Municipal de Muritiba no ano de 2014, com o intuito de difundir a Festa do Senhor do Bonfim nesta sociedade “sem fio”, mediante redes sociais, blogs e sites para além do Recôncavo baiano, reconhece a importância do uso de material midiático para atrair foliões, em especial entre a classe média, hoje uma das maiores consumidoras da cultura popular (TRIGUEIRO, 2005). Na realidade, vídeos como este desvendam a dimensão festiva que cria-recria o humano cotidianamente em tempo-espaço distintos. Evidente que não se trata de um caráter único do ato de festejar, mas de compreender que o indivíduo se faz presente em rituais de passagens, em ocasiões religiosas, enfim, nas diversas situações de euforia e encantamento. Entretanto, cabe a reflexão: Em um mundo racionalizado, a festa permanece conectada a mecanismos religiosos? Haveria uma prática festiva estritamente laicizada?

¹⁴Texto retirado de uma propaganda divulgada na internet pela Prefeitura Municipal de Muritiba do ano de 2014.

Ora, é comum refletir este tema a partir de perspectivas dicotômicas, isto é: a festa é sagrada ou profana? Nela há ordem ou desordem? Entretanto, assumo outra análise sobre a mesma na tentativa de compreender as ambivalências contidas neste fenômeno marcado por dimensões de fé-consumo-folia, entendidos como entretenimento, por isso mesmo, experimentado no templo, no largo da praça, no comércio e nas ruas da cidade.

Vale dizer, pois, que festa, religião e cidade são três formas fundamentais de ligar, três formas eminentes de sociação, por intermédio das quais se realizam a troca e a comunicação, dos fundamentos essenciais da experiência humana em coletividade. Ligação-comunicação com os afetos e com as emoções, ligação-comunicação- troca com o sagrado e com os deuses, ligação-negociação com os deveres e com as obrigações (PEREZ, 2011, p.26-27).

A festa do Bonfim de Muritiba, como é popularmente conhecida, ocorre a aproximadamente dois séculos, sendo composta por: fincamento de bandeira, pregão, missas festivas, novenários, visitas pastorais dos padres a enfermos, filarmônicas centenárias da cidade (5 de Março e Lira Popular Muritibana), barracas de largo, vendedores ambulantes, lavagem de escadaria da igreja, samba de roda, atrações musicais no largo da praça... Ou seja, trata-se de uma festa de largo. Mas, o que seria festa de largo? O largo é um espaço público. Na Bahia, a expressão festa de largo se aplica a grandes eventos abertos que acontecem no espaço público, atraindo milhares de pessoas que apreciam a axé music, o samba de roda, o pagode, entre outras modalidades musicais. A palavra largo, nesse sentido, segundo Castro (2015), está relacionada ao espaço público, que pode ser uma rua, um largo e na concepção de Lamas (2000) até mesmo uma praça. Muitas festas de largo de Salvador são extensões de festividades religiosas tradicionais e passaram a apresentar feições espetaculares, ou seja, a partir dessas festas, desdobraram-se eventos turistificados.

Quais seriam os limites entre festas do sagrado e profanas? Em primeiro lugar, como se destacou anteriormente, uma festividade popular de origem religiosa pode ter uma extensão profana (no seu entorno imediato) ou até mesmo se transformar em uma celebração profana. Afirmar que o sagrado corresponde ao que acontece dentro da igreja católica, tanto do ponto de vista material (imagens, objetos, altar) quanto imaterial (missas, celebrações), é uma simplificação de uma questão complexa, que não deve se resumir a uma dicotomização de natureza físico-espacial. Dentro do templo religioso

há práticas profanas, como turistas que fotografam amigos, parentes ou se fotografam para postarem nas redes sociais. O que há de sagrado nessa prática? Por outro lado, há pessoas que se deslocam por centenas de metros, de joelhos ou carregando uma cruz, para pagar uma promessa relativa a uma graça alcançada. Essas pessoas se movem com dificuldade por entre barracas de bebidas situadas em corredores no entorno da edificação religiosa, uma área que pode ser considerada como eminentemente profana. Mas o ato do fiel religioso não tem nada de profano; a sua prática de fé está totalmente relacionada ao sagrado. Dessa forma, o debate sagrado/profano dimensionado no espaço público também deve ser conduzido com o devido cuidado, para que se evitem essas dualizações mecânicas estanques. (CASTRO, 2015, p. 46)

Desta forma, na Festa do Bonfim de Muritiba ocorre uma inculcação de um habitus festivo que envolve ambivalências, construção e reconstrução de narrativas corporais e simbólicas, de memórias. Daí cabe a reflexão: como esta festa se configura hoje? Ora, para responder essa questão, é necessário não um marco originário com intuito de uma leitura evolucionista da festa, mas buscar conexões entre o passado e a conjuntura atual, isto porque as redes de pertencimentos se tensionam e complementam simultaneamente. Sigo em diálogo com Anfilóbio que sinalizou:

Celebra-se, há mais de cem anos, com desusado brilhantismo, sempre nos últimos dias do mês de janeiro de cada ano, animadas e aparatosas festas em louvor ao miraculoso Senhor. A princípio, as comissões encarregadas delas o eram por meio de votos, entre as personagens mais representativas e mais honestas da sociedade. O tesoureiro organizava o necessário programa e o submetia à apreciação de seus pares, que o examinavam e o modificavam se conviesse, sempre respeitosos dos interesses da harmonia pelo esplendor das festas. Aprovado, era-lhe dada fiel e rigorosa execução. No caso de insuficiência de óbolos, sucedimento raro, os comissionados cotizavam-se entre si, e o programa das solenidades tinha execução integral. Imediatamente ao encerramento das festas, pela imprensa e por afixação, era dada a ciência ao povo, o balanço geral da receita e das despesas realizadas. Era ponto de honra essa publicação, sinal de respeito ao vigário da freguesia e à sociedade (CASTRO, 1941, p. 48).

Anfilóbio de Castro ainda aborda:

Este, oito dias depois, de sua vez apregoa a festa em geral. Ao espocar de cerrada foguetearia e roqueiradas de retumbante e arrojo, de mistura com as alegrias dos sinos, com doce fartalhada dos galhardetes aos beijos mansos do norte matinal, entra regurgitante de “Caretas de coberta” o ensaio e belo Domingo de Lavagem e o Bando. Às dez horas, as ruas são fervedouros de

raparigas de saias redondas, torço de cetim, chalé de seda ou pano da costa ajustado à cintura, punhos, pescoço e orelhas carregados de ouro, ao quadril, pendentes do cós da saia, lindas ágatas, corais e coralinhas encastoadas de ouro e prata. O pessoal da roça entra no “fogo”. Alteiam-se as chamas dos folguedos. Um fervor! Meio-dia. O incêndio atinge seu auge! Entram as criolas, as mulatas, as africanas, os aguadeiros das cidades vizinha, formando assim, um grosso de mais de oitocentos festeiros devotos, cada qual mais ardente de alegria e fé, com sua bilha enfeitada, cheia de água à cabeça, cantando, sapateando, requebrando aos sons da zabumbada, sobressaindo as porta-bandeiras no repisado e requebros das chulas e dos miudinhos, leve e ligeiro do ponteado da dança com alguma causa de lascívia, uma das mãos à cintura, outra à haste da bandeira, os olhos no chão, suor gotejando e ouvidos vaidosos de garbos e de brados de animação. Duas horas da tarde. Dissolve-se o formidável prestígio da Lavagem, começam a aparecer os primeiros máscaras, de que logo se enche as ruas. Quatro horas, vai-se reunir o Bando para a distribuição do programa da festa. Reúne-se. São mais de trezentos mascarados, cada qual exibindo mais rica fantasia, cavalgando mais gordo e mais habilidoso cavalo, bem mais enfeitados e com mais largo peitoral sortido de guizos. Outros, em burros e jumentos, com vestimentas jocosas, espalhafatosas, disparatadas, cômicas até, de folhas verdes, o “amigo folhagem”, chamado esse trepado em paciente e velho boi cargueiro, e todos formados a dous de fundo, a filarmônica também a cavalo, o porta-bandeira à frente, percorrem novamente às ruas, anunciando as solenidades, folguedos e diversões populares que se realizam durante dez dias de festa (CASTRO, 1941, p.49).

Durante minha peregrinação pelas ruas da cidade realizando a pesquisa, foi bastante comum escutar por parte tanto da liderança da igreja, da comissão religiosa organizadora e de alguns fiéis a seguinte distinção: a festa do Bonfim é bom a gente compreender de duas formas, isto é, o momento religioso com responsabilidade do padre e sua equipe de trabalho, e o momento popular e ou profano com a responsabilidade da prefeitura municipal. Desta forma, a parte religiosa cabe à paróquia, uma vez que o padre faz um tema para chamar atenção dos fiéis da cidade e dos visitantes. No ano de 2014, por exemplo, o tema foi: EM CRISTO JESUS O ROSTO HUMANO DE DEUS. Já em 2015: NO SENHOR DO BONFIM, CONTEMPLAMOS O CUMPRIMENTO DA MISERICÓRDIA DO PAI. Em 2016, JESUS, PALAVRA VIVA DO PAI PRA NÓS.

Com efeito, ocorre missa penitencial, celebração da vida, proclamação do evangelho, participação de grupos jovens da paróquia local e ou zona rural, visitas pastorais aos doentes, etc. É um momento propício para renovação da fé dos fiéis e uma tentativa de atrair homens e mulheres ao compromisso com o Senhor do Bonfim que tanto tem abençoado suas vidas e famílias. Daí, uma das maneiras de

agradecer ao santo seria assumir um maior compromisso com a paróquia e estabelecer processos de cuidado e manutenção da vida.

Chegando a um momento de missa vi a igreja completamente cheia com muitas pessoas ainda na porta e escada. Cantos, palmas, preces com fervor! Acolhimento da palavra, participação de jovens, uma fé-festa! Entre a entrada da igreja e a escadaria, mesas vendendo: bíblias, terços, cd's, chaveiros com temas religiosos. Já no passeio, vende-se: algodão doce, pipoca, brinquedos, pulseiras/colares fluorescentes. Como a igreja estava pintada e a praça reformada, chamou minha atenção uma marca da mão do “cão” na parede [símbolo de uma prática cultural com representação comum a moradores da cidade], contudo, essa “diabrura” é atribuída ao “cão” e nem sempre realizada por ele.

Assim sendo, no processo de pesquisa, foi comum ouvir, por parte de religiosos católicos, afirmações no que diz respeito às caretas, “cães”, muquiranas: são expressão popular, tradição de um “povo”, gosto de ver de longe, mas não é religioso. Mas o que seria de fato religioso para esses agentes sociais? As missas, os novenários, as visitas pastorais e a procissão? E o povo de santo com suas manifestações também não fazem parte do âmbito religioso? Bem, no boletim há uma separação informando quem compõe a coordenação religiosa, a comissão religiosa, assim como, a coordenação dos festejos populares. Todavia, percebi ainda que os boletins informativos revelam também uma dimensão imbricada do campo religioso, político, econômico, cultural, pois, muitas missas são patrocinadas por comerciantes locais, políticos, grupos internos da igreja com suas famílias, etc.

Conforme a historiadora Edilece Couto fazendo referência ao Bonfim de Salvador,

As festas do catolicismo na Bahia sempre foram lúdicas e espetaculares. Incluíam nos programas bando anunciador, novenas, missas, bênção do Santíssimo, Te Deum, lavagem do templo, erguimento de mastro, procissão, queima de fogos, banquete, desfile de carro alegórico, baile à fantasia e quermesse. Cada uma dessas manifestações poderia se tornar uma festa dentro da grande festa do padroeiro. Para os devotos, faziam parte do sagrado, porém, segundo as autoridades civis e eclesiásticas, eram desordem, resquícios de barbárie, blasfêmias e desrespeito a Deus e aos santos. (COUTO, 2014, p. 143)

Fiéis e vendedores misturam-se na porta do templo, ou seja, ainda pensando com Couto, há inúmeros conflitos entre a perspectiva que os fiéis assumem na festa

e o modo do clero da igreja. Contudo, ao percorrer as ruas de Muritiba, busquei conexões, cumplicidade, mediações entre os grupos aparentemente antagônicos que compõem a festa. Desta forma, as missas atualmente são marcadas por momentos litúrgicos de muita beleza e encanto. Templo cheio de fiéis que chegam de todos os lados, ou seja, tanto da cidade quanto das localidades rurais que pertencem a Muritiba. A presença de jovens é bastante significativa através de grupos internos ligados à igreja. É importante abalizar que durante a festa as atividades do templo se intensificam em relação a visitas pastorais, as devocionais e as confissões. Percebe-se ainda a presença de líderes católicos de outras cidades que participam diretamente ou indiretamente neste lócus religioso.

Segundo Anfilóbio,

Oito horas da noite, a igreja, rica e suntuosamente ornamentada, dentro e fora, abundantemente iluminada, importante e bem afinada orquestra ao câro, cheia de fiéis, celebra-se a segunda novena. Muito foguete, repiques; e, depois, ao palanque, uma filarmônica executando trechos de bôa música, para o deleite do povo... Com o completo das cerimônias das grandes missas pomposas, com sermão pregado por afamado orador sacro, vindo da capital, orquestra composta do maiôr e mais competente e conjunto de mestres de música da zona, é cantada solenemente a missa festiva, em louvor ao milagroso Senhor de todos nós, ocupado o altar, ordinariamente, de mais de seis padres. A igreja está esplendente de luzes e majestosa pelo belo da arte e da riqueza da ornamentação e adornos. Está literalmente cheia de fiéis. As senhoras trajam seda e usam chapéo. Os cavalheiros, na sua maioria negociantes e fazendeiros abastados, trajam o fino, o novo, o respeitoso. (CASTRO, 1941, p. 49-50)

Mas antes da porta da igreja, os cidadãos curiosos, os foliões, os fiéis, os visitantes, os empresários e os políticos, atravessam um portal muito relevante para esses festejos. É a “porta” de entrada da festa, esperada com muita ansiedade por todos! Esta trata-se de um símbolo identitário da festa (próximo à prefeitura), que pode ser de maneira “artesanal-tradicional” ou “tecnológico-moderno”. Ou seja, dito de forma didática para uma melhor compreensão do leitor, o primeiro modelo implica em uma estrutura com madeira, baianas, cruz, pomba, fitas do Bonfim, potes de barro, etc. Já o segundo, uma estrutura de metal com marca e ou tema da festa produzida por empresas de comunicação especializada, simulando muitas vezes o “tradicional”. Torna-se importante ressaltar que ambos os modelos, ainda que de formas diferenciadas, cumprem uma função de assumir um tema, uma identidade, um “painel”, todavia, também geram processos de subjetividades, dimensões

estéticas, políticas e, não menos, dinâmicas de criações em busca de consolidação e ampliação desta festa no Recôncavo da Bahia.

Ora, em que medida essas questões são significativas para observação científica? Penso que também neste espaço perspectivas de mudanças e permanências aparecem, assim sendo, busco as ambivalências nesses lugares, uma vez que um simples ato de colocar fitinhas do Bonfim nas grades da igreja podem-devem ser problematizadas. Em Muritiba especificamente, por parte da SECULT, busca-se legitimação para a patrimonialização de bens culturais nesta rede-festiva, logo, passar a pendurar fitas do Bonfim na grade da igreja é sinal de fé, graça, prece ou voto feito ao padroeiro da festa, mas, também busca de patrocinadores e visibilidade. Nesse sentido, percebem-se etapas de acolhimento e ou preparação para a festa quando cria-se expectativa para experimentar a fé-folia durante onze dias com bastante intensidade no templo, nas ruas da cidade, nas praças, nas janelas das casas e ou palco na Praça do Bonfim.

Com efeito, destaco ainda que essa festa modifica-se também por interesses dos gestores municipais que de algum modo fazem dela uma “vitrine eleitoral”. Assim sendo, há momentos mais “fixos” e ou com maior “fluidez” compondo, criando e recriando a rede-festiva. Em outras palavras: a Bandeira, o Pregão e algumas lavagens, no que diz respeito a um suposto “circuito” pelas ruas da cidade parecem se repetir, entretanto, além do tempo histórico, os sujeitos envolvidos, nunca são uma repetição. Saliento ainda que é comum mudar, pois, entre outras dimensões, a cada quatro anos, a reeleição de gestores municipais em Muritiba não é um fenômeno comum.

Desta maneira, é importante sinalizar que a Bandeira nos últimos três anos (por exemplo), teve saída da residência da professora Maridalva e, durante o percurso por ruas e praças mais “centrais”, ao som da filarmônica, a Bandeira é carregada e trocada de mão tanto pelo presidente da comissão religiosa com a sua equipe, quanto pelo prefeito e ou vereadores do município, assim como pela “população” de um modo geral. No dia da Procissão, após percorrer ruas da cidade, no palco situado ao largo do templo do Bonfim, ocorre a bênção do santíssimo, os agradecimentos e a Bandeira é trocada de mãos, isto é, uma nova comissão religiosa é eleita para ajudar o padre no ano seguinte.

Partindo desse pressuposto a festa do Bonfim de Muritiba é caracterizada como religiosa e popular simultaneamente, logo, segundo o antropólogo Ordep Serra,

Uma *feira de largo* compreende sempre um rito, ou um conjunto de ritos sacros, cujo foco especial é um templo: eles têm lugar no interior de uma igreja, e – ou para ela se voltam. Mas as cerimônias sagradas centradas no templo não constituem a totalidade da festa deste tipo. Ela inclui ainda a realização e outros desempenhos, que têm lugar nas imediações do templo- geralmente num *largo*, como indica sua denominação. Esses ‘outros desempenhos’ vêm a ser, principalmente, folguedos populares. A festa de largo pode compreender ainda uma feira e outras promoções: sempre atividades que associam comércio com diversão pública (SERRA, 2009, p.71-72).

E ainda:

A maioria absoluta dos freqüentadores das festas de largo só quer divertir-se, mas uma grande parte deles ‘dá valor’ ao que se faz na igreja, ainda que esse ‘dar valor’ se limite a uma vaga atribuição de importância, a um simples testemunho de aceitação da realidade do sagrado (um breve ato de fé, com uma declaração de respeito distante, em reconhecimento da eficácia do santo e da riqueza de uma tradição). Por outro lado, muitos dos que vão à igreja não participam da folia do largo. Porém há os que se fazem presentes nos dois espaços da festa (SERRA, 2009, p.73).



FIGURA 5. Lavagem das baianas. Arquivo Prefeitura Municipal de Muritiba.

Neste sentido, a triangulação fé-fofia-consumo aparece nas fronteiras do esquecido-silenciado e do resgatado-celebrado, isso por que: “o que importa não é o evento periodicamente realizado, não é o fato da festa em si, mas o mecanismo, o operador de ligações que pode se instaurar no interior mesmo da festa-evento instituído que chamamos vulgarmente de festa” (PEREZ, 2012, p.41). Além do mais, por ser período de férias, a Festa do Bonfim de Muritiba passa a simbolizar, para além de uma prática religiosa, um momento de lazer, compreendendo o bem-estar físico-espiritual dos indivíduos envolvidos.

...a festividade é, pois, um período de tempo reservado para a expressão plena do sentimento... sendo a festividade uma coisa que se faz por sua própria causa, propicia-nos breves férias das tarefas diárias, e uma alternância sem a qual seria insuportável a vida (COX, 1974, p. 28-29).

Nessa perspectiva os “agentes especializados da cultura,” interessados no lucro, e muitas vezes apoiados pelo governo local, passam a vender diversão, juntamente com os ambulantes e comerciantes nativos que aumentam sua renda, tornando o espaço da festa múltiplo, com diferentes intensidades, numa multifuncionalidade e polissemia de motivação das pessoas que dela participam. Dessa forma, esse conjunto de reflexões me levou a pensar como o vídeo mencionado no início do texto foi construído, em que figuras, sons, cores, formam uma espécie de síntese da festa, objetivando fortalecê-la na cidade e região, promovendo, assim, uma triangulação complexa e desafiadora (ao pesquisador) que é: fé-fofia-consumo.

Obviamente que em alguns eventos realizados, sobretudo nas instâncias em que o Turismo está sendo incrementado em sua dimensão estritamente mercadológica, a presença de algumas dessas manifestações, muitas vezes, é articulada como mero espetáculo folclórico, revestido por recursos de estilização extravagante e anestésica. Postura que pode incidir na desfiguração e na desqualificação do caráter orgânico e vigoroso dessas expressões. Os protagonistas dos sistemas de poderes instituídos, com sua voracidade opressiva, são bastante astutos no absorver formas e conteúdos culturais na perspectiva de fomentar seus lucros, procurando, assim, reduzir as manifestações da tradição a objetos empacotados e adocicados para o consumo. (ARAÚJO, 2013, p.7)

Desta maneira, percebe-se que numa sociedade caracterizada pelo consumo, a “cultura” torna-se moeda de interesse do capitalismo, contudo, como e quais

elementos simbólicos e materiais são mercantilizados? Ora, parto do pressuposto de que a figuração-festa envolve muitas redes de interdependência e interpenetrações formando uma totalidade-tensionada-integrada e as Lavagens tornam-se símbolos-sínteses da festa. Além do mais, se, por um lado, as Lavagens possuem músicos que tocam instrumentos de sopro e percussão pelas ruas da cidade e arrastam mascarados, “cães”, muquiranas, baianas, por outro existe um crescimento constante de foliões que, também arrastados pelas lavagens, compram seus abadás e misturam-se às ruas, que em alguns anos, também foram marcadas pela presença do trio elétrico.

...nas últimas décadas, muitas cidades têm procurado investir na construção de uma imagem turística peculiar capaz de alavancar o *city marketing*. No entanto, como tornar turística uma cidade que não dispõe de atributos naturais, como a Chapada Diamantina, ou arquitetônicos, como, Cachoeira, na Bahia, e Ouro Preto, em Minas Gerais? Se não existe uma tradição efetivamente construída pela criatividade sem uma intencionalidade gestora específica, inventam-se tradições a partir de elementos culturais pré-existentes. (CASTRO, 2012, p.24)

Na realidade, no início dos anos 70 consolidou-se a indústria cultural¹⁵, sacudida pelos meios de comunicação, em especial a televisão, espetacularizando as culturas populares ou, como afirmou Trigueiro (2005), os produtos culturais folkmediáticos.

Em outra perspectiva da folkcomunicação tenho pesquisado sistematicamente os processos de apropriação e incorporação das manifestações culturais populares pela mídia e, em movimento inverso, como os protagonistas das culturas populares se apropriam das novas tecnologias para reinventarem os seus produtos culturais. Essas aproximações, das culturas populares e midiáticas no mundo globalizado são cada vez mais intensas. A essas complicitades culturais, geradas em campos híbridos, passei a chamar de Produtos Folkmediáticos. Nesses campos estratégicos é que se dão as negociações dialéticas, conflituosas e paradoxais mais importantes no mundo globalizado. São campos operados por diferentes instâncias de negociações que se deslocam em redes capilares de

¹⁵Termo usado para designar o modo de fazer cultura a partir da lógica da produção industrial, ou seja, com a finalidade de gerar lucro. Dessa forma, somente após a Revolução Industrial juntamente com a existência de uma economia de mercado - isto é, de uma economia baseada no consumo de bens - e, enfim, o surgimento de uma sociedade de consumo, só verificada no século XIX em sua segunda metade, é que se pode falar sobre a Indústria Cultural. Para Adorno e Horkheimer (os primeiros, na década de 1940, a utilizar a expressão "indústria cultural" tal como hoje é entendida), essa indústria promove a alienação do homem, promovendo um processo no qual o indivíduo é levado a não refletir sobre si mesmo e sobre a totalidade do meio social circundante, transformando-se com isso em uma marionete e, afinal, em mero produto alimentador do sistema capitalista. Do outro lado, existe outra corrente que defende a ideia segundo a qual a indústria cultural é o primeiro processo democratizador da cultura, pois sendo popularizada torna-se também instrumento no combate dessa mesma alienação.

comunicação comunitária interligadas às redes midiáticas. Ou seja, é nesses campos híbridos, folkcomunicaçãois que se dão as mediações entre as culturas midiáticas e populares resultando em novos produtos de bens culturais de consumo. São processos tensos e intensamente dialógicos mediados pelos operadores das redes de comunicação cotidiana em movimentos dinâmicos, onde se inventam e reinventam novas manifestações culturais populares para as demandas de consumo da sociedade midiática (TRIGUEIRO, 2005, p. 2).

Com efeito, a festa vem se tornando um espaço bastante lucrativo. Entretanto, o que é consumido na festa do Bonfim de Muritiba? Quais elementos a mesma carece para que se torne uma cidade-espetáculo? Bem, além de bebidas, comidas, parque de diversões, produtos diversificados oferecidos pelos ambulantes, roupas e calçados, consome-se folia em tom de lazer. Isso significa criações de demandas para satisfação das emoções, logo, elas não podem ser colocadas à marginalidade reflexiva. Isto é, vale observar e analisar não só o que é consumido, mas como e quem consome especificamente tais elementos simbólicos e culturais na contemporaneidade. Nesse sentido, a experiência “mística” não se limita a ida ao templo, ao dia da lavagem da escadaria com manifestantes da religião de matriz africana e ou à procissão, mas também, nas lavagens, nos encontros, nos risos, na oportunidade de brincar (ainda que seja uma representação distinta do tom sério e castrador dos prazeres carnais promovida pelo discurso “oficial” religioso cristão). Com efeito, como a festa é um lugar de disputa, é comum ver grupos de protestantes demonizando as lavagens, batizando seus novos fiéis antes da festa para não cair na “tentação” e, em alguns casos, o desejo de líderes em promover retiros espirituais. Entretanto o mundo cristão é plural, logo, há grupos também que participam de alguns momentos da festa. Bem, os embates não cessam de acontecer nas suas mais variadas formas e conseqüentemente o processo de “intolerância religiosa” perante a religião de matriz africana e suas manifestações é permanente. Todavia, como o objetivo dessa pesquisa centra-se no consumo adentrando nos espaços da fé e da folia, não apresentarei uma discussão mais profunda acerca de tais questões, muito embora sejam pertinentes para estudos futuros.

Em meio a tais percepções, surge então questões: Quais os mecanismos e processos contemporâneos que estão atualizando e potencializando as lavagens (com e sem abadá) na rede-festiva muritibana? Em quais aspectos a comercialização da cultura interfere na “tradição”? O protagonismo das festas

populares pertence também aos “agentes especializados de cultura”? E os “guardiões da cultura popular”, como se colocam frente ao mercado?

Não há dúvida que existe um processo de industrialização do simbólico através de mediações na rede-festiva, assim, “garante-se” o consumo através do gosto que é socialmente construído. Prece-folia envolve subjetividades, desejos, ilusões, fantasias e, inevitavelmente, prazer, enfim, o consumo quer englobar o diferente, pois a homogeneização da cultura não faz mais sentido na era da globalização, em que o relevante é ser diferente para encantar, motivar e tensionar o encontro e a celebração.

Não se pode negar a existência de uma cultura global que só é global porque não existe uniformidade cultural. A globalização só tem sentido se existir a diversidade e não a homogeneização cultural. É nesse contexto contemporâneo que as culturas populares, estão sendo reinventadas, num jogo de negociação dialético entre o local e o global. A televisão impulsiona essa outra forma do fazer cultural, mas as astúcias, os consentimentos estão nas intenções mediadas, nos desejos, nos processos de negociação dos constituintes das diferentes escalas geográficas e em tempos variados, em qualquer lugar do mundo globalizado... (TRIGUEIRO, 2005, p. 9).

Entretanto, é importante ressaltar que, para Bauman, o consumo contemporâneo não se limita a objetos, mas em acionar narrativas de vida, ou seja, não só se adquirem bens, mas também acumulam-se sensações. Ocorre assim, segundo Campbell¹⁶, um deslocamento da valorização das sensações para as emoções, e as fantasias e o imaginativo criam novos desejos. Logo, “não são os produtos, os bens e os objetos que movem o consumidor, mas antes os prazeres imaginativos associados a esses objetos-produtos e suas marcas, ou seja, os ideais ético-estéticos que tais marcas suscitam” (ALVES, 2010b, p.389). Todavia, como ocorre a escolha de imagens e símbolos para o consumo? Isso é, onde está a dimensão místico-aurática lida como autêntica?

... a vida do consumidor, a vida de consumo, não se refere à aquisição e posse. Tampouco tem a ver com se livrar do que foi adquirido anteontem e exibido com orgulho no dia seguinte. Refere-se, em vez disso, principalmente, e acima de tudo, a estar em movimento (BAUMAN, 2008, p. 126).

¹⁶ Para Campbell, a chave de compreensão do consumo moderno-contemporâneo está na dinâmica da tensão entre realidade e ilusão.

Ora, discutir a perspectiva do consumo aqui em diálogo com Bauman (2008) perpassa em perceber a transição presente na modernidade de uma sociedade de produtores para consumidores, tendo em vista esse duplo pertencimento dos indivíduos que são produtores de mercadoria e mercadoria simultaneamente. Deste modo, símbolos e subjetividades são negociados também na rede-festiva criando-recriando identidades em disputas. Logo, “no caso da subjetividade na sociedade de consumidores, é a vez de comprar e vender os símbolos empregados na construção da identidade” (BAUMAN, 2008, p23).

Percebe-se na festa do Bonfim de Muritiba processos de construções de parcerias com o intuito de fortalecer uma identidade festiva na cidade, pois mediações ocorrem entre o poder público e privado, assim como com os “guardiões da cultura popular” e com os “agentes especializados da cultura”. Seguem algumas transformações no contexto da festa nos anos de 2014-2015: A) Reforma da Praça do Bonfim, sobretudo a destruição de um coreto centenário, símbolo de apresentações das filarmônicas em tempos passados, gerou muita insatisfação. Não faltaram reuniões dos moradores da praça com o prefeito, elaboração de charges e até mesmo um cordel intitulado “O Sumiço do Coreto”. B) Mudança do parque para praça do comércio, e que neste caso nota-se que à medida que o parque começa se instalar na Praça do comércio, alguns ‘transtornos’ vão aparecendo, isto é, ruas interditadas com motoristas e pedestres reclamando, pois o ‘cotidiano’ é interrompido por estruturas de metais, extremamente pesadas, contudo, para muitas crianças, está chegando o momento de brincar e sorrir. C) Estrutura de palco, som e atrações musicais. Isto é, maior investimento. D) Ênfase nas redes sociais com vídeo-apresentação convocando para festa, bem como divulgação do roteiro das lavagens e atrações no palco diariamente. E) Atrações no palco sendo transmitidas ao vivo pela internet e rádio. F) Devido ao aumento de violência na cidade, foram implantados os guardas municipais, inclusive para proteger também o patrimônio público. G) Presença do Programa Aprovado da Rede Bahia. H) Sendo ano de eleição, a lavagem das baianas foi marcada não só pelo poder público local, mas por muitos deputados e prefeitos. I) Surgimento de mais lavagens com camisas ora lideradas por comerciantes, ora por grupos familiares e ou de amigos. Sim, esses fenômenos culturais são constituídos de mudanças, tradições, complexidades, contradições, ambivalências, movimento, portanto segundo Araújo (2013) possuem

a tendência de serem irredutíveis a imposições deterministas de uniformização e homogeneização.

1.2A LAVAGEM COMO SÍNTESE DA FESTA

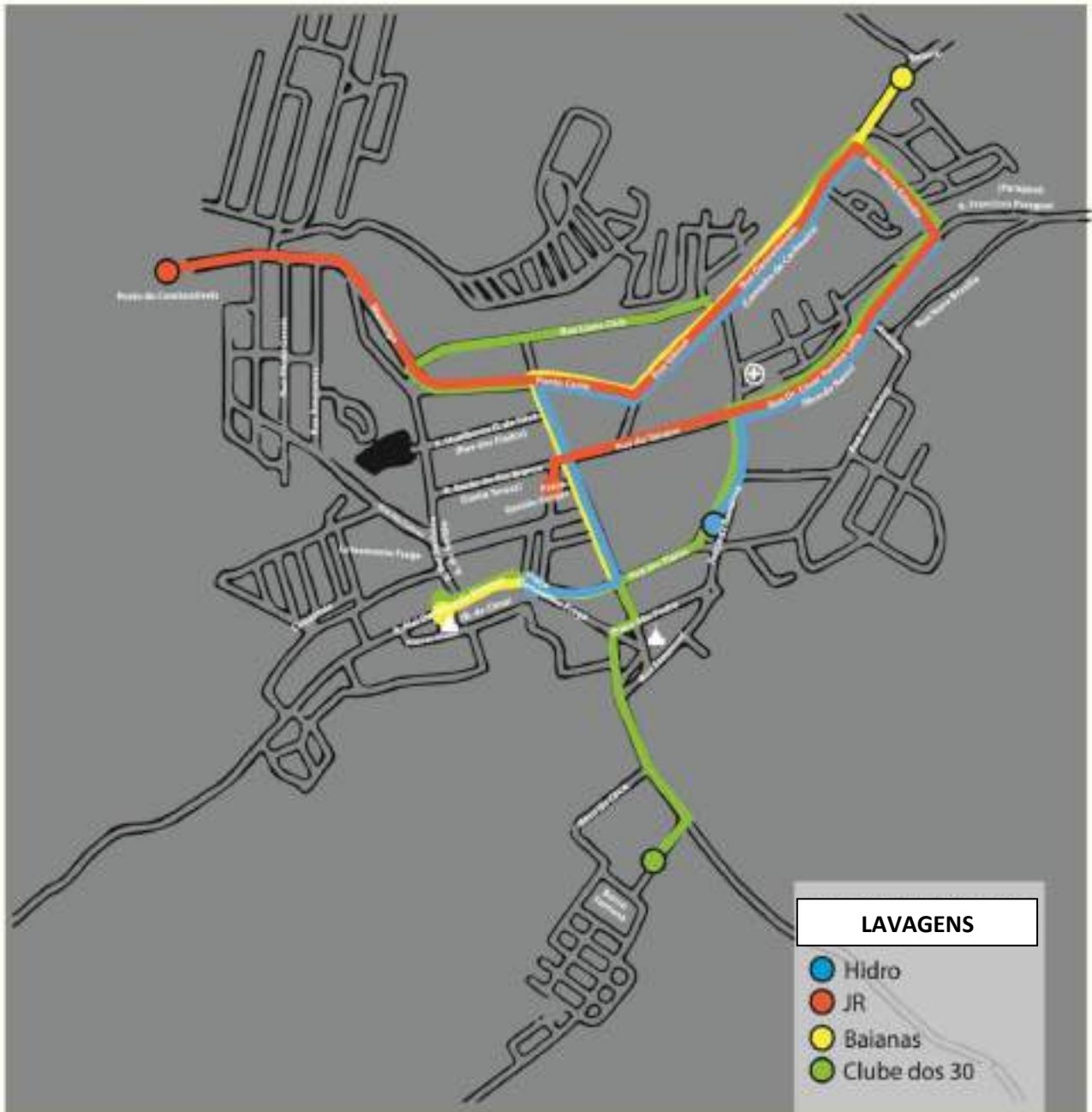


FIGURA 6. Roteiro de três lavagens particulares (Hidro, JR, Clube dos 30) e uma religiosa (Baiana). Mapas desenhados por Fagner Fernandes (Graduando em Artes Visuais pela UFRB).



FIGURA 7. Roteiro de mais três manifestações religiosas (haja vista que a Lavagem das Baianas, manifestação religiosa e central na Festa já está apresentada no mapa anterior) dentro dos dias da Festa do Bonfim de Muritiba. Mapas desenhados por Fagner Fernandes (Graduando em Artes Visuais pela UFRB).

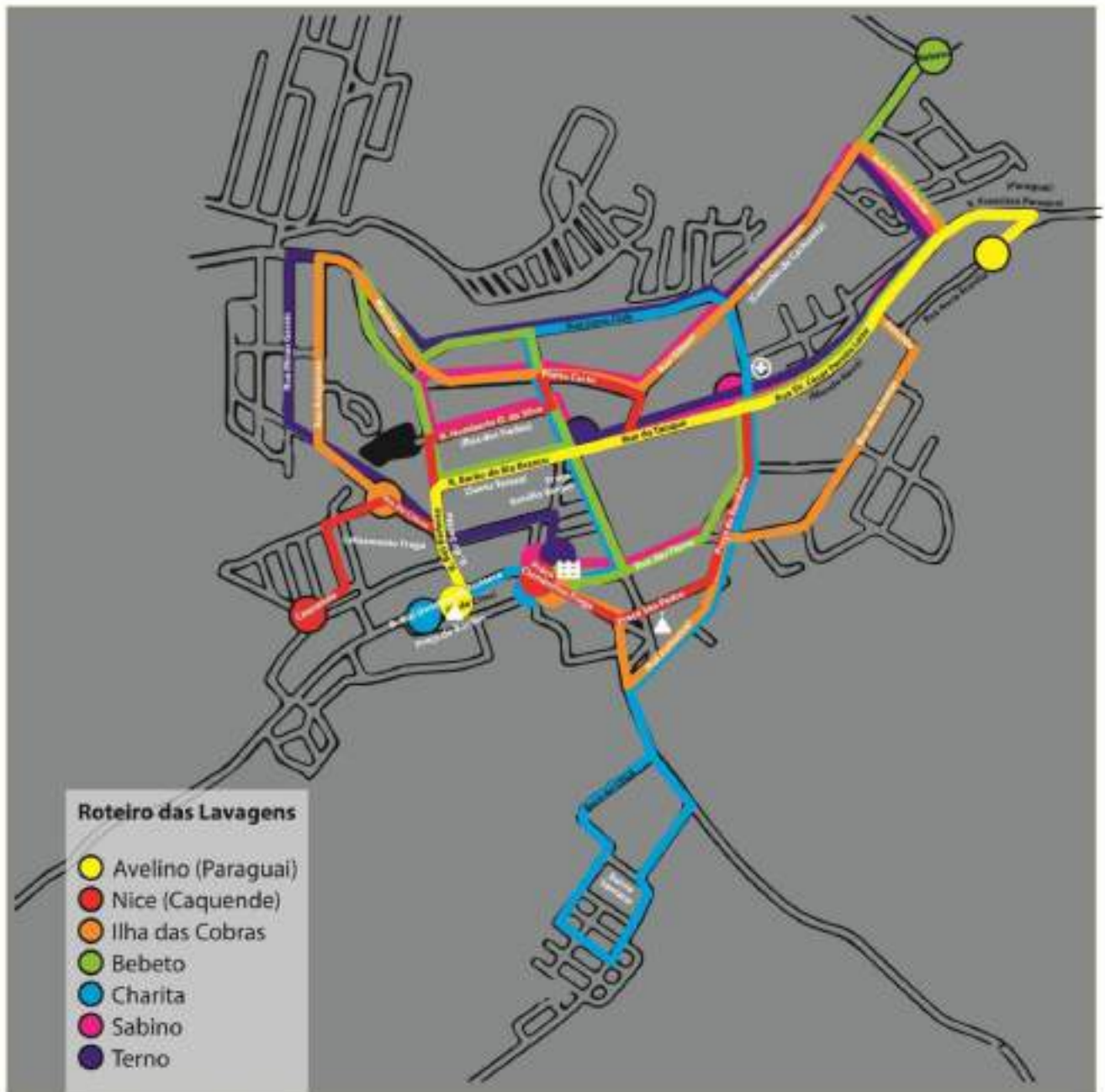


FIGURA 8. Roteiro das lavagens financiadas pela prefeitura de Muritiba. Mapas desenhados por Fagner Fernandes (Graduando em Artes Visuais pela UFRB).

Mas no que consistem essas lavagens¹⁷? Na verdade, elas são marcadas por diferentes símbolos e significados na rede-festiva muritibana e não estão ligadas somente à ideia de purificação-limpeza¹⁸ como o nome sugere, mas também e, sobretudo, às práticas de representações sociais de foliões que envolvem: danças, coreografias, disputas, estigmas, prestígios, poderes, celebrações, brigas, paqueras.

¹⁷ Músicos que saem às ruas tocando instrumentos de sopro e percussão arrastando uma multidão de foliões em meio aos mascarados, cães, muquiranas e vendedores ambulantes.

¹⁸ A lavagem das baianas carrega a marca da devoção que envolve: gratidão, preces, votos, celebração e não menos importante purificação.

Compete destacar que determinados grupos neste locus festivo atraem atenção dos espectadores não só da cidade como os de fora. As caretas, muquiranas, músicos, “cães”... Todos e todas inseridos (as) nas lavagens. Segundo um líder de um dos grupos,

A lavagem são fanfarras tocando marchinhas de carnaval e o povo dançando pelas ruas da cidade se divertindo. Lavagem não tem a ver com água para que as pessoas se lavem.¹⁹

Ocorre por exemplo a primeira Lavagem da Festa do Bonfim, que não corresponde ao processo de água, mas aponta para uma tradição e valorização de uma das figuras mais importantes culturalmente da cidade: O mestre Avelino!

(...) essa lavagem tem muitos anos. Acredito que tem uns quarenta anos, entendeu? Eu só criei essa lavagem aqui em benefício da festa do Bonfim e venho conseguindo tudo que eu preciso para minha lavagem. Pela prefeitura, pelo comércio e venho fazendo meu trabalho todo ano (...) a lavagem é o seguinte: eu anuncio e o povo tudo já sabe. Eu convido a orquestra[músicos das filarmônicas da cidade], entendeu? Peço a prefeitura e eles me prometem que vai fazer a lavagem, aí me ajudam com orquestra e material para os tocadores (...) as pessoas saem da onde eu tô morando. Dá muita gente. Diz o povo que é uma das melhores lavagens do Bonfim. Criada por mim aqui no Paraguai [apelido de uma rua da cidade] (...) foi tantos prefeitos, mas, eles já sabem que a primeira lavagem é com o Mestre Avelino. E depois disso eles me ajudam carinhosamente. Me dão o direito que eu saia. Minha lavagem sai dez horas da noite (...) o povo vai chegando, a orquestra, os políticos, aí eu começo a botar foguetes e [o povo] vai chegando, vai chegando aí saímos em direção a igreja do Bonfim(...) todo ano eu toco. Eles estão tão habituados comigo, com meu samba de roda que não vem nem mais aqui para saber se eu posso tocar, eles colocam na programação[samba de roda filhos do Paraguai]. Se fizer a festa e não colocar o nosso samba de roda [risos e semblante de plena consciência do lugar simbólico que ele ocupa, ou seja, confiante] (...) quando a gente chega no palco já tem muita gente esperando. A gente arma e toca a pau[risos] cumpre o contrato de tocar duas horas e o povo assistindo. Depois a gente pede desculpa ao povo e vai embora [risos]...) fui eu que criei o segura a véia [expressão cultural atrelada ao samba de roda no município, isto é, uma boneca com características de véia que samba e faz o povo se alegrar nas rodas de samba]. Foi criada em 1973 e tenho desenvolvido este trabalho nessa região toda por aqui: Maragogipe, São Félix, Cachoeira, Salvador, Santo Amaro, Gov. Mangabeira.

Bem, sigo andando pelas ruas com ouvido e olhar treinados. Estou tentando perceber a multiplicidade das lavagens e dos eventos para a festa! E o que

¹⁹Fala de um líder de Lavagens entrevistado em 2014

encontro? Muitos carros (principalmente taxistas), com os vidros plotados a fim de divulgar a lavagem da Jr Atacado e Varejo. O que os donos do carro ganham fazendo isso? Ora, diretamente dois abadás e cervejas gratuitas, mas, indiretamente, participam do fortalecimento de uma representação simbólica festiva no Recôncavo. Com efeito, ainda não foi divulgada a programação da festa, apenas de algumas lavagens como: II Lavagem da Hidro e II Lavagem da JR Atacado e Varejo. É interessante também perceber como novos grupos de amigos e comerciais se articulam para festejar com dimensões de criatividade e também buscando lucratividade. Como combinar tudo isso? Há jogos de mudanças-permanências neste processo e um dos símbolos disso ocorre ao final de todas as lavagens onde os músicos tocam o hino em homenagem ao Senhor do Bonfim, assim, dimensões de fé-festa se tocam em meio a contrição e celebração da vida.

Nas ruas, percebo ainda transformações nas caretas. O que são elas? Por caretas pode-se ressaltar que elas saem em grupos de amigos e parentes, geralmente são adolescentes e jovens (meninos e meninas) de posições econômicas distintas que se encontram nas lavagens com intuito de celebração, brincadeira, resolver rixas, uma vez que “ a máscara, na festa, não é usada para esconder, para encobrir, para enganar, mas, para que o indivíduo seja ele mesmo e por si mesmo, liberto dos constrangimentos sociais” (PEREZ, 2012, p.36-37). Contudo, percebe-se um esconder-revelar, um exercer-sofrer tensões nas ruas da cidade. Há uma ênfase estética e performática assumida por alguns foliões, isto é, não basta participar da lavagem, é preciso ter estilo.



FIGURA 6. Brincando com a violência. Arquivo Primogênito Notícias.



FIGURA 9. Terror e encanto nas ruas. Arquivo Primogênito Notícias.

As muquiranas²⁰ por sua vez são compostas por meninos que “rebolam”, usam batom, bolsas, beijam, empinam a bunda, pegam na genitália de outros meninos, dançam etc., isto é, utilizam-se de estereótipos que caracterizam o “ser bicha” (ainda que seja uma construção social). Deste modo, as muquiranas provocam o debate (ainda que em tom de brincadeira) da questão de gênero.

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído no espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero. Essa formulação tira a concepção do gênero do solo de um modelo substancial da identidade, deslocando-a para um outro que requer concebê-lo como uma *temporalidade social* constituída. Significativamente se o gênero é instituído mediante atos internamente descontínuos, então a *aparência de substância* é precisamente isso, uma identidade construída, uma realização performativa em que a plateia social mundana, incluindo os próprios atores, passa a acreditar, exercendo-a sob a forma de uma crença. O gênero também é uma norma que nunca pode ser completamente internalizada: “o interno” é uma significação de superfície, e as normas do gênero são afinal fantasísticas, impossíveis de incorporar (BUTLER, 2003, p. 200).

²⁰ Apesar da ênfase de meninos “tornando-se” meninas, o oposto também ocorre em menor proporção.



FIGURA 10. Elas são eles. Arquivo Primogênito Notícias.

Entrevistando um rapaz que já sai de muquirana há mais de vinte anos fui surpreendido com uma questão bem interessante: Ao mencionar o olhar dos outros sobre ele, muitas vezes ouve na rua a expressão: - Tá aproveitando o momento, heim? Refleti então e mais uma vez percebi como as performances vão criando novas formas e outros personagens que descaracterizam a ideia de uniformidade nas relações sociais. Além do mais, ao ser indagado se era melhor sair de muquirana ou de 'cão' o interlocutor afirmou:

Você agora me pegou! Todas duas são gostosas demais. Muquirana porque eu já vinha há muito tempo. De 'cão' eu saí sete anos depois eu parei porque tem essa mística, né? Se passar de sete tem que ir quatorze [risos]. De 'cão' também é uma brincadeira gostosa, sadia(...) todas as duas[experiências] é excelente (...) as muquiranas, tudo começou com uma brincadeira de amigos. Muitas pessoas saíam de 'cão' aí a gente resolveu sair de muquirana...tenho vinte e três anos de muquirana, é tão divertido...os meninos mais novos vem com essa mesma cultura. Acho que quando a gente se aposentar essa menina vai ficar no lugar da gente, mas, é gostoso demais (...) saímos para se divertir e alegrar o povo da cidade... no começo a gente roubava o batom, esmalte da irmã... depois a gente comprou na feira tudo igual de onça. Imagine a gente de onça [risos] a brincadeira é essa aí. É gostoso demais. Espero que continue (Fala de um folião-muquirana).

É importante abalizar que a festa do Bonfim de Muritiba-Ba é composta por diversas lavagens, sendo assim, para uma melhor compreensão do leitor, simplifico temporariamente entre as que não possuem e as que possuem abadá, isto é, as

tradicionais e as modernas respectivamente. Ora, lavagem das Baianas; lavagens da prefeitura com participação de caretas, “cães”, muquiranas, fantasiados. Já com abadá temos: Clube dos 30, JR Atacado e Varejo, Jagunça (com presença muitas vezes de trio elétrico nas ruas), Lavagem da Hidro. Na festa há processos de mudanças-permanência, logo, a empresa Bloco Amor de Verão assumiu o lugar do Bloco Jagunça e este último tem se consolidado em Muritiba e em parte do Recôncavo como empresa de entretenimento (este ponto será mais discutido na segunda parte). Saliento ainda que a SECULT de Muritiba está extremamente relacionada com os dois modelos de lavagem acima relacionados e os músicos são indispensáveis nesta conjuntura festiva, uma vez que são responsáveis em oferecer canções antigas e novas que despertam os foliões para celebração nas ruas da cidade. Ou seja, alguns atuam muitas vezes nas lavagens, filarmônicas e no palco, uma vez que são pagos pela prefeitura e ou um grupo particular.

Refletindo a importância dos músicos na estrutura das lavagens, um deles afirmou:

A lavagem é um grupo de músicos tocando frevos e marchas para que o povo possa se divertir. É o contato do músico com o povo. A lavagem é tradição! A lavagem é mais importante que o palco... pode tirar a festa do palco, mas não acaba a lavagem.²¹

Percebi ainda nas lavagens algumas transformações, entre elas o uso do abadá, ou seja, não se trata apenas de padronizar ou não a lavagem, mas selecionar quem pode ou não participar. Neste sentido, ainda que o valor do abadá seja ínfimo comparado aos do carnaval soteropolitano e ou a micareta de Feira de Santana, tal prática festiva é um relevante destaque de mudança na folia da cidade²².

²¹ Fala de um músico entrevistado em 2014.

²² Segundo a Central do Carnaval da Bahia, o bloco Camaleão custa todos os dias R\$ 2.415,00 (há pacotes diferenciados). Já o bloco Largadinho custa todos os dias R\$ 650,00 (com pacotes diferenciados). <http://home.centraldocarnaval.com.br/> Acesso em 30-09-14 às 09h e 16min. Por outro lado um abadá em Muritiba custa a casadinha R\$ 50,00.



FIGURA 11. Lavagem da Hidro. Arquivo Prefeitura Municipal de Muritiba

Desta maneira, ficou perceptível que em muitas paredes, vidros de carro, outdoor e redes sociais a II Lavagem da JR Atacado e Varejo que ocorreria no dia 08-02-15 foi divulgada com muito destaque. Lembro-me do carro de som com um homem em cima (fazendo suas performances e brincando com comerciantes e pedestres), convocando toda a ‘cidade’ para a lavagem. Enquanto o rapaz dançava dizia: ‘II Lavagem do JR Atacado e Varejo vai ser massa! Este ano com a participação dos filhos de Gandhi, cento e cinquenta músicos tocando, treze mil cervejas de latão grátis, cordas e segurança dos policiais’. O locutor ‘show-man’ ainda sinalizava: Você compra cinquenta reais em compras e ganha a camisa da lavagem e fichas para pegar a cerveja.

Mas se estamos pensando sobre as lavagens não podemos jamais nos esquecer do grupo dos “cães”²³ que invadem as ruas da cidade promovendo medo-ribo nos espectadores-consumidores da folia. Sim, o “cão” símbolo de um imaginário espectral diabólico popular encarnado no corpo de homens e mulheres vem a cada ano se destacando, se reinventando e construindo memória, na medida em que se brinca com o medo e subverte a realidade que muitas vezes é cruel e opressora. Assim também cada folião busca exercer um papel social que represente seus anseios perante o jogo da festa. Por isso abalizo que a festa é do Bonfim, mas o “cão” vem conquistando seu espaço com um tom de, utilizando o termo de Alves (2010b), “tradição-autenticidade” neste emaranhado festivo. Em linhas gerais pode até parecer que estou colocando o “cão” como um personagem superior aos demais dentro da lavagem e ou até mesmo julgando-o como unicamente original e criativo. Entretanto o “cão” para a minha pesquisa tem uma certa “originalidade” porque é

²³Homens e mulheres que pintam seus corpos com óleo queimado, usam tridentes, chocalhos, sapo na gaiola e saem pelas ruas da cidade fazendo suas “diabruras”.

uma representação rara nas festas populares do Recôncavo, tendo conhecimento apenas de existir também na Micareta em Jacobina (performance mais teatral e em menor quantidade, dialogando com almas, anjos e bruxas), no carnaval em Jiquiriçá (com cerca de trezentos integrantes e que saem mascarados) em Amargosa e aqui na Festa do Bonfim em Muritiba. Além do mais, é intrigante e não menos contraditório entender como o “cão” representante do diabólico pode estar participando na festa de um santo, que no nosso caso o Senhor do Bonfim é Jesus Cristo crucificado.



FIGURA 12. De frente com o cão. Arquivo Primogênito Notícias.

Por outro lado, esse grupo de “cão”, que é considerado “autêntico” pelos cidadãos, ora por sua proximidade com os primeiros “cães” (os ditos originais), ora pelo seu teor de criatividade e diferença em meio a outras festas populares baianas, também sofre mudanças ao longo dos anos, tais como: menor ênfase na dimensão diabólica em detrimento da brincadeira e aspecto lúdico; local onde são pintados (do pasto para uma casa na cidade); pessoas de diversas classes sociais participando; desejo de mostrar-se na vitrine da rua (por ser um cão malhado), percebendo um grau de civilidade-adestramento do “cão”; e, ainda, outros grupos de “Cão” na festa, ou seja, não somente pretos como também coloridos²⁴. Evidente que há mediações neste processo. Eu, buscando legitimidade para falar com e por eles em uma pesquisa acadêmica, eles, entre outras dimensões, buscam visibilidade, prestígio. Lembro ainda que um dos integrantes dos “cães de elite” me parou na rua para dizer que estaria trazendo novidades e que a festa do Bonfim em 2015 iria ‘bombar’. Ora,

²⁴ Para melhor compreensão do “cão” ver: O “DIABO” NO MEIO DA RUA: A configuração dos cães na Festa do Senhor do Bonfim-Muritiba-BA.

este grupo compõe a festa, todavia, opondo-se aos “cães” pretos e buscando inovações a cada ano. Cada vez mais percebo que o pesquisador que não é capaz de negociar no campo, acreditando ser o ‘iluminado pela razão’ em meio aos que ‘vivem nas trevas’, corre o risco de desenvolver uma pesquisa com maiores fragilidades em sua dimensão teórico-metodológica.



FIGURA 13. Cães de Elite homenageiam Romero Britto. Arquivo Primogênito Notícias.

Mas quem são esses “cães de elite”? Ora, em contraposição ao “cão preto” (visto como original) esse grupo de “cães coloridos”, pois pintam seus corpos com variadas tintas e com desenhos múltiplos, sempre enfatizando um personagem ou um tema atual, é visto por parte da população muritibana, como não diabólico, não malandro, não bagunceiro. E o grupo por sua vez, se percebe como “cães de elite” que atuam para a mídia-foto, promovendo alegria-brincadeira nas ruas da cidade. Entretanto, estes são vistos pelo “cão preto” como não portador da tradição, da legitimidade, um não-cão. Foi o que abordou um cão-preto-estabelecido, integrante há catorze anos na lavagem de cães.²⁵

Esse negócio de mudar as cores é de outras pessoas, mas o certo, o tradicional mesmo é o óleo queimado! (...) as pessoas às vezes me inventam o negócio de vermelho, isso não cola não. A idéia é só o cão, entendeu? (...) a tradição mesmo é o cão preto, a origem...

Com efeito, no meu TCC eu abordo esse embate utilizando a obra *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma*

²⁵ Entrevista semi-estruturada, com uso de gravador, realizada no 2º semestre do ano de 2009 em Muritiba/Ba para a disciplina Sociologia I.

pequena comunidade de Norbert Elias (2000). Isso porque Elias refletiu uma relação conflituosa entre dois grupos numa cidade inglesa, os quais assumiam papéis e posições bem definidas sob a ótica do prestígio- poder de um sobre o outro. Dessa forma, se de um lado um grupo possuía posições de prestígio-poder (estabelecidos), até porque “a superioridade de poder confere vantagens aos grupos que a possuem” (ELIAS, 2000, p.33), de outro lado encontrava-se o grupo estigmatizado-inferiorizado (outsiders). Dito isso é bem verdade que “a estigmatização, portanto, pode surtir um efeito paralisante nos grupos de menor poder” (ELIAS, 2000, p. 2), no entanto, o autor desafia o pesquisador a não se contentar com o que é dado pela aparência, pois o papel de um cientista social é desvendar-decifrar o que está coberto-cifrado.

Deste modo, ao analisar a relação entre estabelecidos e outsiders numa perspectiva figuracional, o autor percebe que o processo de dominação-estigmatização de um grupo em relação ao outro não estava na dimensão racial, religiosa, nem tampouco na econômica, mas na tradição. Isto é, os estabelecidos (grupo com maior tempo naquela localidade), exerciam dominação sobre os outsiders (grupo mais novo na localidade; estigmatizado também pela falta de higienização e não pertencimento ao paradigma da moralidade). Logo, para este autor, “os grupos estabelecidos que dispõem de uma grande margem de poder tendem a vivenciar seus grupos outsiders não apenas como desordeiros que desrespeitam as leis e as normas (as leis e normas dos estabelecidos), mas também como não sendo particularmente limpos” (ELIAS, 2000, p. 29).

Desta maneira, como analisar o processo de disputas entre os “cães” na lavagem em Muritiba? Evidente que a cultura é também lugar do conflito-disputa onde nos festejos do Senhor do Bonfim em Muritiba-Ba, o “cão-preto” (estabelecido) enfrenta o “cão-colorido”, mais novo, (outsider).

Por tudo isso interessou-me saber não só o que um grupo fala sobre o outro, mas o que fazem, como, onde constroem e reconstroem seu discurso-prática na festa. Ora, o cão preto-estabelecido é visto por boa parte da população muritibana como: diabólico, malandro, bagunceiro... Visão herdada de uma ideologia hegemônica dominante construída em um processo histórico. Pois sabe-se que, após a abolição da escravidão em solo brasileiro, essas representações foram imputadas ao corpo negro e ainda geram muitos debates na temática da percebe enquanto tradição-legítimo, mas ao mesmo tempo é tido pelo cão-colorido-outsider como: feio, assustador, causador de medo, que traz desordem, bagunceiro.

Saí de pintado, porque o pessoal que sai de cão mela muito a casa dos outros (pá). Aí eu fui buscar fora esta nova novidade que tá chegando aqui em Muritiba, entendeu? Foi criada por mim! Foi eu que trouxe! E cada ano que passa a gente vai melhorando. Esse ano a gente vai sair de copa do mundo. O tema este ano vai ser copa do mundo. No ano passado eu saí de trevo, saí de trevo e no ano repassado saí de coringa. Por sinal no ano passado a TVE, a gente tem, eu tenho em casa o documentário que a TVE veio entrevistar a gente. Filmou lá em casa e tudo (como é que começa até o final). Cada dia que passa a gente tá na mídia aí. Capa de jornal, revista, tudo isso aí.²⁶

Vale ressaltar que o apresentado como autenticidade trata-se de um paradigma que dialoga ambivalências do tradicional-moderno na festa. Isto é, o tradicional é percebido (construído) como portador de maior legitimidade, pois estaria mais próximo do “original”, “autêntico”, “puro”, “criativo”, assim, uma tradição mais tradicional. Daí, o lócus dos recriadores da cultura neste “jogo” é bastante significativo, pois gera hierarquização e prestígio social. Logo, seriam uma espécie de “guardiões da tradição”.

Neste sentido, a festa de largo e as Lavagens em Muritiba produzem a necessidade do consumo de subjetividades (festivas) onde a prática de entretenimento e diversão, que envolve fé-folia, é percebida como tradição. Logo, interessa-me compreender tais transformações-permanências, tudo isso, em diálogo com a formação de empresas ligadas ao entretenimento que criam e recriam, segundo Harvey Cox (1974), o “homo festivus-fantasia”²⁷.

A festa pode ser refletida como alegria, ritual, espetáculo... Para a antropóloga Léa Freitas a festa é explosão de vida, de produção da mesma e não apenas sua mera reprodução. Nela, encontram-se ainda características que abarcam tradição e mudança, haja vista que as “mudanças não são ameaças à continuidade da tradição, ao contrário, são condições mesmo de sua perpetuação. A tradição permanece justamente porque muda”. (MENEZES, 2012, p.33)

²⁶ Entrevista semi-estruturada realizada no ano de 2009.2 com o uso de gravador.

²⁷ Na Idade Média, durante a festa, essas dimensões de celebração, fantasia e crítica se misturavam, permitindo imaginar-sonhar com um mundo totalmente diferente. Ou seja, papas eram eleitos pelos cidadãos, padres se fantasiavam de mulheres, eram praticados “excessos” sexuais, assim como abolidas as normas e invertidos os valores.

Segundo Renata Menezes (2012), Robert Hertz²⁸ analisou o culto-festa (Saint Besse) de um santo nos Alpes italianos e percebeu que ela era marcada por oposições entre campo e cidade, pastor e soldado, tradição e mudança... Daí abaliza que: “apesar das mudanças sofridas pelo culto a São Besso ao longo do tempo, passando da pedra ao santo, sendo ainda este um personagem que se desdobra ora em pastor, ora em soldado, há um elemento imutável, permanente” (MENEZES, 2012, p.60). Isto é, havia um caráter de multiplicidade da função do santo para os fiéis, ou seja, não importava sua gênese, mas o que ele fazia. De fato, a fé apareceu como estrutural naquele contexto. Nesse sentido pode-se dialogar com o historiador Hobsbawm²⁹ que, em sua obra *A Invenção das Tradições*, ressaltou:

... por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBBSAWM, 1997, p.9)

Mas o que permanece-muda na festa? Onde, como e quem negocia tais estruturas? Na realidade sabe-se que “não há como não inventar culturas, do mesmo modo que não há como manter as suas patentes intactas: elas aí estão para ser copiadas e modificadas” (ANDERSON, 2008, p.14). De fato, a tradição é um construto sócio-histórico que envolve disputas múltiplas e uma das questões a serem problematizadas é: a quem interessa a manutenção-mudança da tradição? Na festa do Bonfim de Muritiba-Ba, como essas demandas aparecem? Bem, tratando-se da festa do Bonfim, busco as ambivalências entre: popular-erudito, sagrado-profano, caos-ordem. E defendo aqui a festa enquanto um fenômeno social complexo assumido como totalidade-tensionada-integrada.

Assim, os foliões e ou espectadores (consumidores da folia) são convidados diariamente a participar das lavagens, das atrações musicais na praça de largo, fazendo das tecnologias um instrumento indispensável de divulgação e celebração

²⁸ Sociólogo francês assistente de Durkheim e Mauss foi a campo (superação do gabinete) e estudou o tema da festa-culto em um contexto em que a sociologia lutava por consolidação, ou seja, foi criticado por estudar um tema que não era tão “relevante”.

²⁹ Desnaturalizou o conceito de tradição no contexto de formação do nacionalismo que se caracterizava por superioridade de povos, sinalizando que esse conceito era inventado por uma elite, ou seja, era um construto social.

(postagem das fotos e vídeos nas redes sociais). Semelhantemente, não pode ficar de lado a ênfase nas atrações do palco (com intuito de atrair principalmente foliões de outras cidades) e o convite para as lavagens (majoritariamente para os muritibaños). Abalizo ainda que há uma demanda de grandes atrações no palco e mediações com bandas locais, essas últimas por muitas vezes reclamam da demora para receber pelo seu trabalho oferecido.

É como se as lavagens fossem (de um modo generalizado) para os foliões muritibaños, uma vez que muitos deles e alguns músicos sinalizam sua relevância e superioridade em relação ao palco no largo da praça. Por outro lado, o palco é símbolo de atrações musicais ligadas a perspectiva da indústria cultural, ou seja, tais nomes e ou bandas atraem foliões de outras cidades do e que extrapolam o Recôncavo da Bahia. Desta forma, a lavagem com abadá seria essa combinação de narrativas e representações simbólicas de “tradição-modernidade” na rede-festiva, isto é, trata-se do operador de ligações entre esses dois espaços de festejar que envolvem necessariamente: poder público, “guardiões da cultura popular” e “agentes especializados da cultura”. Isso porque essas lavagens sinalizam para o consumo de sons, ritos, gestos, comidas, vestuários, crenças, mas ao mesmo tempo rememoram o ato de festejar na rua, a tradição de dançar e tocar uma multiplicidade de ritmos, envolvendo não somente quem comprou o abadá, mas outros foliões que ficam exteriores à corda e curiosos que esperam nas portas, janelas e praças.

Ora, é esse processo que nos salta aos olhos: se a festa do Bonfim de Muritiba-Ba vem se “modernizando” no que tange ao investimento em grandes atrações musicais (ligadas à indústria cultural), por que as lavagens permanecem? E como permanecem? Com efeito, a celebração nas lavagens é algo espetacular. Risos, multidão em festa, caretas (chamados de tradicionais mascarados), baianas, muquiranas, “cães”, todos dançando e pulando no ritmo embalado dos corpos que representam interesses diferentes, mas sem dúvida complementares.

... o corpo como território indeterminado onde o visível é uma qualidade de uma textura, a superfície de uma profundidade. Enfim, o corpo é visto como um dispositivo de pesquisa que dá visibilidade à gestualidade, à plasticidade e à expressividade, sendo fonte inesgotável para contar e registrar as experiências festivas (CASTRO JÚNIOR, 2014, p.15).

Por isso, confesso: que coisa linda é ver a lavagem passar. Que alegria! É muito contagiante! Porém, sei que só aparentemente as desigualdades e conflitos de classes, raça e gênero estão resolvidos. Por vezes, sou tentado a pensar que nela há só liberação total das amarras sociais. Um olhar não reflexivo diria que nela tudo pode, pois ocorre uma homogeneização dos foliões. Bem, penso que os conflitos materiais-simbólicos estão postos, são revelados-potencializados através das brincadeiras, das danças, das músicas, das fantasias. De fato, as lavagens indicam múltiplos olhares. Alguns foliões buscam escapar do cansaço que o mundo do trabalho lhes oferece, alguns trabalham na festa, outros além da busca por prazer-folia caminham nas ruas com muita devoção, como é o caso da procissão que representa um lócus significativo, um momento encantador para os fiéis-foliões e também a lavagem das baianas.

Sendo assim, na Rua Dannemann, ponto de saída da lavagem das baianas, um fluxo de pessoas começa a se constituir. Carros, motos, ônibus (baianas de Santo Amaro e Filhos de Gandhi de Salvador), bicicletas, vendedores ambulantes, representantes da prefeitura, presença marcante de políticos (deputados federais e estaduais, prefeitos de cidades vizinhas), uma vez que 2014 foi ano de eleição, crianças fantasiadas de baianas, repórteres (rádio Vox e Primogênio notícia), faixas com saudações ao Bonfim... É importante ressaltar ainda a presença de um carro de som (grande) com um locutor que realizou performance e brincou com as pessoas nas ruas, veículo que posteriormente foi ocupado pelos filhos de Gandhi. Após muitas reclamações pelo horário, às 11h20, os fogos anunciaram a saída. É bastante comum perceber pessoas nas janelas, portas das casas e, enquanto a lavagem vai fazendo seu percurso, ela torna-se maior. Próximo ao posto de gasolina (Santa Bárbara), pessoas no teto de uma Kombi sorrindo e dançando, multidão em festa. O som que é tocado-cantado sinaliza uma identidade afro-brasileira num misto de fé-folia. As pessoas registram em celulares e máquinas fotográficas todo cortejo que é acompanhado pela Polícia Militar... Às 12h19, em frente a igreja do Bonfim (portas fechadas com flores, jarros, matos), muita prece-folia. Jovens, crianças, instrumentos percussivos, palmas, risos, brados, danças. Baianas na porta e rua com jarros na cabeça abençoando as pessoas que banhavam (com água de cheiro) a cabeça e os pés. Eram feitas homenagens ao Bonfim, o prefeito agradece a todos, soltam uma pomba branca e muitos aplausos. Os filhos de Gandhi cantam e então é aberta a oportunidade para fala de políticos.

(...) a lavagem do Bonfim é uma manifestação que a gente faz em homenagem ao Sr. do Bonfim que para nós, na nossa religião, é Oxalá. Então, por isso, aquelas vestes todas brancas, aquelas flores todas brancas...o tradicional é o branco. É a lavagem que a gente faz para o Sr. do Bonfim onde sai um cortejo com várias baianas [do município, Maragogipe, Santo Amaro]...o prefeito tem sempre trazido um grupo dos Filhos de Gandhi de Salvador para abrilhantar o cortejo. Sai daqui porque diz a tradição que tanto a Bandeira do dia primeiro de janeiro, quanto a lavagem do Bonfim, tem que sair de uma rua mais distante para que tenha oportunidade de percorrer e chegar no centro e ir levantando, arrebanhando a comunidade (...) por incrível que pareça, levamos dois dias preparando aquelas jarras, aquelas moringas que vão água de cheiro. É uma água preparada com folhas cheirosas, com bastante seiva, né? Faz parte do ato religioso em si. Aí nós fazemos esse cortejo pelas ruas, né? A comunidade que não está ali participando, andando, ficam nas suas casas, nas janelas, nas portas aplaudindo, né? Chegamos até a igreja do Bonfim. Lá, se não for com os atabaques que também é permitido de se usar, já tem os carros de som com os cd's com as músicas pertinentes ao evento. Ai nós louvamos, saudamos ao Sr. do Bonfim e depois desta louvação, desta saudação nós fazemos nossa festa, nosso samba de roda (...) A prefeitura participa comprando as jarras são cento e cinquenta, duzentas jarras. As flores, né? Mandam lanche, mas, eu como eu gosto muito e herdei essa coisa da minha mãe, tenho a idéia de receber bem (...) preparo café, preparo suco (...) faço de coração e gosto muito (...) há uma participação minha e maior ainda da prefeitura. (Fala de uma guardiã da cultura popular).

Existem ainda os foliões que aproveitam o momento para sentirem-se visíveis, destaques, e ou criticam uma ordem vigente que tanto os oprime, por exemplo, na lavagem de Beбето, ao fazer minha observação participante, percebi a lavagem bem de perto. Fico refletindo sobre sua capacidade de atrair, de comunicar, de provocar sentidos e significados distintos. A lavagem de Beбето como é popularmente conhecida, não tem camisa e é uma das mais esperadas, comentadas. Por que isso? Será que justamente a ausência de abadá é o que promove uma maior igualdade entre os foliões, sobretudo quando se respeita as diferenças e não há um ocultamento das desigualdades? Recordo-me neste momento dos uniformes escolares, militares e ou de qualquer repartição pública ou privada. Apesar de surgirem para exteriorizar uma suposta igualdade, os corpos escondidos por debaixo dos tecidos acabam que afirmando que a igualdade é muito mais estética do que efetiva. Por isso não deixei de observar com grande satisfação as tensões explícitas nos discursos performáticos dos sujeitos envolvidos nas lavagens. Volto-me então às recordações com os “cães”... Certa vez, fiquei próximo

aos cães (pretos) e de um vendedor ambulante de água, cerveja. Um cão [interlocutor, meu acesso ao grupo foi por intermédio dele] pediu uma cerveja, eu dei. Quando a lavagem se aproximou da esquina em que estávamos [próximo à Rua Santo Estevão] os cães com lanças para cima e pulando diziam em alto som: "e, fudeu! O cão apareceu!" Isso se repetiu algumas vezes. Li como enfrentamento simbólico, logo após, correram em direção e com a lavagem... O som do chocalho dos "cães" misturava-se com outros sons.

De fato, esse enfrentamento do "cão" na rua é também apresentado por outros agentes das lavagens, os quais, com fantasias criativas, criticando muitas vezes questões sociais, utilizam-se do riso como um elemento social-coletivo que ultrapassa a dimensão individual-subjetiva. Na verdade, comungo da concepção de Bakhtin (2010) que, ao perceber o riso em um contexto festivo carnavalesco popular, vislumbrou uma característica emancipatória, visto que o ato de rir sempre permaneceu como uma arma de liberação nas mãos das camadas populares.



FIGURA 14. Rindo da miséria. Arquivo Primogênito Notícias.

E o que dizer dos cidadãos que assistem as lavagens nas portas de sua casa? Na realidade pode-se dizer que muitos deles concordam em conservar tais expressões culturais que diz muito do que são, do que representam, confirmando uma identidade muritibana. Aliás, estar esperando as lavagens nas portas e nas janelas é também participar dela, prestigiar a sua comunidade, a sua cidade, o seu evento.

Estar "com" alguém é chegar em alguma ocasião social em sua companhia, caminhar com ele na rua, fazer parte de sua mesa em

um restaurante, e assim por diante. A questão é que, em certas circunstâncias, a identidade social daqueles com quem o indivíduo está acompanhado pode ser usada como fonte de informação sobre a sua própria identidade social, supondo-se que ele é o que os outros são. (GOFFMAN, 2012, p. 57-58)

Nesse cenário ainda é plausível destacar a atuação do governo local, que através dos palcos festivos fazem propaganda da sua gestão e “garantem” uma reeleição ou conservação do seu grupo político no poder. Com efeito, a festa deve ser pensada historicamente como dispositivo de poder, sempre presente na instituição estatal seja enquanto forma de amenizar os conflitos sociais, seja caracterizada enquanto benesse governamental.

Portanto, reconhecer o espaço da festa como uma prática social é compreender as intensas e complexas relações de poderes exercidas pelas instituições políticas de poder que se utilizam do discurso da “geração de emprego e renda” e da sua emergência cultural no intuito de espalhar para toda a parte do mundo globalizado a festa simplesmente como espetáculo mercadológico de propaganda para indústria do turismo, sendo um grande atrativo de lazer e entretenimento (CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 18-19).

Temos ainda os indivíduos que vivem ou ampliam seus orçamentos financeiros através das festas. Ora, e esses não são apenas os “agentes especializados da cultura”, mas também os vendedores ambulantes ou em barracas, as costureiras de fantasias, os músicos, os donos de parques de diversão e o próprio comércio da cidade que aumenta suas vendas em determinadas ocasiões. Por fim, (e isso não quer dizer que outros olhares ainda sejam construídos) existem os foliões da violência, que esperam a festa para se vingarem de brigas antigas. Dessa forma a polícia não poderia estar de fora, geralmente uma viatura na frente, outra atrás e alguns policiais em meio à massa festiva, representam a segurança-controle dos corpos dançantes... As imagens revelam tal presença no meio dos foliões.



FIGURA 15. A Polícia e a festa. Arquivo Primogênito Notícias.

Alguns estabelecimentos comerciais sevem para fazer uma ‘sondagem’ sobre a festa. Bem, no meu caso foi o salão STYLUS... muitos jovens falando da programação do palco e das lavagens... Neste processo de ouvir, duas questões me chamaram a atenção. Primeiro: o policiamento estava deixando a festa ‘lavagem’ sem graça, ou seja, com poucas brigas. Segundo: os que conseguem brigar, narram com ênfase, alegria ‘seus feitos’. Importante ressaltar que sempre batem mais do que apanham. Curioso isso! Quais possíveis questões estão em jogo? Masculinidade; territorialidade; luta de classe; racismo; revanche? É comum escutar que alguns entram na briga por terceiros, isto é, irmão, primo, amigo.

É relevante destacar também o padrão de beleza que a festa comunga. O próprio discurso do vídeo apresentado no início, fala de “gente bonita” e utiliza a representação simbólica de uma “menina branca”, o que deve ser problematizado e desnaturalizado aqui com a seguinte reflexão: o que está por trás disso? Por que as negras não poderiam representar esta “gente bonita”? E porque a beleza está na mulher? Não é a demanda deste texto tais questões, entretanto, o convite à reflexão torna-se imprescindível para futuras observações teóricas.

Bem, voltando à fala de abertura, o qual como já mencionado corresponde aos comentários de um vídeo financiado pela SECULT-Muritiba no ano de 2014, este começa com imagens da igreja, da lavagem e do palco. Folia-celebração e, não menos, fé. Há uma tentativa de síntese da festa, logo, lavagens e palco aparecem como elementos que se completam. No entanto percebe-se uma ênfase inicial nas atrações do palco, embora mascarados, “cães”, muquiranas, lavagem das baianas, etc, não pudessem ficar de fora. Percebe-se ainda que a festa é apresentada como

“produto aos consumidores de folia” de qualquer região. Por fim, quase que na invisibilidade de interesses e estruturas festivas, o padroeiro é sinalizado no anúncio da procissão que encerra a festa. Enfim, finda-se o vídeo falando do governo que cuida de sua gente. Evidente que esse discurso é apenas mais um em meio ao universo festivo que implica inúmeros jogos expressos nos corpos, nos saberes e nos fazeres dos protagonistas envolvidos. Entretanto as ações desses jogadores são interdependentes e possuem interpenetrações, logo, implica uma rede de figurações que precisam ser percebidas pelo pesquisador.

Se quatro pessoas se sentarem à volta de uma mesa para jogarem cartas, formam uma configuração... por configuração entendemos o padrão mutável criado pelo conjunto dos jogadores- não só pelos seus intelectos mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade das suas acções nas relações que sustentam uns aos outros. Podemos ver que esta configuração forma um entrançado flexível de tensões. A interdependência dos jogadores, que é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados ou de adversários. (ELIAS, 2008, p. 141-142)

De fato, a festa é um lugar de disputa onde símbolos e significados são negociados, por vezes, reinventados, assim, há nela um misto de estigma-prestígio em cada reencenação dos seus personagens-foliões. Logo a festa é composta por dimensões de polifonia, ou seja, há vozes religiosas, políticas, econômicas que não se pode necessariamente delimitar onde começa e termina cada uma dessas, pois ela é composta por relações de interdependência em disputa onde se exerce e sofre poder simultaneamente³⁰. Isso porque “as manifestações festivas de caráter popular baiana são complexas; dificilmente existirão fronteiras precisas entre aqueles que dançam e brincam e os que trabalham; ou aqueles que rezam e louvam e os que se divertem” (CASTRO JÚNIOR; GUSMÃO, 2014, p. 162).

... a festa é também um lugar de memória que serve para dar continuidade aos ritos criados no passado, sendo reatualizado a cada momento; é o lugar de troca e cooperação de pessoas simples que afirmam sua identidades singular e coletiva; é um lugar de resistência cultural que os produtores encontram para colocar as novas formas de entender a dinâmica cultural (CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 20).

³⁰ Muitos pesquisadores e instituições muritibanas conseguem fazer recortes e dicotomias em relação à festa, porém, não é esse o objetivo desta análise, uma vez que, o fenômeno é complexo e múltiplo.

Assim, pensando na festa do Bonfim em Muritiba-Ba enquanto fenômeno social múltiplo e polifônico e, como pesquisador, entre o sino do Bonfim e o chocalho do “cão”, percebo os espectadores, foliões, vendedores, devotos, políticos, “agentes especializados da cultura”, “guardiões da cultura popular”, todos negociando entre conflitos, trocas e cumplicidade, garantindo seu espaço social dentro da rede festiva.

1.3 TÔ TE ESPERANDO NA JANELA: MANIFESTAÇÃO E TRADIÇÃO POPULAR



FIGURA 16. Lá vem a lavagem. Arquivo Primogênito Notícias.

A cor é o branco. A água é de cheiro. A música é o afoxé. Elementos que tomam conta das ruas de Muritiba em todos os meses de fevereiro. A fé, a cultura e as tradições do Recôncavo se encontram nas comemorações ao nosso Senhor do Bonfim em Muritiba. Caretas, cães, fantasias, charangas. Uma festa centenária que reúne milhares de muritibanos e turistas. [Segundo Daniela Caribé\ Fisioterapeuta] ‘ *Senhor do Bonfim é uma grande representação simbólica de todo processo da religiosidade da Bahia. Né? Então, isso no Recôncavo baiano ganhou uma força muito grande. E, é muito importante para população, né? A gente se sente mais forte talvez pela força dessa ancestralidade, dessa religiosidade*. A prefeitura de Muritiba trabalha para que tudo dê certo durante os onze dias de festa. Três secretarias estão diretamente ligadas à organização do evento. Um posto de atendimento de urgência e emergência foi montado na praça do Bonfim. A vigilância sanitária fiscaliza a comercialização de alimentos e bebidas para garantir a qualidade do que é consumido durante a festa. A prefeitura garante a segurança com a guarda municipal e dando suporte à polícia militar. Câmeras de monitoramento foram instaladas na praça do Bonfim. Estrutura de palco, som e luz garantem a alegria das dezenas de shows que animaram o público. [Segundo Xanddy\ Cantor] ‘*Vir a Muritiba e participar de uma festa assim pra gente, pra nós artistas é sempre importante. Né? Parabenizar pela estrutura, pela organização. Tá tudo aí na mais perfeita ordem. Estamos felizes e honrados de estar presentes aqui*. Com a reforma da praça do Bonfim o público ganhou mais espaço para ver os shows. O parque

de diversões foi transferido para praça Clementino Fraga, trazendo mais conforto e segurança para diversão dos pequenos’.[Segundo Luciano Sampaio\ Montador] ‘Com a retirada do parque de lá pra cá, o espaço lá ficou realmente bem melhor e aqui também ficou melhor pra as crianças. Ficou um espaço totalmente separado. Não misturando um ambiente lá de festas com crianças e tal. E aqui o pessoal, a criançada pode brincar a vontade, tranqüilo. Melhorou cem por cento, cem por cento’. [Segundo Marcos da Cunha\Técnico em manutenção] ‘A gente ver que a prefeitura tá trabalhando para cada vez proporcionar esta festa melhor, né?’ Valorizar a cultura e as tradições de Muritiba é cuidar de nossa gente!

O texto acima corresponde ao vídeo apresentação da Festa do Senhor do Bonfim em Muritiba “produzido” pela Prefeitura no ano de 2015, o qual sinaliza a triangulação fé, cultura e tradição do Recôncavo Baiano. Como apenas as palavras não conferem a multiplicidade de informações que o vídeo possui, é válido ressaltar, que em cada momento há uma música correspondente ao espaço representado, ou seja, nas ruas, na igreja ou no palco, interesses, classes, credos, cores, cheiros e gostos estão em disputa. Deste modo, percebe-se também uma ênfase numa perspectiva híbrida nas narrativas e práticas religiosas de fé-celebração do catolicismo e das religiões de matriz africana (ocorrem tensões e complementações). Evidente que os corpos e as fantasias são bastante “potencializados” como expressões culturais relevantes, assim, “cães”, caretas, muquiranas são tão importantes quanto as charangas. É possível ainda perceber que as secretarias são articuladas e os guardas municipais junto à polícia militar são apresentados como responsáveis em garantir a segurança e tranquilidade nas ruas da cidade. Logo, o que resta? Convidar foliões “consumidores” da folia de outras cidades, pois crianças e adultos podem se divertir e se alimentar com garantia de higienização e alegria, ao mesmo tempo em que se criam processos de subjetivações e inculcações de um “gosto festivo”.

Nesse sentido, a festa é narrada como momento de fé-folia, de celebração da vida! Nela, a recriação e o ordenamento, uma espécie de “liberdade controlada”. Entretanto, uma das maneiras de experimentar a festa é através das janelas, portas e varandas das casas. Daí é bastante comum encontrar grupos geracionais nas portas das casas sentados no ‘circuito festivo’. É um fluxo intenso de foliões que ‘vai e vem’. Logo, morar próximo a festa é não dormir direito, contudo, basta abrir a janela e ver a festa passar. Ora, por ver a festa passar, leia-se: brincar, dançar, sorrir e acenar para “e com” os foliões.

Esperar na janela e ou sentar-se na porta de casa são símbolos de cidades interioranas mais ou menos pacatas no que diz respeito à violência urbana e, sem dúvida alguma, símbolo de saudade dos que ouviram histórias dos pais e avós na infância, ou evidenciaram essa prática de alguma maneira. Também podem ser símbolos de atraso para aqueles que não mais experimentam essa prática no seu cotidiano ou não a conheceram. Desta forma, seja na porta da casa sentado, na janela, na varanda e ou praça, a festa vai passar e muitos estavam à espera. Todavia, quem espera na janela e o que se vê?

Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor.
 Outras vezes encontro nuvens espessas.
 Avisto crianças que vão para a escola.
 Pardais que pulam pelo muro.
 Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais.
 Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar.
 Marimbondos que sempre me parecem personagens de Lope de Vega.
 Às vezes, um galo canta.
 Às vezes, um avião passa.
 Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino.
 E eu me sinto completamente feliz.
 Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem, outros que só existem diante das minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.
 (Fragmentos do poema de Cecília Meireles, A arte de ser feliz)

Na janela, muitos que não participam diretamente da festa como evangélicos, católicos que não aceitam a mistura do sagrado com o profano, idosos que não querem ou não conseguem mais “cair na folia”, crianças que não são levadas para as lavagens pelos seus responsáveis, enfim, diversos sujeitos sociais que por motivos diversos não vão às ruas, costumam se debruçar. A festa e, especificamente as lavagens, tem um poder de atrair olhares dos mais diversos, isto é, tanto os que dela participam diretamente, quanto dos que assumem discursos de negação e ou “diabolização” da mesma. Sim. Este é o tom majoritário de grupos evangélicos na cidade que nos templos ou em grupos de amigos dizem: “esta festa é do diabo”! “É uma festa da carne”! “Deus não está no meio disso”! “Vão todos para o inferno”! E, inevitavelmente, quando ocorrem violências (como facadas e brigas nas lavagens), é para muitos evangélicos uma confirmação de uma suposta reprovação de Deus a uma festa católica e profana.

Há muitos fatores que sustentam os discursos evangélicos contra a festa do Bonfim em Muritiba. Sinalizo aqui dois: a herança anti-católica e pouco dialógica no protestantismo e processos de controle e castrações do corpo-prazer. Todavia, mesmo diante de narrativas contrárias à Festa do Bonfim por parte dos evangélicos na cidade, é bastante corriqueiro encontrá-los (não só eles) nas janelas, portas e varandas de suas casas. Desta forma, abordo através de uma ousada brincadeira como as lavagens invocam uma identidade muritibana que está para além dos valores religiosos seguidos.



FIGURA 17. Vem cá cão! Arquivo Primogênito Notícias.

De fato, o que definitivamente estão vendo? Vê-se o “vai e vem” de pessoas, foliões diferenciados com fantasias e muita alegria-criatividade. Vê-se “cães”, caretas, muquiranas, lavagens (com e sem abadás). Vê-se risos, sons, cores, brados, multidão em festa!³¹ Basta ouvir instrumentos e se aproximar da janela para ver o início da lavagem e o encontro dos foliões. No meio da rua os músicos começam a tocar, parece ter ‘visgo de jaca’[os muritibanos são conhecidos como papa jaca], isto é, os foliões ‘colam’ mesmo, cada um (a) a seu modo caem na folia. Entretanto, saliento aqui que a cidade de algum modo se encontra em festa, ou seja, não se limita ao templo e ou palco no largo da praça, uma vez que, nas ruas tem lavagens, e nas praças, nas janelas, nas esquinas e nos bares, carros de som com pessoas dançando, brincando e bebendo. É uma espécie de ‘disputa por foliões’. E é como se nos dias de festa as pessoas (também as mais sofridas) acordassem

³¹ O cortejo das baianas (no início da festa) e a procissão do Bonfim (no final) também são vistos na janela e muitas vezes com um semblante de reprovação.

dizendo: “eu sou muito alegre. Todas manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. De manhã eu estou sempre alegre. A primeira coisa que eu faço é abrir a janela e contemplar o espaço” (JESUS, 1992, p.25).

Neste sentido, como escolher e ou arriscar um lócus para anotações no Diário de Campo e problematizações deste fenômeno social tão complexo? O mínimo de experiência no campo me faz acreditar que por se tratar de festa e humano, apenas a aparência é de repetições, o novo sempre aparece! “Parece que o que existe de mais precioso no existir humano, nas sagas da história humana, é a presença do imponderável, do contraditório, dos fluxos tensoriais, do paradoxo, nas teias oblíquas que perfazem a textura movente das culturas”. (ARAÚJO, 2013, p. 3)

As lavagens representam um espaço onde todos se encontram, numa mistura de sons (instrumentos musicais, trio, chocalhos dos “cães”) de cores, de máscaras, de fantasias, de interesses, de idades, de classes, e até mesmo de credos, haja vista que candomblé, catolicismo e protestantismo estão ali, na síntese da festa! Uma vez que a curiosidade, o sentimento de pertença, o envolvimento com a criatividade de cada fantasia, e não menos a tradição e a originalidade dos “cães”, envolvem todos que correm para suas portas e janelas e sempre com um olhar aguçado e um sorriso nos lábios, quando não um leve movimento do corpo ritmado com as charangas, participam desse evento híbrido.

A janela é também síntese entre a rua e a casa, ou seja, onde as representações e os pertencimentos identitários se misturam em dimensões do público-privado. Entretanto, para alguns evangélicos, a janela, essa síntese, não é o bastante, logo param de estar vigilantes³² e “caem na carne”³³, isto é, vão para rua, se entregam a folia para sentir, degustar, tocar e cheirar a festa. Esse processo de banda na rua me traz a memória uma canção do Chico Buarque que diz:

Estava à toa na vida o meu amor me chamou. Pra ver a banda passar cantando coisas de amor. A minha gente sofrida despediu-se da dor. Pra ver a banda passar cantando coisas de amor. O homem sério que contava dinheiro parou. O faroleiro que contava vantagem parou. A namorada que contava as estrelas parou para ver, ouvir e dar passagem. A moça triste que vivia calada sorriu. A rosa triste que vivia fechada se abriu e a meninada toda se assanhou pra ver a banda passar cantando coisas de amor... O velho fraco se esqueceu

³² Neste caso a vigilância significa o que os líderes religiosos afirmam estar em constante cuidado para não entrar em tentação e pecar.

³³ Expressão comum no campo religioso evangélico de perspectiva dicotômica que significa valorizar o prazer carnal (passageiro), que é contrário a vontade do Espírito, ou seja, do Deus (eterno).

do cansaço e pensou que ainda era moço pra sair no terraço e dançou.

A moça feia debruçou na janela pensando que a banda tocava pra ela.

A marcha alegre se espalhou na avenida e insistiu. A lua cheia que vivia escondida surgiu. Minha cidade toda se enfeitou pra ver a banda passar cantando coisas de amor. Mas para meu desencanto o que era doce acabou. Tudo tomou seu lugar depois que a banda passou. E cada qual no seu canto em cada canto uma dor. Depois da banda passar cantando coisas de amor. Depois da banda passar cantando coisas de amor³⁴.

A partir da canção de Chico Buarque sobre a banda na rua, ainda que afastada do contexto histórico, não se pode negar algumas semelhanças com as lavagens na festa em Muritiba-Ba, tais como: músicos, rua, foliões, mudanças, ordenamento. No entanto, a questão não é (objetivo da minha análise) o que se canta-toca na festa, na lavagem, mas a capacidade da mesma em “mover estruturas” e lugares de pertencimentos sociais, como expressa DaMatta (1997) na ideia de crítica social através dos papéis sociais experimentados e “invertidos” na festa. Logo,

... todo o ponto da festa é precisamente não saber o que ocorrerá, no mundo em que a aventura é finalmente radicalizada, porque a vida social pequeno-burguesa (toda feita de pequenas contradições entre o certo e o errado, o pecado e a virtude, a certeza e a incerteza) fica suspensa e é invertida (DAMATTA, 1997, p.138).

Desta maneira, segundo a canção do Chico, a festa é arrebatadora e consegue tirar as coisas do lugar, mover as estruturas de um viver social cheio de estratificações, assim a subversão, o novo, o inesperado e o desejado por subalternos, ocorre cotidianamente nas ruas da cidade. Pensando com Cox:

...uma cultura podia zombar, periodicamente, de suas mais sagradas práticas políticas e religiosas. Sentia-se em condições de imaginar, ao menos de vez em quando, um tipo de mundo bem diferente – mundo este em que o último era o primeiro, valores tradicionais se invertiam, os palhaços se tornavam reis e os coroinhas, prelados. (COX, 1974, p.12)

Diante disso, é importante refletir: como a racionalidade produz dimensões de fantasia-ilusão nas lavagens através de processos de subjetivações identitárias festivas atribuídas sociologicamente ao lazer? Quais grupos sociais fantasiam-

³⁴Música “A Banda”, composição e interpretação de Chico Buarque do ano de 1966.

iludem na festa? O poder público que proporciona uma espécie de “pão e circo” como se os cidadãos não percebessem? Os “guardiões da cultura popular” que para permanecer negociam reciprocamente com os “agentes especializados da cultura”? Os foliões que aparentemente “alienados” se lançam na folia esquecendo-se da vida “dura e pesada”? Ora, evidente que na festa há interesses em jogo: políticos, econômicos, religiosos, midiáticos e não menos culturais.

Segundo Denys Cuche, “a noção de cultura é inerente à reflexão das Ciências Sociais” (CUCHE, 2002, p.9), isso porque o humano também é cultural e “a noção de cultura se revela então como instrumento adequado para acabar com as explicações naturalizantes dos comportamentos humanos” (CUCHE, 2002, p.10). Vale ressaltar ainda que o conceito de “cultura”, “tradição” e “povo” nas Ciências Sociais se dão em um campo de disputa, de pertencimentos teórico-metodológicos. Pois, como aponta Muchembled: “a cultura é um tecido riquíssimo, que precisamos examinar com a máxima atenção em todos os seus fios” (MUCHEMBLED, 2001, p.10).

De fato, na festa, a cultura também revela o oposto do fragmento cantado por Chico: “*O homem sério que contava dinheiro parou*”. Não! Definitivamente ele continuou contando dinheiro, pois descobriu que investir em festa é uma prática lucrativa, ou seja, quanto custa e se paga por uma “fantasia”? Segundo Amaral, “a festa é, ainda, mediação entre anseios individuais e coletivos, mito e história, fantasia e realidade, o passado e futuro, entre ‘nós’ e os ‘outros’, revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana” (AMARAL, 2012, p. 74).

Ora, se fantasias e criatividade são comuns em festas populares, como essas dimensões se revelam no Bonfim de Muritiba? De fato, a dimensão da criatividade na festa salta aos olhos de qualquer observador por mais desatento que seja, uma vez que, nos corpos, nas ruas, na praça e no templo, narrativas e símbolos aparecem em tom de cores, brincadeiras, gratidão, folia, fé, consumo e crítica. Daí surge uma questão: se não há um concurso e ou prêmio de melhor fantasia, o que move esses foliões? Isto é, não basta participar da festa? Ora, encontrei fantasias de ‘cães’, caretas, muquiranas, mendigos, turma do Chaves (incluindo o Chapolin colorado), Minions, Pantera cor de Rosa, Mickey Mouse, Peppa (porquinha), Capitão América, Hulk, personagens do Mortal Combate, etc. Logo percebi! Para muitos, não basta ir a festa, pois é preciso “criar” fantasias em busca de prazer e status.

Sobre premiação na rede-festiva esta ocorre apenas no Pregão Anunciador, pois, durante os onze dias de fé-folia a criatividade aparece não em busca de prêmios materiais nas lavagens tradicionais promovidas pela prefeitura, mas de dimensões simbólicas que envolvem lazer-prestígio. Logo, a festa é locus de disputa de foliões, e os abadá também são fantasias. Contudo, com menos criatividade, pois há uma homogeneização de cores e patrocinadores nas camisas, mesmo assim, muitas mulheres e alguns homens modificam suas camisas com cortes exibindo seus corpos seguindo um padrão de beleza-sedução.

Entre idas e vindas pelas ruas da cidade, fui ao encontro da tradicional lavagem do Clube dos 30 em sua 18ª edição. É bastante comum escutar nas ruas da cidade que essa lavagem é de família, é organizada, tem segurança e “gente bonita”. São aproximadamente 2.000 foliões, 2 carros-pipa, cordeiros, seguranças particulares, policiais militares, músicos e trenzinho. Sim, há uma ‘legitimidade’ deste grupo neste circuito festivo da cidade. Multidão em festa! Brados, risos, jinga, coreografias. Por um momento há uma impressão: a “cidade dança”. Todavia, outros grupos econômicos e ou de amigos entram em cena para disputa de foliões. No ano de 2015 a disputa seria com o JR Atacado e Varejo, que colocava na mesma manhã uma lavagem nas ruas da cidade com os seguintes destaques: 5 charangas (Muritiba, São Felix, Cachoeira, Saubara e Maragogipe); 70 Seguranças; 120 representantes da Polícia Militar e Civil; 6 mil abadá; 13 mil latões de cerveja ‘free’; cordeiros; fotógrafos e cinegrafistas (Bahia Atualidades); trenzinho; fantasiados; baianas; carro de som. Neste sentido, quem levaria a melhor? A “tradição” ou o novo? Lembrando que neste caso o Grupo dos 30 passa a assumir um teor da tradição entre as lavagens com camisa, em contraposição à Lavagem da JR que tem apenas dois anos de existência! Era comum escutar que a Lavagem do JR Atacado e Varejo era do “povão” e teria muita violência por ter muita bebida livre. Bem, há sem dúvidas os que só participaram de um ou outro momento, mas foi comum encontrar os foliões que para além de representações simbólicas de prestígio e poder contidas no abadá do Grupo dos 30, se lançaram também na Lavagem da JR, vestindo tão logo o abadá visto do “povão”.

O termo tradição é múltiplo na rede-festiva de Curitiba-BA, pois tanto é utilizado em relação aos momentos litúrgicos no templo e nas procissões quanto nas manifestações populares da rua como: caretas, “cães”, lavagens sem abadá, cortejo das baianas e, não menos, lavagens com abadá, como o Clube dos 30 e

Jagunça. Ora, estudar o campo da festas populares é de fato lançar-se no jogo do movimento, no fluxo dos significados, em que dependendo do contexto, os elementos que compõem a festa vão mudando de lugar. Isso porque "toda identidade é uma construção simbólica (a meu ver necessária), o que elimina, portanto, as dúvidas sobre a veracidade ou a falsidade do que é produzido. Dito de outra forma, "não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construída por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos" (ORTIZ, 2012, p. 8). Assim, a lavagem do Clube dos 30 e o Bloco Jagunça representam modernidade quando comparados às lavagens sem abadá, mas assumem um aspecto de tradição quando disputam a posição com os novos blocos e outras lavagens que vão surgindo a cada ano. Com efeito, em contato com os foliões e nativos percebi esse jogo arbitrário entre tradição-modernidade, entre permanência-mudança.

Eu, meu Diário de campo e a rua. Escuto o sino e os fogos que anunciam o início da procissão! Grupos e lideranças religiosas, devotos e políticos seguem as ruas da cidade. Pessoas nas esquinas e praças para observar e ou seguir a multidão em louvor e gratidão ao Sr. do Bonfim, também em muitas janelas e portas encontrei altares e plantas ao santo homenageado. A seu modo, a procissão é uma festa! Não se trata da lavagem como espaço apenas profano da festa e a procissão o momento sagrado, pois há uma complexidade nestes fenômenos sociais que precisam ser refletidos. Bem, penso que há muitas semelhanças nestes espaços como: rua, músicos, foliões-devotos, vendedores ambulantes, consumidores de fé-folia. Em ambos espaços encontram-se jovens descalços, ainda que o sentido possa ser distinto, isto é, na procissão uma promessa, um voto, já na lavagem, a diversão (dança-se tanto que as sandálias 'quebram' e ficam no caminho). Músicos que despertam em um momento a celebração da vida em 'carnavalização', agora, provocam contrição, gratidão e, por vezes, choro. As ruas que se encheram de corpos fantasiados com coreografias específicas e espontâneas recebe corpos 'controlados', normativos e ordenados com lágrimas nos olhos e ramos nas mãos. Contudo, mesmo compreendendo que ambos espaços possuem significados distintos para aqueles que participam de um ou outro momento, há aqueles que participam desses espaços não como momentos contraditórios das experiências

humanas, mas complementares. Isto é, aqui a triangulação é: igreja, palco e rua em diálogo necessariamente com dimensões de fé-folia-consumo.

Desta forma, retomando a canção de Chico, ela encerra apontando que a banda (festa) passa e tudo volta ao lugar! Acaba-se a ilusão! Entretanto, o que dizer desses momentos de transformações? E quando a banda passa e tudo volta ao lugar, volta da mesma forma? Mudança-permanência ocorre de maneira ambivalente na festa, logo a festa é processual e possui dimensões de liberdade-controle através de uma racionalidade-fantasiada, isto é, festejar é ir ao templo rezar, é criar personagens nas ruas para brincar (com ou sem abadá), ainda que sejam formas distintas-complementares de experimentar a festa. Festejar é esperar na janela todos os anos uma manifestação popular que se repete-modifica na porta de casa.

2. COMUNIDADE (FESTIVA) IMAGINADA E AS MEDIAÇÕES DOS DIFERENTES AGENTES

... não há como não inventar culturas, do mesmo modo que não há como manter as suas patentes intactas: elas aí estão para ser copiadas e modificadas. (ANDERSON, 2008, p.14)

O alvo é o peso adquirido pela conjunção entre as esferas da cultura laica e do consumo de bens culturais e de diversão, no que tange ao movimento de modernização, com repercussões sobre a formação dos sujeitos e também na definição dos limites estruturais de algumas das práticas humanas, definidas como linhas de ação lúdico-artísticas. (FARIAS, 2003, p. 186-187)

Na primeira parte, a festa do Bonfim foi apresentada com o intuito de sinalizar para os leitores as diversidades, as polifonias e as dimensões dialógicas que compõem este fenômeno social demasiadamente complexo, cheio de símbolos e sentidos em disputas. Ou seja, busquei refletir sobre a integração-tensionada de grupos sociais, de oralidades, de visualidades, de liberdade-controlada nas ruas da cidade, nas praças e no templo.

Desta maneira, este momento da pesquisa objetiva compreender como comunidades (festivas) são criadas e legitimadas enquanto portadoras de uma “mística” e ou “imagético” festivo em detrimento de outras comunidades-cidades. Logo, interessa-me refletir as mediações, conflitos e cumplicidades entre os diferentes agentes, isto é, o poder público municipal, os “agentes especializados da cultura”, os “guardiões da cultura popular”, assim como as expressões culturais populares acionadas como entretenimento na Festa do Bonfim de Muritiba. Assim, parto do pressuposto de que a tríade fé-folia-consumo também abrange grupos de agentes com interesses que se tocam: O poder público (através da prefeitura), os “agentes especializados da cultura” (empresas de sonorização, estrutura de palco, banheiros químicos e venda de abadás), os comerciantes (nesse caso entram também os barraqueiros, ambulantes), os “guardiões da cultura popular” (as baianas, os líderes do samba de roda³⁵, os “cães” mais velhos, os líderes de lavagens com e sem camisa...) e os foliões (cidadinos e visitantes).

Nesse sentido, a Prefeitura, representando o Estado local, assume um papel de mediador, organizador e promotor da participação dos visitantes e nativos na

³⁵ A candidatura do samba de roda à III Proclamação das Obras-Primas do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade, foi outorgado pela Unesco em 2005 e o Recôncavo da Bahia possui um lugar significativo desta prática cultural. Em Muritiba a maior expressão é o Mestre Avelino idealizador do “segura a veia”.

rede-festiva, estabelecendo como serão realizadas as ações de desenvolvimento, a estrutura de palco, a ornamentação da praça, iluminação do circuito, a limpeza das ruas, os agentes de saúde, a contratação das bandas, das barracas de bebidas e comidas, da licença do parque de diversão, dos músicos para as lavagens, dos “cães” (seja material de limpeza e ou cervejas em algum bar\casa), do transporte (lanche e gratificação) das baianas (Maragojipe, São Félix e Santo Amaro), dos filhos de Gandhi (translado de Salvador com lanche e gratificação) que participam do cortejo, da segurança, enfim, de todos os agentes sociais envolvidos. Por outro lado, os “agentes especializados da cultura” investem na criação e recriação das tradições para atrair cidadãos e turistas prontos para consumir-celebrar. No entanto, é válido ressaltar que tais consumidores, segundo Certeau (2014), são sujeitos sociais que vivem na sociedade capitalista, não como passivos diante da atividade de produção, mas que, sobretudo, consomem racionalmente a partir de uma produção racionalizada. Na realidade, há intersecções entre o público-privado onde os consumidores de folia, ou seja, os devotos-foliões acionam os sentidos, experimentando a festa tanto em suas manifestações no templo, no largo da praça e nas ruas da cidade, logo:

A própria empresa JR investe nas outras lavagens de rua, nas tradicionais lavagens do cortejo do Bonfim. Na segurança concedeu um número maior de policiais para os cortejos. O JR investiu com os organizadores de cada lavagem... bebidas, dinheiro para investir em mascarados e pessoas caracterizadas... um investimento para que as lavagens de rua pudessem acontecer também. (Fala de um representante da empresa JR Atacado e Varejo no ano de 2016)

Com efeito, uma festa é obra de muitas mãos. Religiosos, comerciantes, políticos entre outros, assumem fronteiras tensionadas na medida em que são imbricados dimensões de fé, folia e consumo, assim sendo:

Em relação ao palco os investimentos aconteceram. A indústria fonográfica se renova a cada momento... O que a prefeitura traz é o ensejo do folião. Quando você faz uma grade que prioriza a cultura local [atrações no palco que priorizam apenas músicos da cidade] ela não é aceita e acaba sendo desmerecida pelo próprio folião. O cara tá reclamando de saúde, educação. Chega na festa do Bonfim ele esquece saúde, educação, social, esquece emprego, esquece tudo cara. Ele quer viver aqueles dez dias de folia que pra ele vale mais do que tudo isso durante um ano. Então se a prefeitura minimizar as atrações de uma festa do Bonfim, o prefeito acaba sofrendo uma rejeição pública, né? E isso no quesito eleitoral não é bom, as urnas

podem sofrer alterações. (Fala de um representante da empresa JR Atacado e Varejo no ano de 2016)

Honestamente, há quem assuma uma leitura dicotomizada, isto é, de um lado os direitos básicos sendo negados e, do outro, as experiências ligadas à folia. Entretanto, suspeito que este olhar simplifique o fenômeno, pois não se trata de uma oposição entre direitos sociais e momentos de entretenimento lúdicos, mas, aponta, talvez, a necessidade de ampliação dos direitos. Assim, deseja-se boa educação, acesso a saúde, emprego e, não menos, possibilidade de lazer como será visto mais adiante.

Diante dessa complexa relação entre religião, política e entretenimento, na qual ocorrem processos de construções sócio-históricas no que diz respeito a comunidades, optei por seguir e adaptar passos de Benedict Anderson (2008): as nações são inventadas e imaginadas, ou seja, não são essenciais e naturais. Logo, não se busca uma narrativa “verdadeira” ou “falsa”, mas reverberar que o vínculo e ou sentimento de nacionalidade passa necessariamente por processos de construção de uma memória, isto é, conflitos entre o que é lembrado-esquecido a partir de tensões e interesses diversificados. Assim, este autor sinaliza: “ela é tão limitada como soberana, na medida em que inventa ao mesmo tempo que mascara” (ANDERSON, 2008, p. 12). E ainda:

Nações são imaginadas, mas não é fácil imaginar. Não se imagina no vazio e com base no nada. Os símbolos são eficientes quando se afirmam no interior de uma lógica comunitária afetiva de sentidos e quando fazem da língua e da história dados ‘naturais e essenciais’; pouco passíveis de dúvida e de questionamento. (ANDERSON, 2008, p. 16)

Desta maneira, se por um lado ocorre um processo de valorização das chamadas culturas locais (tradições, danças, rituais religiosos, etc) cujas expressões simbólicas em diálogo com a política (re)constroem lugares de pertencimentos (grupos étnicos, identidades locais), do outro, e simultaneamente, ocorre uma dinâmica de homogeneização de práticas culturais atreladas ao lazer, entretenimento, consumo, experiências, emoções.

Segundo Renato Ortiz (1999 apud FARIAS, 2003) “a cultura popular contemporânea é, em boa medida, fabricada por esferas especializadas que escapam ao domínio das localidades” (FARIAS, 2003, p.180). Neste jogo, o rádio, a

televisão, redes sociais e o cinema são indispensáveis na produção de identidades. Além do mais, "para se pensar como se estrutura atualmente o campo da cultura é necessário levar-se em consideração a atuação do Estado brasileiro, que, sem dúvida alguma, é um dos elementos dinâmicos e definidores da problemática cultural" (ORTIZ, 2012, p. 79). Ou seja, as memórias são construídas em conversa com os aparatos tecnológicos que fortalecem e potencializam fabricações de oralidades e visualidades e conseqüentemente pertencimentos. Ora, por se tratar de um lugar de debates compete indicar que:

... o fato marcante é como a modernização do país, afinada no âmbito do entretenimento-turismo, engata-se aos destinos tomados pelos produtos rubricados como populares, tendo como destaque a festa popular, calcada numa aliança entre grupos e classes de pessoas tão heterogêneas e dispostas de maneira desigual na distribuição dos resultados monetários e simbólicos. (FARIAS, 2003, p. 195)

Penso ser necessário antes da reflexão sobre os bens culturais mercantilizados nas festas e, especificamente, na do Bonfim de Muritiba-BA, um diálogo a respeito do lazer a partir da proposta de Norbert Elias em sua obra *A Busca da Excitação*(1992) em que o autor problematiza a seguinte questão: "que espécie de sociedade é esta onde cada vez mais pessoas utilizam parte do seu tempo de lazer na participação ou na assistência a estes confrontos não violentos de habilidades corporais a que chamamos 'desporto'?" (ELIAS, 1992, p.40).

De fato, tensões e integrações interdependentes se fazem presentes no construto de castração corpórea e, concomitantemente, (re)construção deste mesmo corpo através de práticas com relativa autonomia. Daí,

Se perguntarmos de que modo é que se animam os sentimentos, como é que a excitação é favorecida pelas actividades de lazer, descobre-se que isso é dinamizado, habitualmente, por meio da criação de tensões. Perigo imaginário, medo ou prazer mimético, tristeza e alegria são produzidos e possivelmente resolvidos no quadro dos divertimentos. Diferentes estados de espírito são evocados e talvez colocados em contraste, como a angústia e a exaltação, a agitação e a paz de espírito. (ELIAS, 1992, p. 71)

Ora, Elias aborda como os desportos ajudaram no processo civilizatório, isto é, como a substituição e ou diminuição de confrontos físicos através das regras (mecanismo de controle) proporcionariam um determinado comportamento, uma

espécie de descontrolo-controlado e emoções no passatempo desportivo. Isto é: “o desporto é sempre, em todas as suas variedades, uma luta controlada, num quadro imaginário, quer o adversário seja a montanha, o mar, a raposa ou outros seres humanos” (ELIAS, 1992, p. 84). Desta maneira, “o controlo que exercem sobre si tornou-se, de certo modo, automático. O controlo - em parte – já não se encontra sob seu domínio. Tornou-se um aspecto da estrutura profunda da sua personalidade” (ELIAS, 1992, p. 103). E ainda: “os excessos das explosões fortes e apaixonadas foram amortecidos por restrições embutidas conservadas pelo controlo social, que, em parte, são incrustadas de modo tão profundo que não podem ser abaladas” (ELIAS, 1992, p. 112).

Desta maneira, se a investigação sociológica parte da perspectiva do desporto como um acessório do mundo do trabalho no que tange ao alívio das tensões, Elias reverbera que:

Se as tensões devem ser avaliadas, pura e simplesmente, como perturbações das quais as próprias pessoas se procuram ver livres, porque é que no seu tempo de lazer elas voltam sempre a procurar uma intensificação das tensões? Em vez de condenar as tensões como algo que prejudica, não se deveria antes explorar as necessidades que as pessoas revelam por uma dose de tensão, enfim, como um ingrediente normal nas suas vidas? Não se deveria antes tentar distinguir com maior clareza entre tensões que são sentidas como agradáveis e tensões que são sentidas como desagradáveis? (ELIAS, 1992, p. 142-143)

Segundo José Magnani (2003), em sua investigação sobre sociabilidades e práticas culturais urbanas na década de oitenta no Brasil, os pesquisadores tinham como ênfase temas como: análise da política, dos sindicatos, do trabalho e a exploração dos trabalhadores, entretanto, este autor inovou e analisou o tempo livre dos trabalhadores e sua relação com o lazer nos bairros periféricos. Sendo assim, o lazer foi refletido como momento indispensável da vida dos grupos sociais, daí, o circo, a partida de futebol, festa de aniversário e ou casamentos, excursões, etc., proporcionavam “pedaços” de alívio de tensões.

Com efeito, o cientista social Carlos Brandão aborda que “novas formas de viver o festejo ou a redescoberta de formas antigas para nosso mundo parecem estender o poder e o significado da festa. Cada vez mais ela não quer tanto se opor à rotina, ao trabalho produtivo, mas sim invadi-los” (BRANDÃO, 2010, p.21). Entretanto, como o ócio torna-se negócio? Se as lavagens do Bonfim de Muritiba

eram abertas para a participação de quem dela desejasse participar, como transformaram-se em modelos festivos que selecionam quem e ou como participar?

Segundo o sociólogo Edson Farias, “as festas são reconhecidas como figurações de relações humanas, jogos entre valências dispostos como processos de trocas múltiplas” (FARIAS, 2011, p.13). Desta maneira, percebe-se cada vez mais que nas redes-festivas há um modelo societário de consumidores que misturam-combinam expressões culturais, profissionalismo e brincadeira. Nesse sentido,

... compreende o encadeamento espaço-temporal dotado de uma figuração própria de equilíbrios de poder em que a lógica de ampliação dos fatores de lucratividade do capital está articulada ao peso adquirido por uma economia simbólica, na qual o comércio de signos e a ludicidade são valorados na contrapartida da geração de disposições práticas (e também estratégias), devotadas à elaboração e ressignificação de coisas e pessoas em espaços definidos pela finalidade do lazer. As identidades compactuam com a institucionalização de grades taxonômicas delineadas na esteira de distribuição de retenções várias dos elementos avaliados como raros e, também, com os níveis de integração social por intermédio do grau de acesso a bens e serviços inscritos na lógica monetário-mercantil de posse e uso dos bens materiais e intangíveis”. (FARIAS, 2011, p.14)

E ainda:

... ao falar do circuito de festas populares regionais está em questão situações de conagração e diversão populares identificados por referência regionais, as quais vão constituindo em megaeventos de entretenimento e turismo, inscritos numa economia do lúdico. (FARIAS, 2011, p. 23)

Desta forma, a festa é um espaço de tensões (existem os momentos da folia, da alegria, da celebração, mas também de confusão, brigas, morte, dentre outros) em que a cultura popular ou tradicional é disponível como entretenimento e cada vez mais torna-se produto a ser mercantilizado. Partindo desse pressuposto e utilizando-me da reflexão feita por Edson Farias (2003) ao compreender que o Rio de Janeiro ocupa um ícone de brasilidade devido a confluência entre Estado nacional, mercado capitalista e a ampliação do divertimento-turismo vinculados à cultura popular, cabe aqui uma adaptação e inquietação: quais os ícones de baianidades que compõem o Recôncavo festivo e, por sua vez, são inexistentes na festa do Bonfim de Muritiba? Mas, qual o porquê de indagar sobre a inexistência de tais símbolos? Ora, ao longo da observação etnográfica fui ouvindo e anotando muitos questionamentos dos

foliões muritibanos que no jogo de mediações, pensavam sobre o que faltava na Festa do Bonfim em relação às demais festas populares do Recôncavo que impossibilitava a sua divulgação e reconhecimento enquanto festa de caráter massivo.

Diante de tal problematização é possível perceber que há combinações entre o sagrado e a diversão, isto é, muitas misturas são realizadas na festa de largo neste contexto festivo do Recôncavo, entre elas, a religião, a música e a gastronomia. No olhar da historiadora Edilece Couto (2014), festas do catolicismo baianos envolvem dimensões lúdicas e espetaculares. Entretanto, essa autora sinaliza que por parte de autoridades civis e religiosas (representantes da ordem e da coerção social) muitos devotos-festivos se excediam com comportamentos de desordem, de desrespeito a Deus e aos santos, mas, para tais devotos, lavagem do templo, procissão, queima de fogos, missas, novenas faziam parte das homenagens ao padroeiro celebrado. Desta forma, devotos-foliões caminham entre preces, festejos e romarias, são “seres que descem dos bairros pobres em direção à cidade e invadem as ruas e depois a praça, o adro de uma igreja, um coreto, com seus cantos, seus passos de dança, sua fé e suas memórias” (BRANDÃO, 2010, p.17). Percebe-se assim, uma dinâmica integrada, tensionada e complementar entre os devotos e os seus representantes que, efetivamente, ocupam lugares e pertencimentos distintos na festa.

Nos festejos do Bonfim de Muritiba há essa multiplicidade de tons, cores, interesses e sensações. Até porque, “além do sincretismo, as festas católicas possuem elementos carnavalescos” (COUTO, 2010, p. 169). Sendo assim, tais símbolos “auréticos” (uma mistura de elementos do catolicismo e dos cultos afro-brasileiros) legitimam de algum modo a suposta “baianidade”. Desta maneira, como e onde ocorrem interfaces entre estes símbolos? Há assim interdependência entre saberes e poderes diversos (elites políticas e intelectuais, lideranças religiosas e empresariais, “agentes especializados da cultura” e os “guardiões da cultura popular”, etc) que inventam e ou potencializam ícones representacionais.

De fato, o Recôncavo da Bahia carrega uma “mística de baianidade lúdica” rubricada como tradicionais nos modos de vida e de produção-consumo de bens culturais conectados a dimensões de diversão e lazer, uma vez que a ênfase na ideia de “tradição” demarca posições socioculturais. Neste sentido, a cultura popular como prática “lúdico-artística” na festa do Bonfim de Muritiba-BA será refletida

enquanto uma comunidade (re)criada através da ambivalência entre razão e fantasia no emaranhado festivo do Recôncavo Baiano, assim como as disputas, tensões e cumplicidades no jogo dos diferentes agentes nas relações de interdependências e interpenetrações.

... as práticas lúdico-artísticas entretidas nos agenciamentos de símbolos de pertencimento étnico, geracional e gênero na interface com o poder estatal e a trama das agências internacionais, com a economia capitalista e às redes tecnológicas e institucionais informático-comunicacionais. Triangulação esta em que os circuitos de produção e consumo de bens de informação, dispostos em diferentes arranjos e escalas sócio-geográficas e culturais, definem um tipo de esfera pública na qual as disputas por reconhecimento pautam disposições e linguagens, no ajuste tanto com fórmulas pelo incremento quanto nas lutas pela distribuição das riquezas simbólico-financeiras na sociedade de consumidores. (FARIAS, 2012b, p.1-2)

Desta forma, os grupos empresariais aparecem de algum modo como “produtores de alegrias”. Isto é, produzem sentimentos a partir de uma racionalidade técnica e lúdica de imagens simbólicas e pertencimentos sociais, em que assumir e ou identificar-se com tal representação garante um misto de status-estigma e, semelhantemente, o folião participa (in)diretamente de um padrão de liberação-regulação das emoções.

Assim a festa – cujas características massivas são estimuladas pela interferência do poder público e da iniciativa empresarial que promove eventos, ou ainda pela produção musical que lhe é destinada – firma-se ela própria como um evento no qual se recriam matrizes culturais do ritual carnavalesco. Torna-se, portanto, além de palco, também o bastidor onde pessoas pleiteiam vagas no mesmo campo de produtores artísticos, interagem para negociar canções, num intercâmbio entre a brincadeira e a formalidade, exigido pelo mercado cultural em ampliação. (FARIAS, 2003, p. 202-203)

E ainda:

(...) a criação cultural está associada aos intelectuais, aos cientistas, aos artistas e aos criadores das manifestações culturais populares; a transmissão, difusão e a divulgação da cultura constituem o campo, por excelência, dos educadores e professores e, mais recentemente, dos profissionais de comunicação e das mídias; a preservação da cultura – requer arquitetos, restauradores, museólogos, arquivistas, bibliotecários etc. A reflexão e a investigação da cultura é realizada por críticos culturais, estudiosos e pesquisadores; a gestão da cultura supõe a existência de administradores, economistas etc. A organização da cultura exige a presença de um tipo de profissional especializado: o produtor ou promotor ou ainda animador cultural”. (RUBIM, 2005, p.18)

Nesse sentido, a cultura torna-se moeda de interesse do capitalismo. Mas então, quais símbolos são negociados nos festejos do Bonfim de Muritiba? Ora, para responder essa questão é necessária uma reflexão dialógica, uma vez que, sendo a festa polifônica, a tentativa analítica aqui é de “sonorizar” através das palavras, pois o modelo de abordagem figuracional é composto por muitas redes. Assim utilizo a fala de um integrante da comissão religiosa que expôs:

... a festa do Bonfim é bom compreender em duas dimensões, se não, não vai compreender nunca. A parte religiosa é a parte que cabe a paróquia. Às vezes as pessoas não entendem e pensam que tudo é do Bonfim, não é assim! A parte religiosa compõe-se de que? O padre faz um tema para ser trabalhado durante o período da novena...; missa penitencial na parte da manhã; pela tarde os padres vão visitar os doentes... quem vê a festa do Bonfim pensa que não tem nada disso! Essa é a nossa parte, a religiosa! Agora qual a banda que vai tocar hoje? Eu não sei! Isso é uma programação paralela feita pela prefeitura, por isso, o prefeito é o coordenador dos festejos populares. As pessoas que não entendem isso e que não querem separar acham que tudo é festa do Bonfim. Não é festa do Bonfim! Não temos nada a ver com isso! Fazemos nossa parte, e a prefeitura a parte dela... A participação dos fiéis nas missas e novenas é muito bonita. A igreja se torna pequena para receber o povo. (Fala de um integrante da comissão religiosa no ano de 2014)

Semelhante a esse interlocutor, muitos (religiosos) admitem a necessidade de separação dos poderes (políticos e religiosos), em que a fé ocorre nas atividades relacionadas aos momentos internos da igreja. Desta maneira, é necessário potencializar através dos fiéis o rosto humano de Deus ao mundo, ou seja, a festa é um momento de evangelização, de louvores ao Bonfim, (re)afirmando a força da crença da população no Senhor do Bonfim milagroso e abençoador. A gratidão é percebida nos olhos e nas mãos levantadas nas celebrações do templo, nas ruas em procissão, nas lavagens das baianas, na carreata dos motoristas e, mais recentemente, no Louva Cristo folia.

Cabe ressaltar ainda que muitos que participam das atividades religiosas são contrários à presença dos “cães” na festa, uma vez que, se é um momento de celebração em louvor ao Senhor do Bonfim, não cabe “o pé redondo” no meio dela, ou seja, “os diabos não podiam aproximar-se da igreja com tão imprópria figura” (SERRA, 2009, p.82). Com efeito, entende-se que o “cão” para a grande maioria pertence à parte profana, gerando então conflitos, embates, discursos que ora pendem para a sua negação e ora são vistos como tradição necessária para a valorização da cultura popular. Um exemplo dessa segunda concepção é, segundo

relatos (internos e externos da igreja), muitos cidadãos anunciarem que a ordem religiosa não poderia proibir tais práticas culturais, pois se trata de uma manifestação popular. Dito de outro modo: a oficialidade da igreja não aprova, mas também não interfere, até porque, por vezes, representantes oficiais da igreja, ao escutarem o som dos chocalhos, correm e observam das janelas e varandas de suas casas, o “cão” passar.

Com efeito, os espaços sociais implicam em modos de agir, logo, o pátio da igreja (espaço entre as escadarias e a porta do templo) segue esta mesma dinâmica. Ali, é um lugar de fronteiras em que a fé e a vida são celebradas a partir de uma experiência menos rígida em relação ao templo e não tão frouxa na perspectiva da rua por assim dizer. Observando bem de perto pude perceber que ali, nesta síntese, foi possível identificar mãos, corpos e olhos em devoção e, não menos, atentos aos acontecimentos da rua. Assim sendo, entre uma reza e uma canção há um riso no rosto e um tchau para quem passa na porta do templo. No pátio, além da venda de produtos religiosos, uma cantina na lateral do templo busca vender seus lanches aos foliões “pecadores”.

Desta maneira, a observação desvenda o quanto o fenômeno social refletido não é exclusivamente dicotômico como sinaliza a entrevista acima, mas, ambivalente, assim, as fronteiras e interfaces em interdependência ampliam a percepção do objeto investigado. Dessa forma, além de vozes religiosas na redefestiva, o poder público municipal através de integrantes da SECULT também sinalizou:

... temos aqui no município uma festa tradicional, uma festa de grande porte de caráter religioso e profano com a grande participação popular, mas assim, é importante pra gente por quê? Não temos, não vemos em outros municípios o que ocorre aqui em Muritiba. Na verdade é uma festa que ocorre durante onze dias, mas até hoje não conseguimos um apoio estadual e federal para que a gente possa tá alavancando esta festa da melhor forma possível (Fala de uma integrante da secretaria de cultura de Muritiba no ano de 2014).

E ainda outra integrante da SECULT afirmou:

... a festa é importante por que ela movimenta a cidade, principalmente o comércio local, assim, como é um evento cultural, estamos manifestando esta cultura viva que é a festa do Bonfim de Muritiba. É importante porque ela traz renda para o município de Muritiba... neste ano de 2014 mesmo foi um mega evento... [busca de parcerias] Nós fazemos projetos, mas até agora não conseguimos as parcerias porque a maior dificuldade quando se trata desta festa

do Bonfim é por que o turismo de Muritiba não é muito evidente e as pessoas preferem apoiar as festas onde o turismo é mais evidente porque tem um retorno maior... buscamos apoio de cervejarias, Petrobras e da Bahiatursa... [expectativa de expansão] A festa do Bonfim é uma festa forte, né, quando se fala de cultura principalmente, mas, ela não tem ainda a dimensão devida por falta de investimento mesmo dessas parcerias... [escolhas das bandas\palco] procuramos atender o gosto do povo. É uma festa eclética onde a mistura de vários ritmos e cores... toda organização é feita pela secretaria de cultura e a parte de pagamentos é feita pela Jagunça Entretenimentos... [semelhança com outras festas] em Cachoeira temos a festa D'Ajuda que é diferente! O que se assemelha é a questão das lavagens, mascarados, mas, acho que a festa do Bonfim tem uma identidade própria... [desejo] Queremos transformar a festa num patrimônio imaterial da cidade, do Estado e quiçá do Brasil. A gente tem feito, tá divulgando. Este ano tivemos a presença do programa Aprovado da Rede Globo de Televisão... (Fala de uma integrante da secretaria de cultura de Muritiba no ano de 2014)

Essas narrativas revelam o desejo da propagação da festa e as articulações em busca de parcerias, da inovação (atrações musicais no palco e presença do Programa Aprovado) e, ao mesmo tempo, a ênfase numa suposta originalidade e ou especificidade dos festejos muritibanos, o que justificaria o investimento público nela. Desta forma, percebe-se que peculiaridades atribuídas ao ícone de “baianidade”, isto é, a mistura do sagrado e do profano somado à intensa participação popular são preservadas e (re)inventadas cotidianamente. Com efeito, “o ato que as baianas celebram é religioso, uma celebração do sagrado na fronteira com o profano” (SERRA, 2009, p.89). Até porque, para este autor, “a aproximação de sagrado e profano em festas de largo da Bahia não ocorre sem rupturas e conflitos” (SERRA, 2009, p.103).

Semelhantemente, nesta rede de conflitos e integrações, as filarmônicas centenárias muritibanas ocupam diversos lugares nos festejos, uma vez que muitos músicos participam dos novenários, das apresentações na praça após as missas, da procissão, nas lavagens (com e sem abadás) e no palco. Um dos líderes de um dos grupos sinalizou:

... as filarmônicas tem um papel fundamental na festa. Além do seu papel social que ela representa dentro de sua estrutura, as filarmônicas mantém assim dentro da festa do Bonfim uma tradição. Desde quando se fala em festa do Bonfim, se fala também nas filarmônicas executando tanto nas partes religiosas quanto na parte cultural após o novenário nas famosas retretas onde as pessoas apreciam os dobrados com suas marchas, com os seus arranjos. A filarmônica tem um papel fundamental de propagar a cultura musical

da cidade de Muritiba. (Fala de um líder de filarmônica em Muritiba no ano de 2014).

Contudo, se por um lado é verdade afirmar que a sinfonia da Festa do Bonfim é demasiadamente rica e múltipla, por outro indagamos sobre o que falta a essa manifestação cultural apesar das bandas, dos chocalhos, das charangas, das cantorias e das filarmônicas centenárias que ainda impede a sua propagação? Foi esta percepção que um empresário e também músico, que oferece bens de serviços culturais ressaltou em entrevista:

... eu não entendo hoje como um movimento tão forte como a Lavagem do Sr. do Bonfim de Muritiba não conseguiu se propagar ainda a nível das pessoas conhecerem. Porque lá fora as pessoas não conhecem esse movimento. Eu trabalho com a cultura do Recôncavo e a cultura do nosso Recôncavo é muito bem representada por Santo Amaro, Maragogipe e Cachoeira. Fica apenas nesses três eixos! E Muritiba com a lavagem do Sr. do Bonfim, com a lavagem de Cão, uma lavagem que você tá aqui na cidade tá vivenciando no dia-dia, que não tem índice de violência...eu fiquei contagiado com a lavagem de quarta-feira que era conhecida como a lavagem de Pimentel da fábrica de charutos que minha mãe era charuteira e que nesta lavagem de Pimentel que reunia as baianas e todo mundo. Eu vi a grandiosidade do que é... uma lavagem que arrastou quase 5 mil pessoas nas ruas de Muritiba e eu fiquei sem entender como essa cultura permanece e os olhos da Bahia não conhece. (Fala de um músico, empresário\ produtor musical no ano de 2014)

Tal interlocutor ainda salientou que recebeu um convite da Secretaria de Cultura junto ao prefeito municipal. Falou da parceria com uma Cervejaria que ofereceu um valor ínfimo para o patrocínio do bloco e dos custos elevados com os abadás, trio, banda, propaganda com mídia, carro de som, outdoor, segurança privada e polícia militar. No entanto, alegou que deveria insistir e acreditar a fim de proporcionar cultura e entretenimento para as pessoas.

Da mesma forma, em contato com um dos líderes de uma lavagem (com camisa), o qual proporciona bens de serviços culturais na cidade durante os festejos, ao ser indagado sobre o lugar que as lavagens, os patrocinadores e a segurança na lavagem ocupam na festa, sinalizou respectivamente:

A lavagem é um dos melhores momentos desta festa! Porque a maioria das pessoas curtem as lavagens! Poucos curtem a parte religiosa e também as bandas que são colocadas após as missas... haveria a festa do Bonfim sem as lavagens, mas, não com o mesmo

dinamismo que se tem hoje...temos patrocínio de cervejarias, alguns comerciantes, alguns políticos (prefeito e vereadores)...nosso público é familiar com muitas crianças. (Fala de um líder de lavagem no ano de 2014)

Ora, a narrativa revela por um lado o lugar de onde se fala, isto é, alguém que lidera o Clube que há 17 anos sai com camisa e possui 33 anos de existência e que deseja vender abadás, sobretudo para fortalecer tal grupo. Todavia há também um diagnóstico que não nega dimensões religiosas do templo e reinvenção das atrações no palco dos últimos anos, reafirmando o jogo ambivalente da mudança-permanência, mas enfatiza a procura na participação das lavagens. Para tanto destaca as dimensões de segurança e familiaridade. Desta maneira, as lavagens são entendidas como “expressão” e “tradição” popular com muita força na rede-festiva de Muritiba devido às misturas de práticas e matrizes culturais distintas.

Os festejos também são compostos ainda por dimensões de segurança, pois, já que os foliões experimentam uma liberdade-controlada, isto é, uma relativa autonomia, um dos grupos que exerce coerção, controle-ordem é a polícia militar que se faz presente nas lavagens (geralmente um carro na frente, um atrás e alguns policiais no meio da multidão), na praça de largo (um posto da PM é adaptado numa casa) e ainda nas ruas quando há trio. Desta forma, em entrevista um interlocutor abordou que:

... a segurança da festa foi montada a princípio com a base dos anos anteriores e também com base na programação divulgada pela prefeitura, antecipadamente, onde nós sentamos e observamos as necessidades dia a dia se era uma lavagem, se era um trio elétrico, se era um show à noite quais eram as bandas, dependendo de cada dia nós traçamos um policiamento... Esse é o primeiro ano que eu trabalho aqui mais tenho trabalho de seis anos com a lavagem em Cachoeira, com os embalos D' Ajuda que teoricamente é bem parecido... A gente percebe o seguinte: um pequeno grupo acaba se excedendo infelizmente em algumas brincadeiras e o espaço pequeno um se bate no outro e acaba acontecendo algumas confusões, isso nas lavagens. Já nos shows à noite a gente percebe uma diferenciação quanto ao estilo de música... Sempre que parte para uma música mais agitada estilo axé, estilo pagode a tendência é que se tenham mais brigas do que outro estilo musical tipo arrocha. (Fala de um integrante da PM no ano de 2014)

Desta maneira, narrativas tensionadas buscam consolidar-se na rede-festiva, pois disputam-se símbolos materiais e imateriais, assim como representações, posições sociais num misto de estigma-prestígio. De fato, em se tratando da segurança na festa é comum escutar por um lado que a festa está boa sem violência

e sem brigas e, por outro, que “os cabeças de cogumelo” [referência ao capacete da PM] não estão deixando ter brigas nas lavagens, “tão marcando em cima”. Assim sendo:

Há nas festas elementos de conflitos e discórdia. Eles são conduzidos da sociedade para a festa ou são criadas através da festa, e, assim, antagonismos entre categorias de sujeitos sociais são traduzidos como rito e, entre danças e simulações de lutas, ao mesmo tempo expostos e resolvidos. Essa seria apenas uma das funções das festas. (BRANDÃO, 2010, p.25)

Cabe aqui reconhecer que as manifestações culturais estão intimamente ligadas ao contexto simbólico, material e político dos grupos sociais que delas fazem parte. Por isso, se a cultura torna-se em determinado momento produto comercial, que tem preço e mercado de acordo com o nível econômico de cada grupo consumidor, os aparatos de segurança, de atrações musicais e de alimentação na rede-festiva também são pensados para classes sociais específicas, dentre os cidadãos e os turistas. Além do mais, ter brigas e rixas no ambiente da lavagem, sobretudo sem abadá (isso porque nas lavagens com abadá geralmente a liderança preocupa-se em fortalecer a imagem de segurança e familiaridade) já é uma identidade cultural-simbólica, construída historicamente nos embates entre indivíduos que guardavam a vingança para exercê-la no ambiente da festa. Sendo assim, a segurança pública é um elemento indispensável para se pensar na satisfação dos foliões e conseqüentemente para a divulgação da festa para além da cidade. Portanto, para uma festa popular entrar num circuito turístico festivo, precisa saber jogar com a imagem da segurança, divulgando e proporcionando um ambiente harmônico e grandioso.

... teve uma época que estava bem pesada à festa e com os anos até a violência tem diminuído um pouquinho, né? As lavagens têm sido acompanhadas pela Polícia Militar. Eu achei que tá melhor porque já teve muito coisa ruim nas lavagens do Bonfim, né... a festa do Bonfim de Muritiba o que prioriza é a lavagem, ela é o foco. Você vê que as pessoas podem até não ir, mas todo mundo sai de carro tá saindo da praça Getúlio, da praça da Bandeira, até esse movimento é gostoso, entendeu? (Fala de uma empresária no ano de 2015)

Interessa-me perceber então que os investimentos programados pelo poder público local em relação à festividade, têm múltiplas finalidades, mas dependendo do olhar de cada gestão, há maior ou menor difusão da festa. Para quem a festa

está sendo pensada? Para os cidadãos apenas ou para cidadãos e turistas? O objetivo neste momento está em entender que as mediações entre os sujeitos ativos da rede-festiva perpassam acima de tudo no que os mesmos almejam, criam e imaginam para a sua comunidade. Isso porque, ter a Festa do Bonfim reconhecida socialmente é valorizar os próprios habitantes e conseqüentemente instaurar um interesse para além do comercial: o desenvolvimento da autoestima. Detalhe fascinante foi a percepção de um barraqueiro ao refletir no cotidiano como seus objetivos também dependiam da rede de ações e interesses de outros tantos indivíduos:

... barraca é uma coisa difícil! E mais difícil é arrumar alguém para ajudar! Eu coloco há 42 anos! Tem ano que dá e tem ano que não. Tem prefeito que faz festa boa e tem prefeito que não, entendeu? Antigamente a festa era boa! Não tinha banda, não tinha violência. Só era a filarmônica no coreto com poucas barracas... Vem muita gente de fora por causa dessas músicas de hoje. Antigamente você tinha músicas boas, nada indecentes. Fazia gosto assistir a filarmônica tocar, mas hoje é sem-vergonhice no palco... Aumentou muito [as vendas na barraca após as mudanças] vem muita gente de fora para assistir esta festa. (Fala de um barraqueiro no ano de 2014)

A festa, a cidade e, portanto, a cultura é um espaço de disputas, daí, já que nada se encontra isolado numa perspectiva figuracional, o jogo de mudanças-permanências ocorre a partir das tensões, mediações, cumplicidades, ou seja, criando de algum modo uma integração. Mas, então, que matrizes moldam o princípio de integrar inúmeros interesses em jogo? Talvez seja justamente a organização da territorialidade do evento, um importante parâmetro para que as diversas atividades que se instauram à rede-festiva satisfaçam ao mínimo de organização social. Nesse sentido, a Prefeitura Municipal local, com suas secretarias, têm um papel imprescindível na elaboração de regras e normas, sistematizando o evento e instigando à cooperação dos participantes que operam no circuito, oportunizando então o lazer dos foliões, a tradição dos “guardiões da cultura”, a fé dos devotos, o lucro dos empresários, comerciantes, ambulantes e barraqueiros, a divulgação da imagem positiva dos gestores e secretários, a identidade cultural dos cidadãos e por fim a possibilidade de renda temporária para músicos, costureiras, atendentes comerciais, cozinheiras, dentre outras atividades.

Diferente do que muitas vezes imagina o senso comum, a cultura é uma atividade, como toda prática social humana, que requer organização. Uma festa popular, como o carnaval, por exemplo, aparentemente apenas lugar, por excelência, do lúdico e das manifestações espontâneas, não pode se realizar sem um grande esforço de organização. Para realização desta festa que mobiliza, em Salvador, no Rio de Janeiro e em Recife, milhões de pessoas, são necessários grandes recursos financeiros, materiais, técnicos e humanos e, principalmente, articulação precisa entre eles. O carnaval requer, em sua organização, desde medidas relativas à organização do cortejo; inscrição das agremiações carnavalescas; ordem e horário das atrações; decoração e sonorização das ruas e praças; reorganização espacial da cidade; bloqueio do trânsito nas vias em que se realiza a festa; policiamento; limpeza; atendimento de saúde; inspeção sanitária; organização dos serviços de apoio, tais como comércio de bebidas e de alimentos; elaboração de uma arquitetura efêmera para instalar e organizar espacialmente de forma adequada estes serviços na área da festa; definição da localização dos camarotes; inspeção nos trios elétricos e, enfim, certamente muitas outras tarefas que não são possíveis elencar neste espaço, dada a sua multiplicidade e abrangência. (RUBIM, 2005, p. 19)

Um detalhe importante que foi observado nas falas de interlocutores, tanto nas entrevistas semiestruturadas quanto na observação participante, foi a mudança do local do parque. Isso porque os brinquedos ficavam no mesmo local do palco (na Praça do Bonfim), misturando crianças e adultos, o que para muitos gerava certo desconforto no que tange a determinadas danças e músicas, ao uso de bebidas e também a condutas sexuais vistas como inadequadas para menores.

... a festa do Bonfim ela mudou! Mas, tentando melhorar a cada dia mais. Hoje a estrutura da gente aqui em Muritiba é muito melhor que antigamente, já estava muito apertado, o número de gente foi crescendo... [mudança do Parque em relação à praça] Eu acho que foi legal! A criança ficava em um meio que não tinha nada a ver com ela, bebida e tal. Os pais não interagiam com as crianças na festa. Vá montar no parque que eu fico aqui no bar [barraca] esperando. E ali na praça [nova] os pais vão pra brincar com os filhos realmente, é importante! Eu acho que foi uma mudança legal! Os pais saem da praçinha, dão uma volta para comer alguma coisa e volta levando os filhos para casa e depois volta para praça para puder curtir o show, né? (Fala de uma empresária no ano de 2015)

De um modo geral, os suportes de apoio institucional, logístico e infraestrutural para o funcionamento da festa vão cada vez mais sendo ampliados ao longo do crescimento do número dos participantes e das demandas criadas, reinventadas e imaginadas. Foi o que ressaltou um líder de uma das Filarmônicas centenárias da cidade.

... há colocações positivas e negativas em relação às mudanças que ocorreram. Com o crescimento da festa automaticamente o local onde ela é realizada se tornou pequeno, né? Então há necessidade de se expandir, né? A festa que antigamente na parte da noite a novena, as retretas das filarmônicas e o som do parque, né? Da década de oitenta pra cá já houve uma mudança com a introdução de bandas, né? Já na década de dois mil já teve a introdução de lavagens com trio dando um sentido até de um pré-carnaval... Com a ampliação da praça o espaço ficou especificamente para as barracas e para as apresentações musicais e a colocação do parque em outra praça estendendo assim a festa pra mais distante. Tá se ampliando a festa a cada ano. (Fala de um líder de filarmônica em Muritiba no ano de 2014)

Evidentemente que toda narrativa, expressões culturais possuem uma intencionalidade, cujos modos de ser, agir e pensar carregam em seu bojo um paradigma religioso, social, político e econômico. Desta maneira, “a expressão corresponde seja à produção da subjetividade seja à apresentação de si circunstanciada, em que o teor subjetivo adquire exterioridade e se faz componente vital nas coreografias de linguagens que constroem experiências” (FARIAS, 2010, p. 16). Essas experiências são marcadas por jogos de poder. Ou seja, lavagens (com e sem abadá), trio e mercados de serviço se articulam neste contexto.

... é mais um trio e tira as características da festa o que acontece na purificação, na festa D 'Ajuda em Cachoeira, na própria festa do Bonfim a essência é justamente esses embalos aonde tem os mascarados, os “cães” e com a introdução destes tipos de atrações a festa passa a não ser popular, né. Porque pra acompanhar um tipo de programação dessa automaticamente você compra uma camisa, então, descaracteriza um pouquinho o que é a essência da festa do Bonfim.” (Fala de um líder de filarmônica em Muritiba no ano de 2014)

Quem possui legitimidade para rubricar como “popular”, como “essencial” essas práticas culturais onde cada vez mais se busca experiências humanas em tom de folia?

... a relação da lavagem com o trio é que a lavagem é um movimento de rua que desde pequeno que eu presencio que eu vejo e que cresceu. Em relação ao trio eu acredito que seja um movimento diferenciado por que o trio vem com as cordas e a lavagem é um movimento aberto onde não tem corda, é a charanga com o pessoal acompanhando. Já o trio é uma coisa mais isolada onde aquele associado que quer curtir e quer ta dentro das cordas ele paga por um valor e recebe um abadá. Então é uma coisa diferenciada que tem a mesma abrangência, é um movimento de rua! (Fala de um músico, empresário/produtor musical no ano de 2014)

Edson Farias (2012c), citando o antropólogo Leopoldi, sinaliza para um “renascer da carnalidade carioca” o qual vem ocorrendo a partir dos foliões nas ruas (blocos com maior liberdade e criatividade) em detrimento de uma estrutura comum das escolas de samba que se formalizam de maneira hierarquizada e homogeneizada como produto midiático. Contudo, em Muritiba-Ba, as lavagens experimentam um processo (em certa medida) inverso ao do carioca, pois os foliões nas ruas são cooptados cada vez mais por agentes culturais que padronizam o festejar. Desta maneira, o folião em Muritiba começa a padronizar-se e o tom das lavagens, além das dimensões da folia e do brincar, aparecem no mundo globalizado e capitalista como produto cultural. Ou seja, na medida em que o entretenimento institucionaliza-se, há um envolvimento do dinheiro e do poder de mercado.

Ainda utilizando-se de Edson Farias (2015b), agora analisando a turma do Clovis no carnaval carioca, este percebeu que há mudanças na “estrutura” do festejar, isto é, se o grupo (Clovis) era visto como oposição ao paradigma homogêneo carnavalesco (na pesquisa de Alba Zaluar), nos últimos anos, os duelos travados nas ruas nos grupos de bate-bolas (que surgem e desaparecem instantaneamente no carnaval) agora, passa por processos de mediações (tensões) em que a cultura popular é mercantilizada através de elementos simbólicos-concretos na rede-festiva. As fantasias “parceladas” tornam-se então um bom exemplo disso. Nesse sentido Edson Farias abaliza para a dimensão ambivalente do carisma-perigo em tais expressões culturais, assim como, status-estigma, civilidade-barbárie, ordem-confusão. Esses grupos ocupam as ruas como espaço de poder onde os corpos (re)constroem a memória em cada encenação envolvendo, necessariamente, busca por conquista sexual.

Com efeito, as turmas de Clovis possuem características dos “cães” e das lavagens do Bonfim de Muritiba e o uso das máscaras, seja no contexto carnavalesco carioca ou na rede-festiva do recôncavo da Bahia, possibilita um movimento, um esconder-revelar, pois esses sujeitos estariam mais livres de coerções sociais. Desta maneira, para além das caretas mascaradas, a pintura corporal dos “cães” também funciona como máscara, uma vez que, sendo “cães”, seu lugar é o da (des)ordem. Há assim uma encenação, pois, a cultura popular mercantilizada, está ligada a uma ideia de comércio das “tradições”.

Segundo Léa Freitas Perez (2012), “as mudanças, via de regra, são vistas como ameaças à continuidade da tradição” (PEREZ, 2012, p.31) Entretanto, ela insiste, “mudanças não são ameaças à continuidade da tradição, ao contrário, são condições mesmo de sua perpetuação. A tradição permanece justamente porque muda” (PEREZ, 2012, p.32). Daí:

...[sobre mudanças nas lavagens] o tradicional desde que não se rompa totalmente as suas características, mas, que se evolua, é bem aceito. É o que aconteceu com as lavagens que passaram a ter um sentido bloco carnavalesco. Isso foi um pedido do próprio folião. O folião acaba por se inovar com o tempo. Ele chega em Salvador se depara com um trio elétrico. Chega em Santo Amaro se depara com o trio elétrico. Em todos os momentos de festa ele se depara com algo evoluído. E aqui na cidade de Muritiba eles solicitaram do dono da empresa Jagunça Entretenimento, de mim e de outros promoters e do próprio JR para promover esses eventos com características modernas. Com a presença do trio de uma banda agora... A nossa cidade que não comporta! Temos uma estrutura elétrica defasada, ultrapassada que não permitem a passagem de trios elétricos aqui... O povo quer algo novo! Quer Harmonia saindo da entrada da Vila [entrada da cidade para quem vem pela BR 101] até a Praça do Bonfim, mas, o Harmonia não vai passar pela afiação baixa. Não vai correr o risco de ter um acidente com a banda ou até mesmo com o próprio público folião ou quem tá numa residência, né? Então, a evolução ele tem que vir? Tem! Ela é aceita? É! Mas, ela tem que vir de forma estudada, que não gere prejuízo, não gere risco, não gere insegurança. E foi o que aconteceu com a lavagem do JR. A evolução chegou, mas, chegou de forma organizada e estruturada. O cortejo tradicional com os músicos saindo do posto da Vila até a Praça Getúlio foi sensacional! Sem riscos e com um contingente de policiais enorme... Quando chegou na Praça Getúlio, praça também central da cidade, você encontrou uma banda para ofertar o que o folião tava querendo, desejando. Então foi muito interessante essa união do tradicional com o moderno. (Fala de um representante da empresa JR Atacado e Varejo no ano de 2016)

Conforme essa narrativa percebe-se uma combinação de modos de festejar, uma vez que essa empresa proporcionou aos foliões experiências vinculadas ao passado-presente. Entretanto, essas articulações não são simples de realizar. Daí:

A tarefa de organizar a cultura foi realizada historicamente, em outras circunstâncias societárias, por religiosos ou por políticos, pois em grande medida tais manifestações estavam subordinadas a essas esferas sociais. Com a secularização da cultura e sua autonomização enquanto campo social específico – processo assinalado, em termos distintos, por Max Weber e por Pierre Bourdieu – a cultura passou a solicitar profissionais diferenciados e claramente instalados na esfera da cultura. Daí o surgimento das

várias profissões, dentre elas, mais recentemente, os organizadores da cultura. (RUBIM, 2005, p. 20-21)

Embora a manutenção da “tradição” da festa seja um dos aspectos relevantes para a identidade da manifestação cultural, e acima de tudo para as mediações com os “guardiões da cultura”, é válido perceber que as atrações de palco não excluem a participação nas lavagens ou vice versa, pelo contrário, percebe-se que além de complementares, travam um diálogo de enfrentamento, instituindo assim, novos padrões estéticos, rítmicos, performáticos, mas também incorporando valores culturais da “tradição”. Foi o que uma mais nova empresária relatou em entrevista:

... a galera que gosta de festa tá em todos os lugares... Acabou o festival de verão [Salvador] tá todo mundo aqui na festa do Bonfim... até a galera das antigas... é nosso ponto de encontro você acredita? A gente vê os nossos amigos e colegas. Galera que a gente estudou desde o jardim e se encontra aqui no Bonfim... a festa do Bonfim é um ícone de Muritiba que não pode acabar nunca!... as lavagens continuem assim maravilhosas com muita criatividade de atualidades do dia, da vida, né. Os grupos, os meninos super legais todo mundo com roupas de brincar. Que continue tendo os ‘cães’, o ‘cão’ faz parte da festa do Bonfim. As caretas, nada disso pode morrer! Eu peço a Deus que os meus sobrinhos, cheguem até os filhos deles possam ver também. É muito bom! Não tem nada melhor que a festa do Bonfim não! (Fala de uma empresária no ano de 2015)

Ora, atrair novos foliões e garantir a identidade dos nativos faz parte da cumplicidade sempre tensa entre os agentes sociais da rede-festiva. Partindo desse pressuposto é possível ver nas lavagens um fenômeno que carece de um olhar atento em busca da compreensão de símbolos, sentidos e significados que estão em jogo, em disputa, devido a multiplicidade de elementos materiais e imateriais, assim como pela complexidade dos atores sociais envolvidos. Logo, numa combinação de interesses tensionados, o “autêntico” (o inventado e legitimado socialmente) torna-se interessante aos “agentes especializados da cultura”, aos “guardiões da cultura popular” e ao poder público, tendo em vista que o processo de identificação de um determinado grupo e ou comunidade passa também por lógicas identitárias de consumo. Daí percebe-se que existe planejamento de dimensões culturais que são extremamente lucrativas e a festa popular não se encontra fora deste contexto. “A tentativa é realizar o distanciamento das polaridades conceituais rígidas, tais como ‘liberdade’ e ‘determinismo’ em favor de problemas de equilíbrio” (FARIAS, 2010, p. 32-33). Isto é, numa sociedade de consumo, a fé-folia também é negociada.

2.1. FESTA DO BONFIM EM MURITIBA: EXPRESSÕES CULTURAIS EM DISPUTAS



FIGURA 18. Símbolos em Disputa. Arquivo pessoal. 2015.

Percorrendo as ruas da cidade na semana que antecedia o seu aniversário, comecei a vislumbrar, com um olhar misto de pesquisador-morador, os cartazes que foram pendurados em alguns locais do município. Existiam propagandas da saúde, da educação, da realização de obras, da limpeza, do esporte e de outras tantas áreas que se encontram sob a responsabilidade do órgão público municipal. Mas um desses cartazes me causou um sentimento de familiaridade e tão logo estranhei. O “cão” preto apareceu! Ele estava de costas, embora como representante simbólico de preservação e fortalecimento da tradição cultural local. Com efeito, muitas tensões estavam ali, depositadas naquela fonte iconográfica, anunciando que os símbolos estão em disputas e o “cão” preto, que por muito tempo foi ocultado nas paredes pintadas e nos outdoors e cujo contraponto com o Bonfim o fazia símbolo de negação por parte de muitos religiosos, agora, na luta por um espaço de afirmação identitária, vem assumindo a simbologia de expressão cultural de um grupo social!

Com efeito, se o construto textual anterior tinha como proposta refletir as mediações, tensões e cumplicidades na criação e legitimação do imagético de

comunidades festivas a partir das relações de interdependência e interpenetrações entre os diferentes agentes do poder público municipal, os “agentes especializados da cultura” e os “guardiões da cultura popular” numa análise figuracional, neste momento busco refletir questões como: quais elementos materiais e simbólicos compõem uma rede-festiva, gerando legitimidade mercantil? Como pequenas cidades são homogeneizadas por “estruturas festivas modernizantes”, através da negociação da “autenticidade” local?

Evidentemente que esta prática garante um modo de produção da festa homogeneizada que ultrapassa territórios geográficos comuns para sua realização, pois é percebida, mesmo em pequenas cidades do interior, uma “estrutura” que possibilita ao folião um lócus comum ao pertencimento festivo. Com efeito, Muritiba carrega em seu bojo um acervo de peculiaridades simbólicas pertinentes ao âmago da identidade cultural, utilizadas muitas vezes para divulgar a Festa do Senhor do Bonfim. Terra da jaca é uma marca que originou o nome do Bloco Jaca Elétrica, da Copa da Jaca de Futebol, do visgo que não deixa ninguém se desgrudar quando a conhece e experimenta seus atrativos.

Semelhantemente as lavagens da festa do Bonfim de Muritiba acabam carregando uma simbologia peculiar, pois elas formam uma síntese no processo de triangulação fé, folia e consumo, na medida em que mesmo com um avanço e ou investimento no palco com bandas de prestígio nacional, as lavagens, permanecem na festa com grande intensidade. Como e por quê? O percurso feito por mim na festa me faz entender que há uma dimensão significativa de "expressões culturais e populares" nas lavagens e, não menos importante, processos de reinvenção de tal prática nos festejos. Dito de outro modo, a partir de uma imagem metaforicamente familiar aos muritibanos: a charanga tem “visgo de jaca”, assim, cola e não sai facilmente, ou seja, participar das lavagens com e sem camisa é uma experiência encantadora. Eu que gosto de andar de carro, tenho feito o percurso da festa andando, procuro pistas, rastros com intuito de compreender melhor a festa.

... eu acho que cada cidade tem um jeito, né? Mas, como a gente é de Muritiba e a gente não perde por nada a festa do Bonfim de Muritiba. Desde criança eu não me lembro quando foi que eu deixei de participar em janeiro ou fevereiro para prestigiar a festa eu não me lembro. A minha vida toda eu fiquei, certo?... Festa do Bonfim de Muritiba tem uma coisa que é muito atraente, vem gente de tudo que é cidade. Como o povo mesmo fala que é terra da jaca. Quem vem fica, gruda. É um visgo, né? É demais a festa do Bonfim em Muritiba!

Nunca vi nada igual! (Fala de uma empresária no ano de 2015)

Do mesmo modo, um líder das lavagens mais seletivas, ou seja, entre amigos e familiares, ao ser indagado sobre como a lavagem é elaborada e pensada, desde as camisas, até os músicos, o carro da cerveja e da água e até mesmo o valor que é cobrado entre os participantes, a fim de garantir a pequena estrutura, comentou:

... a gente vai misturar a batida da eletrônica misturada com samba, com os instrumentos de sopro e na hora a gente vê o que dá. Muito diferente né... a coisa nasceu no facebook. Eu fiz um comunicado para o pessoal que tava me cobrando, tal. E aí, como é uma coisa bem atual essa onda do rolezinho e o papa jaca é a logomarca do muritibano... papa jaca de rolezinho no Bonfim... não é nenhum movimento de protesto. É um movimento de união, de reencontro com os amigos e a gente vai brincar aí e curtir. (Fala de um líder de lavagem entre amigos e familiares no ano de 2014)

Partindo desse pressuposto, busco dialogar e compreender os jogos que legitimam um imaginário festivo no Recôncavo baiano sobre algumas cidades em detrimento de outras, uma vez que, cidades como: Cachoeira, Maragogipe, Santo Amaro carregam uma “mística” festiva que se naturalizou ao longo dos anos. O que há então de explicações sociológicas históricas, políticas, religiosas, econômicas para compreender o lócus que estas cidades representam no imaginário festivo do Recôncavo? Muritiba também não faz parte deste território?

... isso é um ponto positivo da festa do Bonfim hoje [grandes atrações no palco] além da prefeitura tá valorizando os músicos da terra, ele traz atrações. É o que faz com que as pessoas de fora venham para nossa cidade... (Fala de uma empresária no ano de 2015)

Desta forma, articulações são feitas em prol de uma maior visibilidade da festa, assim como, dos agentes envolvidos neste processo, pois, nela se produz modos de vida que são fortalecidos-rememorados nos grupos que a compõem, deste modo:

A lavagem da JR surgiu há três anos atrás. Depois de tanto investimento feito no público e privado, seu idealizador resolveu criar um evento no contexto da festa do Bonfim. E aí surgiu a lavagem. De início uma pequena lavagem, né? Pequena dependendo do seu olhar, né? Pro olhar de Muritiba já era um evento muito grande, né? Naquele primeiro momento da lavagem ele colocou em torno de 100 músicos, né? Com algumas mil camisas, em torno de quatro e cinco mil camisas no primeiro momento da lavagem. No segundo ano da

lavagem já aumentou o número de músicos. Já trouxe uma configuração melhor com samba de roda, com filhos de Gandhi, mais de 150 músicos, né? Aumentou também o número de camisas, foram oito mil camisas confeccionadas e tudo isso visando a propagação da marca, né? É tudo um plano de marketing! Tá entendendo? É a lavagem bem onerosa aos cofres da empresa, mas, no que se refere a um plano de marketing, de visão é de excelência. Acabou por sacramentar a marca da JR Atacado e Varejo. Aí vem a terceira lavagem que ocorreu neste ano que já foi uma dimensão nunca vista na cidade de Muritiba, né? Milhares de pessoas pelas ruas da cidade e o que aconteceu? Tivemos uma participação de uma banda de nome nacional que foi o Harmonia do Samba, um número maior de músicos já foram 200 músicos, mais de dez mil camisas confeccionadas. O mais interessante é a forma como você participa dessa lavagem. Você compra no mercado determinado valor e ganha uma camisa para participar da lavagem, mas, 50% dessas camisas é doada. Dá para rádio, dá para os amigos próximos... Desde a primeira lavagem ele vem colocando cervejas na estrutura e só foi aumentando, né? Seis mil cervejas, doze mil cervejas e agora, dezoito mil cervejas, mas, depois de nossa contabilidade saiu mais de vinte uma mil cervejas distribuídas, né? (Fala de um representante da empresa JR Atacado e Varejo no ano de 2016).

Seguindo então os passos de Norbert Elias que, para compreender a música (estilo) daquela época em Mozart, precisava entender a estrutura do contexto e, semelhantemente, de Edson Farias, para entender Joãozinho Trinta no carnaval carioca o fez a partir de uma abordagem figuracional eliasiana, logo, procurei olhar para as lavagens nos festejos do Senhor do Bonfim de Muritiba-Ba sobre essa influência em busca de conexões entre o que muda-permanece. Há uma circulação de imagens-representações de expressões culturais na rede-festiva, ou seja, o acesso a bens culturais como momentos de lazer-entretenimento através do consumo de fé-foia, de emoções, de memórias e de prazeres. Uma espécie de liberdade-controlada corpórea cada vez mais potencializada (também) por técnicas audiovisuais proporcionando fluxos e trocas públicas de sentidos. Nesse caso, a festa é percebida mediante o seu caráter arbitrário, logo, a representação da Festa Do Bonfim de Muritiba como expressões culturais do Recôncavo, depende de questões que vão para além dela. Dito de outro modo: valores e gostos de práticas festivas são construtos sociais, logo, históricos e, não menos, arbitrários e políticos. Assim, como ocorre o movimento de mão dupla entre a cultura popular e as políticas culturais? “Quais as condições sociológicas que facultam o aparecimento de temas e questões ligadas ao direito à memória, ao direito à diferença, a relevância atribuída

ao reconhecimento e as identidades político-culturais?”. (FARIAS, 2011, p.7). Ocorre então uma espécie de industrialização do simbólico, logo:

... a aproximação entre política e cultura tornou-se, pois, incontornável e inegociável como processo histórico-social, tanto no que concerne ao crescimento das funções do Estado em torno da produção e do financiamento cultural, tanto no que concerne ao crescimento geral da demanda por bens e serviços simbólicos-culturais, que é um dos processos já mencionados, e que testemunha outros como a aproximação, também estrutural e de longo prazo, entre arte, técnica e memória” (FARIAS, 2011, p.13).

Não restam dúvidas de que essas expressões culturais presentes nos festejos devem ser compreendidas para além de um prisma dicotômico, logo, elas estão em movimento, em fluxo. Daí, tais práticas são “tradicionais” e “modernas” ao mesmo tempo, pois, se por tradição e manifestação popular entende-se os foliões participando das lavagens pelas ruas da cidade abertamente (sem cordas e abadás), vem ocorrendo por sua vez uma ampliação das lavagens padronizadas com cordas e abadás além de uma ênfase (investimento) nas atrações do palco na praça.



FIGURA 19: Fé, folia e consumo. Arquivo Prefeitura Municipal de Muritiba. 2016

Partindo desse pressuposto por que ainda existem as lavagens? Ou melhor, por que elas se multiplicam a cada ano? Com efeito, as lavagens com e sem abadás, tal como os “cães”, manifestam uma espécie de “válvula de escape” do cotidiano burocratizado. Todavia, surge uma inquietação: e quando o que seria a “válvula de

escape” começa a burocratizar-se? Como compreender na festa processos de hegemonia e contra-hegemonia? O carisma tende a institucionalizar-se? A perspectiva racional responsável pelo desencantamento do mundo e, simultaneamente, pela diminuição do grau de fantasia, na contemporaneidade, articula-se com outras esferas da vida e geram ilusão-encantamento através de experiências festivas populares com alto grau de complexidade.

Ora, lavagens, palco, procissões, trios, pranchas, charangas, carreatas, pregão anunciador, bandeiras, são símbolos-locus em disputa. Para além disso, os próprios sujeitos envolvidos, que constituem esses espaços, de forma coletiva (“cão”, muquiranas, caretas, músicos, amazonas e cavaleiros, baianas...), também competem entre si e a cada ano buscam apresentar as mais belas fantasias, ocupar as ruas que ora é deles e ora precisam pagar, entretanto, ao som da charanga, quem fica parado?

2.2 FOLIÕES NA ESTRADA: HOJE TEM FESTA EM MURITIBA

“... vamos pra avenida desfilar, a vida carnavalizar”.

(Tribalistas)

Há sem dúvidas alguma uma aparente contradição neste subtítulo, isto é, uma análise mais simplificada diria: como os foliões estão na estrada se Muritiba não faz parte do imagético festivo do Recôncavo? Ora, ao andar por ruas da cidade e, não menos no largo da praça, foi possível ver-perceber que não ocorre uma demanda de turistificação da referida festa, ou seja, como ocorre na festa da Boa Morte em Cachoeira e ou no São João de Cruz das Almas, onde os hotéis, as pousadas e algumas residências familiares são alugadas, no entanto, o que ocorre no contexto de Muritiba?

Para responder essa questão, penso ser necessário fazer algumas conexões entre minha trajetória de vida dentro de um contexto sócio-histórico, ou seja, neste processo de lembrança-esquecimento, algumas memórias são acionadas e problematizadas para melhor compreender o momento contemporâneo dos festejos, uma vez que, seguindo os passos de Ecléa Bosi: “a memória do individuo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a

igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referências peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 1994, p. 54).

E ainda:

... na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado... A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e do outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (BOSI, 1994, p. 55).

Assim sendo, a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva e a arte de lembrar é engajar uma imagem a outra. Dessa maneira, como explorar as mediações entre festa e memória? Quais imagens (e como) marcaram minha jornada? A memória e a festa são lugares de disputas, deste modo, sociabilidades, fazeres lúdicos, liberações controladas de emoções, experiências de fé-folia-consumo compõem a conexão festa-memória.

Aqui a memória é entendida não como aquilo que diz respeito ao passado, mas sim enquanto modo de articulação entre experiências vividas no fluxo do tempo e, portanto, passadas e presentes. Nestes termos, a memória diz respeito àquilo que, por permanecer presente, ainda que tenha sido experimentado no passado, está acessível no hoje a reelaborações miméticas e, pois, de significados, que, longe de serem lidas como imitação, reconfiguram o vivido em diferenciadas formas de expressão, no mesmo compasso em que, por serem produtos no mundo, igualmente constroem este mundo e suas representações, encerrando já em si elementos do porvir ainda em aberto (GUSMÃO; NERY, 2015, p. 13).

E ainda refletindo pode-se dizer que memória;

... é compreendida como domínio psíquico-social de regulação de lembranças e esquecimentos; passado e presente; apreensão, transmissão e expressão de saberes; posições, disposições e tomadas de posição; e práticas, que concatenam o individual e social, nas tramas dos fluxos cotidianos (GUSMÃO; SANTOS, 2014, p.11).

Com efeito, nasci em Muritiba em 1982 e trago à memória a década de 90 onde eu aguardava da porta e ou janela as lavagens passarem. Devido a uma

socialização protestante, este tipo de festejo representava para mim experiências e práticas que eu não deveria ter. Ainda que de maneira indireta, o discurso no púlpito da igreja era que “Deus reprovava essa manifestação profana e ou diabólica”. Entretanto, é sempre bom ressaltar que uma coisa é o que é dito pela oficialidade dos líderes religiosos e no seu “território sagrado”, isto é, na igreja (templo), outra é o que de fato é feito pelos fiéis e ou oficiais fora dele, assim sendo, lembro que minha (representante da área burocrática da igreja) permitia que seus filhos fossem ir para o parque brincar.

Para quem nasceu neste pedaço de chão, a festa do Bonfim é seu maior símbolo de manifestações culturais populares, logo, para mim, ver as caretas grandes era uma experiência que assustava-encantava simultaneamente. Morria de medo, mas queria ver. Aqueles macacões de operários (cinza, azul, laranja) e aquelas máscaras tenebrosas. Urina em frascos de desodorante e fezes de animais eram sempre uma armadilha nas mãos daqueles foliões. Ah, careta! Quem era você? Quem estava do outro lado? Lembro que algumas me chamavam pelo meu apelido (com uma voz diferente) o que me deixava um pouco mais tranquilo, isto é, imaginava que não iria acontecer nada comigo.

Que a festa tem muitos sons, não é novidade. Todavia, o som dos chocalhos era e continua sendo familiar aos cidadãos, isto é, todos já sabiam e diziam: Lá vem o “cão”. Carrego lembranças de um bando de homens de preto melando, bagunçando e amedrontando as pessoas pelas ruas da cidade. Esses “cães” usavam tridentes, chifres, sapos em gaiolas, chocalhos... Se eu tinha medo das caretas, do “cão” então... Ou seja, além de uma “estética do terror”, torna-se importante salientar que era bastante comum escutar que nas lavagens existiam muitas brigas, facadas, assim, caretas e “cães” eram portadores do estigma da violência.

... a cultura popular mesmo que mercantilizada e estereotipada como é, não é, como as vezes pensamos, a arena onde encontramos quem realmente somos, a verdade da nossa experiência. Ela é uma arena que é profundamente mítica. É um teatro dos desejos populares, um teatro das fantasias populares. É onde descobrimos e jogamos com as identificações de nós mesmos, onde somos imaginados, representados, não somente para as audiências lá fora, que não entendem a mensagem, mas também para nós mesmos pela primeira vez (HALL, 2003, p.348).

Ao escrever este texto recordo-me ainda que era normal acordar pela madrugada ao som dos músicos e ou com meu irmão dizendo: Lá vem o terno! Aí, corríamos para ver as caretas e os foliões tomando as ruas da cidade. Na minha memória, as caretas e o “cão” que pertenciam à lavagem, eram imagens fortes de um emaranhado festivo. A memória é um construto sócio-histórico que se constitui não de forma homogênea e ou universal, nela, há processos de esquecimentos-lembranças ao mesmo tempo, há jogos de ilusões, isto é, de representações sociais, assim:

Partindo da premissa de que o trabalho de construção da memória social é sempre um processo ocorrido no presente, em que atores sociais “recuam no tempo”, em busca do passado, e, concomitante a isso, “avançam no tempo”, vislumbrando perspectivas futuras, com fins de elaborar um enredo verossímilhante que dê conta de significar suas próprias existências... (QUEIROZ; PENTEADO JÚNIOR, 2015, p. 26).

Diante disso, ativando as forças da memória abalizo mais uma experiência da infância. Minha mãe uma vez permitiu que eu e meu irmão saíssemos de caretas. Não me recordo da fantasia dele, mas eu saí com o kimono do karatê dele e alguma máscara. Com efeito, não foi uma boa experiência, pois, meu corpo castrado por uma religiosidade cristã protestante (no Recôncavo) não sabia ser folião, logo, fiquei travado sem saber o que fazer. Hoje, rememorando isso vejo e reafirmo como o pertencimento religioso inculca valores e conseqüentemente formas de agir no mundo, isto é, neste contexto o protestantismo me fez uma “careta boba”. Todavia, não se trata de estabelecer uma simplificação como se de um lado os católicos caem na folia e que os protestantes não sabem dançar. Apenas sinalizo e problematizo minha trajetória, meu olhar em um contexto sócio-histórico específico. A experiência religiosa cristã católica e ou protestante são muito mais complexas.

Desta maneira, vi a festa do Bonfim de Muritiba a partir de outro lugar. Sim, na minha memória não há lugar para o palco e isso não significa que o mesmo não estivesse lá. Vejo inúmeras mudanças-permanências no emaranhado festivo, uma vez que, como já foi dito, as lavagens permanecem, mas não do mesmo modo, isto é, há (também) lavagens com cordas, abadás. Por falar em corda, elas são símbolos de segregação do ato de festejar e, ao mesmo tempo, uma suposta garantia de segurança onde os foliões são capazes de viver uma liberdade-controlada.

Com efeito, qualquer observador, por mais desatento que seja, é capaz de perceber que o poder público local nos últimos anos enfatizou as atrações do palco com bandas de prestígio nacional, onde o discurso de segurança e diminuição da violência tem provocado e ou atraído foliões de outras cidades, ou seja, os foliões na estrada. Assim sendo, o uso das redes sociais com vídeos, imagens, circuito das lavagens e divulgação das atrações do palco diariamente potencializam os festejos. Abalizo ainda que a reforma da praça, o deslocamento do parque e a “consolidação” de empresas de entretenimento assinalam modificações expressivas neste entrelaçado festivo. Logo:

... o patrimônio cultural de uma dada sociedade compreende as diferentes formas de expressões culturais produzidas e articuladas por suas comunidades locais, possibilitando tanto identificações com um certo tipo de continuidade e tradição, quanto um potencial de criatividade cultural e inovação. (TAVARES; BASSI, 2015, p. 9)

Mas quem são mesmo esses foliões na estrada? São novos públicos consumidores do entretenimento! Assim, elementos da festa popular de caráter massivo são espetacularizados, controlados, manipulados e, não menos, mercantilizados. Há assim, um desejo de consumir experiências de vida. Desta forma, o entretenimento ocupa um lugar significativo na contemporaneidade, pois o discurso de garantia de direitos sociais passa também pelo acesso a bens culturais materiais ou imateriais.

Além do mais, para conquistar esses foliões de fora muitas coisas precisavam ser feitas e outras tantas modificadas, isso porque a festa é um lugar de disputas de práticas, imagens e experiências. Deste modo, exemplifico esse jogo de interdependência e interpenetrações a partir do terno da madrugada, na medida em que, diante de narrativas que abalizavam na direção que tais práticas eram demasiadamente violentas e, diante de articulações do poder público local em realizar um maior investimento nas atrações do palco, o que fazer com o terno? Ora, foi necessário realizar sua extinção, mas, o que fazer com aqueles foliões? Com efeito, o fim de uma prática sociocultural pode tornar-se ou ampliam-se outras, isto é, o palco com grandes atrações passou a capturar esses foliões da madrugada em um modo de festejar “mais seguro”.

Neste sentido, a festa do Bonfim de Muritiba no que tange ao palco, as lavagens com abadás e o trio elétrico, provocam foliões na estrada com o intuito de

acessarem a festa. Diante disso, estaria Muritiba vivendo um processo de mercantilização-espetacularização dos seus festejos? Penso que dizer apenas que sim, seria uma redução, pois o papel do pesquisador seria problematizar: quais expressões culturais e como essas metamorfoses estão ocorrendo? E ainda: seria algo específico de Muritiba?

Conforme a reflexão de Tavares e Bassi (2015), no que diz respeito à tradição festiva no entorno da Baía de Todos os Santos, elas ressaltam que ocorre um processo de invisibilidade de muitas expressões culturais gerando um ofuscamento da diversidade festiva. Desta forma:

... a exposição midiaticizada é mais intensa em Salvador, principalmente nas festas do ciclo do verão, que contam com a participação de milhares de turistas e “nativos”, mas também pode ser observada em algumas ocasiões festivas de municípios da BTS [Baía de Todos os Santos], como na Festa da Boa Morte em Cachoeira, no carnaval de Maragogipe ou no São João de São Francisco do Conde. (TAVARES; BASSI, 2015, p.255)

A festa do Bonfim de Muritiba encontra-se neste lugar de pouca visibilidade e ofuscamento em relação a uma dimensão “imagética festiva” do Recôncavo, logo, várias “estratégias” são utilizadas pelo poder público municipal, pelos “agentes especializados da cultura” e os “guardiões da cultura popular” para transformar essa realidade. Percebe-se nos últimos anos o uso intensivo de vídeos-propaganda e da mídia visual da festa produzida pelo poder público local em parceria com o privado com o desejo de atrair novos foliões. De fato, é importante salientar que não se trata necessariamente de estratégias organizadas, delimitadas, direcionadas, uma vez que, percebem-se também muitas improvisações, isto é, na festa ocorrem também desdobramentos inesperados e não planejados.

Sabe-se, por exemplo, que os festejos ocorrem todos os anos e não há uma divulgação prévia das atrações do palco, assim como, das expressões culturais múltiplas no último trimestre de cada ano. Ora, essa simples articulação não poderia fortalecer esta manifestação na rede-festiva no Recôncavo? Desta maneira, a divulgação seria parcial na medida em que, como já foi visto, é na Bandeira e no Pregão (atos anunciadores da festa) que a programação é divulgada.

Segundo o representante de um comerciante da cidade:

Hoje posso dizer que a empresa JR Atacado e Varejo atua em 100% das atividades da cidade, né? Quando ele não arca financeiramente com o patrocínio ele arca com a publicidade. Ele tem uma equipe de locutores, tem um mega carro de som, né? Aí dá pro evento o locutor com o carro de som. Dá a mídia visual também para os eventos, né? Mas, na maioria das vezes é financeiro... seja qual for o evento, de caráter público ou privado. (Fala de um representante da empresa JR Atacado e Varejo)

E ainda:

A lavagem [da JR] chegou para somar e engrandecer o evento. Tornou o evento mais dinâmico, mais popular... Fez com que Muritiba se tornar-se mais conhecida através da festa que claro é centenária, mas, que tava um pouco já em falência diante de seu contexto cultural. Se for fazer um esboço de dez anos atrás, e desses últimos anos, então, a festa renasceu com a lavagem do JR principalmente durante os finais de semana. (Fala de um representante da empresa JR Atacado e Varejo)

Desta forma, pude ver na pesquisa de campo processos de mudanças-permanências a partir de alguns grupos como as caretas e os “cães”. No primeiro, elas continuam utilizando máscaras, brincando, colorindo, todavia, as fantasias são diferentes, ou seja, ainda há macacões de operários, mas, é comum ver nas ruas da cidade principalmente roupas feitas de TNT, fantasias temáticas produzidas por costureiras locais e ou alugadas em estabelecimentos comerciais e pinturas no próprio corpo.



FIGURA 20. Eu sou a sua sombra? Arquivo Primogênito Notícias



FIGURA 21. Padrão diferenciado. Arquivo Roberto Luis.



FIGURA 22. Os panteras! Arquivo Primogênito Notícias



FIGURA 23. Hulk ou cão? Arquivo Pessoal



FIGURA 24. Os Cães de Elite. Arquivo Prefeitura Municipal de Muritiba



FIGURA 25. Operário do medo. Arquivo Pessoal



FIGURA 26. Os Chapolins. Arquivo Prefeitura Municipal de Muritiba



FIGURA 27. O chocalho anuncia. Arquivo Primogênito Notícias

Outrossim, o grupo dos “cães”, sofreram metamorfoses para permanecer, uma vez que, seu teor “diabólico popular” foi diminuído através de uma ênfase em mais uma prática lúdica no circuito da festa. O “cão” foi adestrado-civilizado. Isso não significa que, vez por outra, nos seus modos de agir, de reencenar e rememorar despertando e construindo emoções, no processo de liberdade-controlada, a liberação da dimensão “selvagem-animalesca”, não se sobreponha causando conflitos pelas ruas da cidade.



FIGURA 28. Diabruras do cão. Arquivo Roberto Luis

Com efeito, em campo, vi e ouvi os discursos-regras dos “cães” mais antigos para os mais novos dizendo: “Não sobe no passeio; não brinca com quem você não conhece; não mele as casas e carros”. No entanto, vi e sofri um toque do “cão” (perdi minha camisa), uma espécie de “me bati sem querer”, assim sendo, havia no semblante dele, um riso “bakhtiniano” e um pedido de desculpa. Ora, este simples exemplo aponta para estratégias diversas de ações destes agentes na festa. Semelhantemente, muitas das orientações dadas pelos mais antigos, são parcialmente obedecidas, pois, no dia seguinte de “sair de cão”, é corriqueiro escutar inúmeras queixas sobre os mesmos temas, isto é, cumprimento das regras. Saliento ainda que devido aos vários grupos que saem de “cão” na festa, tornam-se inevitáveis vídeos nas redes sociais de alguns desses agentes brigando nas lavagens.

Desta maneira, tanto no grupo das caretas quanto dos “cães”, percebe-se que a dimensão corpórea é central nas manifestações culturais-populares, ou seja, tanto encoberto quanto exposto, escondem-revelam desejos, pertencimentos, memórias, estratégias, estigmas, prestígios, empoderamentos, etc. Assim,

... a festa é apenas uma, dentre as inúmeras “escolas” do povo. Nela, a Ordem vigente tanto pode ser reproduzida como invertida, dependendo do grau de poder que o povo detém em tais situações. Uma compreensão adequada pode iluminar procedimentos, em que a dimensão lúdica e a pedagógico-política da festa popular se

interfecundem sem cair na manipulação ou esvaziamento (RIBEIRO JÚNIOR, 1982, p. 11).

Diante das alterações-continuações na festa, cabe destacar que nos corpos são criados-recriados constantemente experiências de vida, assim sendo, há um saber incorporado em diversas gerações onde os foliões “jogam seus corpos no mundo” e, diante da liberdade-controlada, do equilíbrio de poder, a festa com suas ambivalências é anunciada tanto para os cidadãos quanto para os foliões de outras cidades que a sentem de maneira diferenciada.

Em conversa com um músico da área percussiva que toca na lavagem foi possível perceber essa maneira distinta de experimentar a festa, pois, o mesmo defende que tocar numa lavagem com caretas e “cães” é muito melhor do que nas lavagens com abadás, uma vez que, segundo ele, se os músicos “empolgam” as lavagens o movimento inverso também é real. Se for assim, o ato de celebrar nas lavagens com e sem abadás gera um desempenho corporal peculiar, isto é, não se trata apenas de foliões na festa, mas, um ethos em que cada grupo e ou indivíduos sociais acessam pertencimentos-emoções próprias.

Desta maneira, é significativo destacar que os processos de mudanças-permanências acontecem tanto na história da festa no que tange a sua estrutura, ou seja, palco, barracas de largo, câmeras de segurança, guardas municipais, maior número de policiais nas lavagens e ou no largo da praça, nos usos variados de aparatos tecnológicos tais como vídeos, mídias visuais, transmissão ao vivo pela internet, fortalecimento de empresas ligadas ao entretenimento, mas, também, isto é, concomitantemente, alterações-continuidades acontecem com os foliões e seus corpos nas possibilidades múltiplas de acessarem expressões culturais durante os dias de festa. De fato, um (re)cria o outro e, neste jogo de tensões, disputas e cumplicidades, um modo específico de festejar é experimentado nas ruas da cidade.

Como pesquisador em campo percebi também que o poder público municipal tem feito um investimento significativo nas atrações do palco, buscando assim, atrair um público cada vez maior. Todavia, outras cidades também não fazem o mesmo? Com efeito, o que faz do bonfim, Bonfim? Para responder a essa questão é necessário observar as contribuições dadas pelo antropólogo Roberto DaMatta (1986), em sua obra: *O que faz o brasil, Brasil?* Segundo este autor, há elementos identitários que fazem com que nos reconheçamos como brasileiros nos pequeníssimos sinais. Quais seriam estes sinais? O Brasil dele é o país do carnaval,

do feijão com arroz, do jeitinho que engana a lei, da hierarquia disfarçada pela cordialidade, da piedade religiosa, do sincretismo, no culto à ordem, da malandragem, do trabalho duro e da preguiça. Ora, a ênfase estabelecida no seu olhar é na especificidade e em dicotomias. Não utilizo esta perspectiva, pois estou em busca de conexões e ambivalências, entretanto, constituo reflexões a partir de algumas inquietações deste teórico, pois o carnaval releva expressões de nacionalidade através de símbolos e manifestações culturais populares, logo,

... será preciso estabelecer uma distinção radical entre um “brasil” escrito com letra minúscula, nome de um tipo de madeira de lei ou de uma feitoria interessada em explorar uma terra como outra qualquer, e o Brasil que designa um povo, uma nação, um conjunto de valores, escolhas e ideais de vida. (DAMATTA, 1986, p. 7)

Semelhantemente o autor Jorge Amado (2011) ao escrever sobre *O país do carnaval* no contexto de 1930 depara-se com questões da existência humana que passam por dimensões de nacionalidade, religiosidade, manifestações culturais, influência de outros países sobre o solo brasileiro. Aponta então através de um dos seus personagens: “o maior problema do Brasil é saber se escreve seu nome com s ou com z” (AMADO, 2011, p.62).

Diante desses pontos é importante abalizar que não se trata da mutação exclusivamente de uma letra, isto é, bonfim (minúsculo) para o Bonfim (maiúsculo), mas, trata-se de um estilo de valores próprios assumidos por foliões-devotos na cidade serrana do Recôncavo. Observei na minha pesquisa de campo manifestações culturais em sua total complexidade de cores e sons, onde muitos cidadãos são convidados a abrirem as portas e janelas de suas casas para ver-experimentar uma festa de caráter massivo na qual ocorrem intersecções entre dimensões de fé-folia-consumo.

Na janela, ao ouvir sons distantes e familiares concomitantemente, alguém sempre gritava e ou grita: “lá vem a lavagem”! Ah, essa pequena e aparente boba narrativa, possui significados múltiplos para os muritibanos... Por isso falar de foliões na estrada é pensar nos vários ex-cidadinos que por estudarem-trabalharem em outras cidades, aproveitam o período da festa (principalmente aos finais de semana) tanto para celebrar a vida nas possibilidades distintas oferecidas na rede-festiva, como, rever familiares e amigos nas lavagens e nas festas de palco.

Desta maneira, percorrendo ruas da cidade percebi a presença de foliões que pegaram a estrada e, para utilizar uma expressão nativa, são foliões que “sobem a serra” compondo também o entrelaçado festivo. Alguns deles são conhecidos de Cachoeira e São Félix. Muitos carros nas ruas que levam à festa e suas placas são de muitas cidades do Recôncavo... Isso ocorre principalmente no sábado e no domingo. Compete lembrar que a escola Polivalente fica bem perto do largo da praça, onde, durante os dias de festa funciona como estacionamento privado, assim, em conversa com um dos seguranças ele sinalizou que durante os finais de semana e dependendo da atração no palco, o número de carros e motos é muito grande³⁶.

De fato, sabe-se que na festa do Bonfim de Muritiba processos intensos de mudanças-permanências ocorrem a cada ano através dos diversos grupos que a compõem. Ao mesmo tempo é válido destacar que esse jogo de mudar-permanecer também perpassa pela concepção de ganhar mais foliões. Ora, é significativo salientar que se trata de uma relativa autonomia que tais foliões (cidadinos ou de fora) exercem no circuito festivo. Assim, seja nas lavagens múltiplas, nas experiências através das atrações do palco, no trio, no templo, na procissão, na carreata, nas barracas de largo, ocorrem mediações-cumplicidades tanto dos foliões em suas múltiplas formas de manifestar-se, assim como entre o “poder público local”, os “agentes especializados da cultura” e os “guardiões da cultura popular”. Busca-se neste emaranhado de interesses um equilíbrio de poder, mas, dependendo do contexto, a balança pode pender mais para alguns setores. Por tudo isso foi possível identificar na pesquisa como a relação público-privado torna-se uma realidade na rede-festiva, isto é, parcerias são feitas como aborda um representante de uma empresa:

Investir na festa é um bom negócio no que diz respeito ao marketing, né? O plano de marketing da empresa foi essencial investir não somente na festa do Bonfim, mas, em todos os eventos públicos ou privados que ocorrem na cidade. Ele alavancou a marca dele em 7 anos, coisa que comerciantes de Muritiba a 30 anos não conseguiram fazer até hoje porque, às vezes, por uma questão retrógrada de se pensar, achando que está gastando dinheiro com publicidade, né? E que não ia ter nenhum tipo de lucro, de participação nisso. Não! Ele vê isso aí como um retorno muito legal para ele porque ele acaba que propagando a marca dele aqui e na região (Fala de um representante da empresa JR Atacado e Varejo).

³⁶ Segundo este segurança são cerca de 50 carros (10,00 cada) e quase 200 motos (5,00 cada) por noite nos finais de semana.

E ainda:

A prefeitura buscou junto ao JR e tantas outras empresas um apoio e o apoio do JR foi na festa do Bonfim conceder uma parte em espécie, em dinheiro, para poder se realizar o evento e a outra parte era a questão de estrutura da festa, né? A questão da aparência da festa, do visual que foi também todo por conta do JR. A entrada, os enfeites, toda essa ornamentação da festa do Bonfim... em contrapartida, as placas divulgavam a sua marca. (Fala de um representante da empresa JR Atacado e Varejo)

Por tudo isso, podemos dizer que os foliões na estrada sejam talvez mais uma chave para compreender o tipo de reconhecimento que a Festa do Bonfim possui na busca de ultrapassar seus limites territoriais. Ora, o poder público tem investido na “imagem da festa”. Daí, de modo algum se pode negar que para atrair foliões de outras cidades as estratégias têm sido o palco, as lavagens com abadás e o trio, assim, somando-se a isso, constroem-se discursos de um sistema amplo de segurança onde o folião pode “jogar-se na festa” e experimentar uma liberdade, embora controlada. Portanto a Festa do Senhor do Bonfim de Muritiba vem entrando na disputa por uma massa festiva, a qual mediante a propaganda midiática e o incremento do consumo, o governo público local busca desenvolver a espetacularização da festa, seduzindo cada vez mais foliões de outras cidades.

Em contrapartida sabe-se que o apelo turístico para além do consumo de prazer acarreta também um novo olhar para a rede-festiva, atraindo pesquisadores e curiosos ansiosos para compreender os sentidos e significados religiosos-profanos da festa e vendedores ambulantes das cidades vizinhas que ao notar um crescimento da população festiva também caem na estrada com seus carrinhos de pipoca, cachorro-quente, churros, bebidas e ou até mesmo brinquedos e adereços de fantasias. Ainda é válido destacar que os taxistas também são acionados para cair na estrada, em especial nas madrugadas. Nesse caso os foliões na estrada implicam em mais indivíduos na estrada, os quais com interesses distintos vão compondo essa rede de interdependência, além de estimular novos investidores em hotéis e pousadas, haja vista que Muritiba é um município carente nessa área. Todavia, enquanto não existem hospedagens suficientes, as famílias muritibanas vão se preparando para receber seus parentes e amigos, enchendo a despensa, jogando colchões no chão e ficando cientes de que irão voltar, pois quem experimenta dessa jaca não tem como livrar-se do visgo.

Partindo desse pressuposto é importante ressaltar o quanto se depende de uma organização que vem do estado (da Bahia) e da União, com políticas de promoção à cultura. No entanto, tais estratégias apontadas até então se tratam, de articulações amplas, nas quais se movimentam as cidades e as estratégias municipais. No caso de Muritiba, a estratégia está clara. Assim, é imprescindível reafirmar que o valor de uma festa e sua popularidade não dizem respeito a uma suposta essência da mesma. Seu valor e popularidade dependem de mediações e estratégias, sem que haja um caminho único para a visibilidade. Em meio a tensões e harmonizações, agentes ligados à festa de Muritiba vêm se movimentando num sentido possível de construção da rede-festiva com a intenção, como visto, de torná-la mais conhecida e desejada por muritibanos e não-muritibanos. O resultado dessas ações ainda é uma incógnita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: FIM DE FESTA...

Por mais alegre que seja, não há festa que não tenha um travo de tristeza.
(Léa Freitas Perez)

Está chegando a hora\ o dia já vem raiando meu bem\ e eu tenho que ir embora. (Marchinha de carnaval)

Diante da fruição da festa do Bonfim de Muritiba, reverbero estar consciente que meu texto não deixa de ser uma redução, uma limitação, ou seja, relatos de experiências racionalizadas do que vi, senti, escutei e compreendi neste fenômeno social demasiadamente complexo. Acredito que meu texto é um som, uma narrativa, um pincel, uma imagem da festa. Ora, se ele é mais uma narrativa, onde está sua relevância? Parto do pressuposto que a pergunta feita, o uso da abordagem teórico-metodológica, o contexto sócio-histórico, o pesquisador, o território de identidades e, somando a tudo isso, o reconhecimento de escassez de pesquisas científicas voltadas para as manifestações culturais da cidade serrana já seriam pontos a serem considerados.

Assim sendo, para utilizar uma imagem familiar dos muritibanos, poderia dizer que a totalidade da festa do Bonfim seria uma jaqueira centenária, frondosa e frutífera. Eu tive acesso e logo provei apenas alguns bagos de uma jaca desta árvore. Não me pergunte quantos bagos uma jaca possui. Não era esse meu interesse. Sei somente que não evitei o contato com ela com medo do seu visgo. Confesso: foi um terror para limpar-me. Sei apenas dizer o que senti ao experimentá-la. Assim, a despeito de um processo cheio de riscos ao subir na jaqueira, fui à busca da fruta que insistentemente disseram para eu não provar. Todavia, assumi o risco e posso dizer com sorriso nos lábios que a jaca era bem saborosa! Imagino também que outras jacas poderiam existir naquela jaqueira, mas, do ângulo e da posição que encontrava-me, não foi possível visualizá-las.

De fato, há jogos de saberes, poderes numa festa de largo, isto é, há outras jaqueiras em Muritiba, assim como, em muitas cidades do Recôncavo. Eu, como pesquisador, também joguei o jogo através das cartas que tinha nas mãos, vez por outra, “meladas de visgo”. Ora, chegando ao final deste percurso de pesquisa declaro e persisto: ser muritibano e líder religioso é ocupar um lugar dúbio, pois tanto ajuda na inserção de lugares, de grupos e na relação com os interlocutores, como possui um aspecto perigoso-coercitivo, assim, suspeito que o processo de vigilância no que diz respeito às múltiplas identidades que possuo seja mais intenso.

Dito de outra maneira: o texto não trata de uma militância por território cultural, não versa sobre uma reprodução do senso comum, não aborda um relato pastoral que demoniza outras crenças, mas é um texto que assume os critérios de cientificidade, mas não nega a necessidade e desejo de ser lido para além dos pares acadêmicos. Assim, busco ainda um equilíbrio, um estilo de escrita entre fronteiras, onde, o rigor científico não seja inimigo da leveza que há nas penas dos poetas.

Desta forma, abalizo que andei abundantemente por ruas da cidade durante a festa do Bonfim. Fui a missas, fui a lavagens, fui ao parque, fui às barracas de largo, fui à procissão, ouvi as filarmônicas centenárias da cidade apresentar-se no largo da praça, etc. Algumas pessoas mais próximas brincaram comigo dizendo que eu “fingia pesquisar” só para participar dos festejos. Ora, poderia dizer que essa narrativa é uma “verdade simplificada”, pois é inegável que na rua, na janela e na casa, pude experimentar emoções diferentes, ou seja, não admitir isso seria uma fraude minha. Vi a festa bem de perto, assim, senti cheiros e sabores como nunca imaginei e, ainda que de forma parcial, também acessei memórias e imagens, logo, pude amadurecer enquanto ministro religioso e muritibano neste envolvimento com a festa. Entretanto, tal envolvimento é também marcado no contexto da pesquisa por dimensões de distanciamentos, de modo que racionalizei-problematizei o que vi-senti no entrelaçado festivo.

Desta maneira, o mote da pesquisa estava em compreender como se davam as relações de fé-folia-consumo no Bonfim de Muritiba, logo, busquei refletir as figurações nesta rede-festiva e seus aspectos de ambivalências que envolvem necessariamente processos de mudanças-permanências não apenas pela influência de aparatos tecnológicos na estrutura da festa, isto é, palco, som, iluminação, marketing da festa e comerciantes locais, uso intensivo de redes sociais, sistemas de segurança, articulações entre secretarias da cidade, mas, somando-se a tudo isso, há processos de (re)criações do modo como os devotos-foliões em sua dimensão corpórea experimentam a festa.

Com efeito, compreendi e persisto afirmando que o uso das mídias audiovisuais atreladas ao jogo de marketing da festa que abrange o poder público local, os “agentes especializados da cultura” e os “guardiões da cultura popular” têm a capacidade de impulsionar uma nova forma de relacionar-se com a cultura popular, sobretudo mediante a exacerbação do consumo onde o entretenimento faz-se necessário também como símbolo de cidadania.

Realizar a festa do Bonfim de Muritiba é poder articular parcerias entre o público-privado numa afinidade de extrema complexidade, onde tanto a festa quanto grupos comerciais se fortalecem, porém, não se pode deixar de lado, as astúcias, as estratégias, as mediações dos grupos populares de cada localidade, que durante o período de festa movimentam-se para permanecer na festa. De fato, os pequenos comerciantes locais e temporários, na sua maioria desempregados ou subempregados, aproveitam as “espetacularizações” das festas para obter alguma renda e reorganizar a economia familiar por certo período. São os vendedores ambulantes com suas barraquinhas e ou carrinhos de comidas e bebidas, são os parques, são as lojas de roupas e calçados, salões e barbearias, supermercados e lanchonetes, lojas de fantasias e costureiras locais, etc.

No caso da referida festa, assiste-se mediações, tensões e cumplicidades entre os diversos grupos que a compõem, assim sendo, diante de elasticidades invisíveis e relações de poder, tais grupos movimentam-se numa liberdade-controlada entre o pátio e o templo, o largo da praça, as casas, janelas e, não menos, ruas, praças e esquinas da cidade.

Na realidade, durante a pesquisa surgiu diante de mim a seguinte indagação: se as atrações do palco tem sido um espaço privilegiado na festa, por que e como as lavagens permanecem? Percebi então um jogo de modificações-permanências na rede-festiva, em que não se podem negar a força, a beleza e grandeza das lavagens populares com presença de músicos, “cães”, caretas, fantasiados, muquiranas, etc, arrastando multidões pelas ruas, mas, também, não se nega o crescimento cada vez maior das empresas de eventos, com suas lavagens personalizadas mediante camisas e trios elétricos, mercantilizando o evento e promovendo uma separação-distinção entre quem e como pode participar. Contudo, torna-se importante abalizar que não apenas os abadás são símbolos de consumo, pois, máscaras e fantasias também revelam estes aspectos.

Há assim imagens-narrativas da festa em disputa onde cada grupo de devotos-foliões acessa e constrói concomitantemente memórias e, ainda, exercem sua relativa autonomia nos vários circuitos que lhe são proporcionados. Sinalizo aqui que as lavagens revelam um fenômeno que carece de um olhar atento em busca da compreensão de símbolos, sentidos e significados que estão em jogo, em disputa, devido a multiplicidade de elementos materiais e imateriais que elas possuem, assim como, pela complexidade dos atores sociais envolvidos.

Logo, numa combinação de interesses tensionados, o “autêntico” (o inventado e legitimado socialmente), sob o domínio dos “guardiões da cultura popular”, torna-se interessante aos “agentes especializados da cultura”, que atrelados com o poder público local nas festas populares de caráter massivo, melhor dizendo, elementos e ou momentos dela são racionalizadas, assim sendo, cria-se a necessidade do consumo de “ilusões”, ou seja, numa sociedade marcada pelo consumo, negocia-se “encantamento” e a fé-folia mistura-se ao entretenimento.

De resto, mas sem pretensão de encerrar o debate, cabe pensar que a festa vem acontecendo na igreja, no parque de diversões, nas barracas de largo, nos pregões e charangas, nas filarmônicas, nas procissões, nas novenas, nas visitas pastorais, nas praças e ruas da cidade através das lavagens, dos trios e das atrações no palco. Entretanto, foram as lavagens em suas múltiplas maneiras de existir que busquei compreender, uma vez que sua “magia”, isto é, seu “visgo” envolve temor-diversão, ordem-subversão e, ainda, disputas de posições sociais dentro da festa. Residiria nela e nos grupos que a compõem uma dimensão de “autenticidade” que pode ser mercantilizada? Daí que percorri entre o sino do Bonfim e o chocalho do “cão” em busca da festa como uma totalidade tensionada complexa de narrativas, símbolos materiais e imateriais revelados-ocultados em dimensões corpóreas dos devotos-foliões que todos os anos são rememorados e reinventados ao mesmo tempo.

Pode-se dizer que a festa é feita por muitos sons, assim, o sino, o chocalho, a charanga, o trio, os brados, os rojões de foguetes, as palmas, os cochichos e, sobre este último aspecto, ouvi grupos que apontavam a necessidade de aproveitar a última lavagem e a última atração no palco até o fim. É comum na festa perceber grupos que festejam entre a lua e o sol, depois vão para casa cantando, fazendo batuques e dando brados pelas ruas da cidade. Lembro de encontrar numa manhã de domingo um desses grupos fazendo churrasco, bebendo cerveja e dançando numa esquina da cidade. Fiquei curioso e perguntei a um deles o que significava aquilo. Imediatamente, um conhecido aparentemente um tanto que embriagado disse que curtiram a festa no palco na noite anterior e estavam fazendo mais festa para aguentar ir para uma lavagem que ocorreria naquela manhã, isto é, alegou que se fossem dormir iriam perder a hora da lavagem.

Saliento que tal grupo revela para além de uma resistência corporal na luta contra o sono, uma demonstração profunda de quanto a relação fé-folia-consumo

adentra em seus corpos mediante o ato de festejar. Somando-se a isso confirma o desejo da prefeitura local em gerar um sentimento de pertencimento e reciprocidade nos grupos que compõem a festa. Daí a produção e difusão de vídeos nas redes sociais agradecendo a participação dos foliões, pois a festa é feita para e com a presença deles, isto é, uma dinâmica onde um (re)constrói o outro. Deste modo, tais vídeos tanto sinalizam que a festa está chegando ao fim como, simultaneamente, criam sínteses, memórias e, não menos, potencializam a festa e a cidade no território do Recôncavo.

Compreendi na pesquisa que o Bonfim de Muritiba é marcado por acontecimentos não lineares e demasiadamente fixos, de tal modo que elucidado a partir de determinados episódios, a saber: a lavagem da ressaca, os ternos e o trio. Sim, perante a procissão e as atrações no palco de uma segunda-feira, a festa oficialmente se encerra. Entretanto, muitas pessoas desejam festejar um pouco mais, deste modo, na terça-feira em outro contexto histórico, satisfaziam esses desejos na “lavagem da ressaca”. Tal acontecimento foi extinto e, uma das razões, foi devido a falta de autorização da Polícia Militar, isto é, os contratos firmados entre a PM e a prefeitura encerravam na segunda pela noite formando os onze dias de festa.

Contudo, no ano de 2015 foi feita uma homenagem a “galera” (homossexual, negro, popular que realizava performances dançantes nos palcos e fanfarras da cidade e que foi assassinado), logo, de forma extraoficial e com o número reduzido da PM, houve naquele ano específico o retorno da lavagem da ressaca, onde, mais uma vez, as ruas foram tomadas por foliões.

Igualmente, um grupo de amigos no ano de 2016 articulou-se com o intuito de desempenhar um terno a fantasia às cinco da manhã, porém, em meio a uma falta de divulgação maior, a um efetivo pequeno da PM, o sentimento de insegurança termina impedindo uma participação mais intensa dos foliões. Deste modo, mesmo que a festa de caráter massivo seja um fenômeno social onde exista uma dimensão aparente de que nela tudo se pode, tal fenômeno é marcado por perspectivas de ambivalências onde os foliões movimentam-se em uma liberdade-controlada, logo, mesmo sendo impossível eliminar conflitos que por vezes levam a morte nesses espaços, no Bonfim de Muritiba, a grande maioria dos foliões com quem tive contato, busca um modo de festejar onde seja garantida proteção e segurança. Ressalto ainda que a presença do trio na festa não é algo estável, ou seja, depende tanto da

ação dos “agentes especializados da cultura” quanto do poder público local sua aparição ou não na rede-festiva, entretanto, assim como nos ternos de 2016, os foliões (cidadinos e visitantes) almejam um divertimento seguro.

Com efeito, o Bonfim de Muritiba é uma mistura de credos, cores, sons, cheiros e sabores. Nos meus 33 anos fui capaz de visualizar processos de transformações-permanências, onde narrativas, símbolos materiais e imateriais foram disputados pelo poder público local, pelos “agentes especializados da cultura” e pelos “guardiões da cultura popular”. Vi surgindo novas máscaras, fantasias, pinturas corporais, abadás, trio, aparatos tecnológicos. Vi pastores demonizando a festa e suas expressões culturais. Vi católicos que assumem a experiência do templo negando os acontecimentos populares nas ruas. Vi foliões-devotos que acessavam o templo-pátio e, não menos, a rua. Vi adultos levando crianças nos ombros ao som das lavagens. Vi muita gente nas janelas e sentadas nas portas de suas casas. Vi a festa polifônica cumprir um ritual de devoção, diversão e consumo.

Todavia, terminei essa pesquisa com a seguinte inquietação: se as características da Festa do Senhor do Bonfim de Muritiba a aproximam de diferentes outras festas de rua de caráter massivo, por que a mencionada festa não é conhecida/reconhecida como uma festa de destaque no e do Recôncavo? Ou seja, como compreender sociologicamente a elaboração de processos valorativos entre as manifestações culturais? Assim, quais seriam as mediações, os conflitos e as cumplicidades que legitimam-potencializam algumas cidades (enquanto portadoras de um imagético festivus) em detrimento de outras? Dito de outra forma, o que leva as jaqueiras de uma cidade a serem mais importantes que as de outras cidades? Quem possui legitimidade de defendê-las como mais bonitas e saborosas? Desta maneira, é possível que agora eu pegue a estrada e, entre a cidade serrana do Recôncavo e a cidade heróica, busque o “visgo” existente entre o Sr. do Bonfim e nossa Sr^a D’ajuda.

REFERÊNCIAS

ALVES, Elder Patrick Maia. *Cultura popular, patrimônio e mercado: o consumo das performances folclórico-artísticas*. 2006. II ENECULT. Facom, UFBA. Salvador. http://www.cult.ufba.br/enecul2006/elder_alves.pdf. (acesso no dia 27-09-15 às 11h48min).

_____. *Diversidade cultural, patrimônio cultural material e cultura popular: a Unesco e a construção de um universalismo global*. *Soc. estado*. [online]. 2010a, vol.25, n.3, pp. 539-560. <http://www.scielo.br/pdf/se/v25n3/07.pdf>. (acesso no dia 27-09-2015 às 11h46min).

_____. Os consumidores de emoções: Consumindo “autenticidade” e experimentando o sertão. In: FARIAS, Edson (Org.). *Práticas Culturais nos Fluxos de Redes da sociedade de Consumidores*. Brasília (DF): DPP -UnB, Verbis Editora, 2010b.

AMARAL, Rita. Para uma antropologia da festa: questões metodológico-organizativas do campo festivo brasileiro. IN: PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania (Org.). *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. *Tradição Cultural, diversidade e interculturalidade. Tradições Sertânicas: por uma Pegadogia do Fuxico*. 2013. Disponível em http://www.chubut.edu.ar/descargas/secundaria/congreso/INTERCULTURALBILINGUE/RLE2332_AlmirLima.pdf. Consultado em Março de 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARBALHO, Alexandre. Política Cultural. IN: RUBIM, Linda. (org) *Organização e Produção da Cultura*. Salvador: EDUFBA, 2005.

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Tradução, Marcus Penchel. Rio De Janeiro: Zahar, 1999.

_____. *Vida Para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. 2008.

BERGER, Peter L. *Perspectivas Sociológicas: uma visão humanística*. Tradução de Donaldson M. Garschagen. 30 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BÍBLIA. Habacuque. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: PAULUS, 2002. Habacuque 3, vers. 17-18.

BÍBLIA. Hebreus. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: PAULUS, 2002. Hebreus 11, vers. 1.

BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Prece e Folia, Festa e Romaria*. São Paulo: Ideias & Letras, 2010.

BRITO, Nelson. *MURITIBA - Resgatando sua história. Uma coletânea através dos tempos, Muritiba*: JM GRÁFICA & EDITORA LTDA, 2012.

BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANCLINI, Nestor. *Culturas Híbridas*, São Paulo, Edusp, 2013.

CASTRO, Anfilóbio. *Histórias e estrelas de Muritiba*. [s.l]: [s.e]. 1941.

CASTRO, Janio Roque B. de. *Da casa à Praça Pública: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano*. Salvador: EDUFBA, 2012.

_____. A Questão Cultural no Espaço Urbano de Pequenas Cidades na Contemporaneidade: reflexões a partir de alguns conceitos. IN: DIAS, Patrícia Chame. BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. *Cidades médias e pequenas: dinâmicas espaciais, contradições e perspectivas na relação cidade-campo*. Salvador: SEI, 2015.

CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor (org.). *Festa e Corpo*. As expressões artísticas e culturais nas festas populares baianas. Salvador: EDUFBA, 2014.

_____. GUSMÃO. Milene Mabel Santos. Os corpos dançantes e brincantes no terno da Alvorada na Festa d'Ajuda. CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor (org.). *Festa e Corpo*. As expressões artísticas e culturais nas festas populares baianas. Salvador: EDUFBA, 2014.

CARDOSO, de Oliveira, Roberto. *O trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever*. 2 ed. 2006.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de Fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 21ª edição. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica - Antropologia e Literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1998. (Org. José Reginaldo Santos Gonçalves).

COUTO, Edilece Souza. *Tempo de Festas: Homenagens a Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940)*. Salvador: EDUFBA, 2010.

_____. "Lavar o Santo": Ritual afro-católico na Festa do Senhor do Bonfim, Salvador-BA. IN: SILVA, Elizete, NEVES, Erivaldo Fagundes (orgs). *Cultura, Sociedade & Política: ideias, métodos e fontes na investigação histórica*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.

COX, Harvey. *A festa dos foliões*. Tradução de Edmundo Binder. Petrópolis-RJ: Vozes, 1974.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais/ Denys Cucho; tradução de Viviane Ribeiro*. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

_____. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1997

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DUVIGNAUD, Jean. *Festas e Civilizações*. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará & Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.

ELIAS, Norbert. *Mozart: Sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. *Norbert Elias por Ele mesmo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. *Introdução à sociologia*. Lisboa-Portugal: Edições 70, LDA, 2008.

ELIAS, N., DUNNING, E. *A Busca da Excitação*. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: DIFEL, 1992.

ELIAS, Norbert. SCOTSON, Jonh L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FARIAS, Edson. *Paulo da Portela: um herói civilizador*. Salvador, Caderno CRH, n. 30/31, jan./dez. 1999.

_____. Carnaval carioca, a matriz do negócio do ócio brasileiro. *Caderno CRH*, número 38, Jan/Jun. 2003, pp. 177-2008a. Salvador

_____. Quando Inovar é Apelar a Tradição – a condição baiana frente à modernização turística. *Caderno CRH*, vol. 21, número 54, Set/Dez 2008b, pp. 571-599. Salvador.

_____. O que pode a triangulação entre dinheiro, expressões culturais e esfera pública nos dizer sobre a diversidade e a universalidade? IN: CASTRO, AL.,

(org). *Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades: olhares sobre corpo, mídia e novas tecnologias* [online]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 213 p. ISBN 978-85-7983-095-2. Available from SciELO Books, Editora UNESP.

_____. O que pode a triangulação entre dinheiro, expressões culturais e esfera pública nos dizer sobre diversidade e universalidade? In: CASTRO, Ana Lúcia de (org.). *Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades: olhares sobre o corpo e as novas tecnologias*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 11-40.

_____. *Ócio e negócio: festas populares e entretenimento turismo no Brasil*. 1ª edição. Curitiba: Appris, 2011.

_____. Personalidade artística nos negócios mundanos: a celebração do “gosto do povo” em Joãosinho Trinta. *Sociedade e Estado*, vol. 27, núm. 3, setembro-dezembro. 2012a, pp. 594-625 Universidade de Brasília- Brasília, Brasil.

_____. Horizontes de uma Sociologia das Expressões a partir de Norbert Elias. Comunicação à mesa redonda “Teorias, Símbolos e expressões em Sociologia do Conhecimento.” *XIV Simpósio Internacional Processos Civilizadores: Civilidade, Fronteiras e Diversidade*. CAPES, 2012b.

_____. Hoje é festa na metrópole: considerações sobre expressões lúdico-estéticas no carnaval carioca. IN: RUBIM, Linda. MIRANDA, Nadja. (organizadoras). *Estudos da Festa*. Salvador: Edufba, 2012c. 278 p. - (Coleção CULT; n. 11)

_____. O Saber Carnavalesco: Criação, Ilusão e Tradição no Carnaval Carioca. *Sociologia & Antropologia*, vol. 05, Abril, 2015a, pp. 207-243. Rio de Janeiro.

_____. Morte e estilo entre os bate-bolas: a ambiguidade nas performances nas turmas de Clovis no carnaval carioca. IN: GUSMÃO, Milene de Cássia Silveira; NERY, Maria Salete (orgs). *Memória e expressões culturais: tessituras entre tempos e fazeres*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2015b.

FERRETI, Sérgio F. Estudos sobre festas religiosas populares, In: RUBIM, MIRANDA (orgs.). *Estudos da festa*, 2012.

GEERTZ, Clifford - *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da Identidade deteriorada*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GUSMÃO, Milene de Cássia Silveira; NERY, Maria Salete (orgs). *Memória e expressões culturais: tessituras entre tempos e fazeres*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2015b.

GUSMÃO, Milene de Cássia Silveira; SANTOS, Raquel Costa. (organizadoras). *Memória e Cultura: Itinerários biográficos, trajetórias e relações geracionais*. Vitória da Conquista: UESB, 2014.

HALL, Stuart. Que “Negro” é esse na Cultura Negra? In: HALL, Stuart. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 335-349.

HOBBSAWM, Eric & Terence Ranger (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 9ª Ed, São Paulo: Ática, 1992.

MAGNANI, J. Guilherme, *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom, HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MENEZES, Renata de Castro. Tradição e atualidade no estudo das festas: uma leitura de Saint Besse, de Robert Hertz. IN: PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania (Org.). *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

MUCHEMBLED, Robert. *Uma história do diabo: séculos XII e XX*. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. *Trajetos e Memórias*. São Paulo: Brasiliense, 2010.

_____. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

PEREZ, Léa Freitas. *Festa, religião e cidade: corpo e alma do Brasil*. Porto Alegre: Medianiz, 2011.

_____. Introdução. IN: PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania (Org.). *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

PESCE, Lucila; ABREU, Claudia Barcelos de Moura. Pesquisa qualitativa: considerações sobre as bases filosóficas e os princípios norteadores. *Revista Educação e Contemporaneidade*. v. 22, n. 40, jul.-dez. 2013. p. 19-30.

QUEIROZ, Vítor. PENTEADO JÚNIOR, Wilson. Casca de coco no terreiro: família, escravidão e memória nos pontos de jongo contemporâneos. IN: GUSMÃO, Milene de Cássia Silveira; NERY, Maria Salete (orgs.). *Memória e expressões culturais: tessituras entre tempos e fazeres*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2015.

RIBEIRO JÚNIOR, José Cláudio Noel: *A Festa do povo: pedagogia da resistência*. Petrópolis: Vozes, 1982

RUBIM, Linda. Produção Cultural. IN: RUBIM, Linda. (org) *Organização e Produção da Cultura*. Salvador: EDUFBA, 2005.

SANTOS, Júlia Monteiro Oliveira. SERPA, Angelo. O Território do Recôncavo. IN: SERPA, (org). *Territórios da Bahia: regionalização, cultura e identidade*. Salvador: EDUFBA, 2015

SERRA, Ordep. *Rumores de Festa: O Sagrado e o Profano na Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2009.

TAVARES, Fátima. BASSI, Francesca (organizadoras). *Festas na Baía de Todos os Santos: visibilizando diversidades, territórios, sociabilidades*. Salvador: EDUFBA, 2015.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. *A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos*. Comunicado apresentado no Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares, fev./ 2005 em Brasília –DF. Evento promovido pelo Minc.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 7- 72.